#PRONTOFALEI

Minha vida em palavras

Flavio Queiroz

#PRONTOFALEI

Minha vida em palavras

editora Gregory

Copyright © Flavio Queiroz, 2019

DIREÇÃO EDITORIAL
Regina Gregório

REVISÃO
Fernanda Rizzo

CAPA
Anderson Macedo

FOTOS
Arquivo Pessoal

DIAGRAMAÇÃO
Douglas Junior

IMPRESSÃO E ACABAMENTO

**CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ**

Q44p

Queiroz, Flávio Luis Figundio
#prontofalei minha vida em palavras : Renata Banhara / Flávio Luis Figundio Queiroz. - 1. ed. - São Paulo : Gregory, 2019.
160 p. : il. ; 23 cm.

ISBN 9786580347209

1. Banhara, Renata, 1975-. 2. Modelos (Pessoas) - Brasil - Biografia. I. Título.

19-60433

CDD: 927.4692
CDU: 929:391-52

Meri Gleice Rodrigues de Souza - Bibliotecária CRB-7/6439

04/10/2019 11/10/2019

É proibida a reprodução total ou parcial da obra, de qualquer forma ou por qualquer meio, sem a autorização prévia e por escrito do autor e da editora. A violação dos Direitos Autorais (Lei n.º 9610/98) é crime estabelecido pelo artigo 184 do Código Penal.

Copyright © Editora Gregory.

editora Gregory

Rua: Lázaro José Gonçalves, 239 – Jd. Avelino.
03227-060 – São Paulo/SP
Telefone: (11) 4508-2048
E-mail: comercial@editoragregory.com.br
Sites: www.editoragregory.com.br / www.livrariagregory.com.br

CONTEÚDO

INTRODUÇÃO
9 ..... "PORQUÊS" E "COMOS"

CAPITULO UM
15 ..... DEUS, O SENHOR ME ODEIA?

CAPÍTULO DOIS
19 ..... POR QUE RENATA?

CAPÍTULO TRÊS
29 ..... NOSSA... COMO DOÍA!

CAPÍTULO QUATRO
37 ..... ORGULHO EM SERVIR

CAPÍTULO CINCO
45 ..... VIROU UM FÓSSIL

CAPÍTULO SEIS
53 ..... APEDREJADA EM PRAÇA PÚBLICA

CAPÍTULO SETE
63 ..... UBA, UBA, UBA, Ê

CAPÍTULO OITO
73 ..... FOI BOM... ENQUANTO DUROU

CAPÍTULO NOVE
81 ..... FELIZ DIA DOS PAIS

CAPÍTULO DEZ
89 ..... NÃO TINHA MAIS PÉ

CAPÍTULO ONZE
99 ..... DOIS PASSOS PARA TRÁS

CAPÍTULO DOZE
107 ..... MAIS DO QUE CACHÊ

CAPÍTULO TREZE
115 ..... SÃO TANTAS RENATAS!

CAPÍTULO CATORZE
123 ..... PERSONALIDADE DA MÍDIA

CAPÍTULO QUINZE
131 ..... A PRIMEIRA ELIMINADA

CAPÍTULO DEZESSEIS
137 ..... A MINHA VERSÃO

CAPÍTULO DEZESSETE
145 ..... EU ME SENTIA UM MONSTRO

CAPÍTULO DEZOITO
153 ..... EU NÃO AGUENTEI

CAPITULO DEZENOVE
161 ..... A MINHA MAIOR INIMIGA

CAPITULO VINTE
169 ..... DE TODAS NÓS

CAPÍTULO VINTE E UM
177 ..... OI, TUDO BEM?

MINHA VIDA EM IMAGENS
183 ..... FAMÍLIA
188 ..... CARNAVAL
189 ..... FAMA
192 ..... CAPA DE REVISTA
194 ..... HOSPITAL
195 ..... TRABALHO

INTRODUÇÃO

"PORQUÊS" E "COMOS"

A Renata participou da quarta edição do reality show "A Fazenda", onde eu fui editor-chefe por cinco anos. Uma das minhas funções era preparar os perfis de apresentação dos personagens e, em conjunto com a direção, decidir, entre outras coisas, de que forma cada participante seria creditado. A gente tentava priorizar o trabalho principal do artista, tomando o cuidado de diversificar ao máximo as profissões, sem descaracterizá-los e, ao mesmo tempo, resumindo-os em poucas palavras.

A Renata foi um grande desafio. Foi a primeira pessoa em quatro temporadas de programa que a gente encontrou certa dificuldade para determinar a profissão que colocaríamos nos créditos dela. A banheira do Gugu estava distante. A saga do Carnaval não tinha um nome. E acho que já tínhamos uma "musa do Carnaval" naquela temporada. Modelo? Não... Isso não a resumia muito bem. Todo mundo meio que sabia quem era a Renata Banhara, já tinha ouvido falar dela em algum lugar.

Frequentadora assídua dos programas de variedades da televisão, em uma época em que as redes sociais ainda não eram tão proeminentes como meio de comunicação, Renata Banhara era um nome conhecido, uma referência, uma personalidade da mídia. Era isso! Renata Banhara era uma personalidade da mídia, termo que a gente nunca havia ouvido até então, mas que fez bastante sentido. E assim foi. No primeiro episódio, ela descia do carro, a imagem congelava e aparecia: personalidade da mídia.

Deu o que falar. O público achou que era ela mesma que tinha se autointitulado assim e isso começou a repercutir. Muitos criticando. Outros defendendo. E nenhuma novidade na vida de Renata Banhara que, desde cedo, sempre foi alvo de comentários e julgada por suas atitudes, até mes-

mo quando não era ela que tinha provocado o assunto. O que pouca gente lembra é que nada na vida é um fato isolado, que para tudo há uma construção e uma justificativa, uma razão.

E foi atrás desses elementos que eu me baseei na hora de pesquisar os temas para as entrevistas desta biografia. Todo mundo sabe como as histórias da Renata Banhara terminam. E todo mundo sabe também que, em geral, a mídia prefere explorar os pontos mais polêmicos ou negativos, porque eles sempre dão mais audiência. Mas e o restante? E quando as câmeras desligam? Como tudo isso começou? Que pedaços da história da Renata nunca foram contados?

Partindo das respostas a essas perguntas, fizemos um trabalho intenso que, confesso, não tinha certeza de que ia ser cumprido no prazo que me foi proposto. As entrevistas foram profundas. A organização do material deu uma boa base para entender o "conjunto da obra". E, na hora de escrever o texto, as palavras fluíram com lógica e sentido, permitindo-me entender os "porquês" e "comos" da Renata, mas, acima de tudo, me dando a chance de enxergá-la como um ser humano completo, imperfeito.

Eu me surpreendi com o que encontrei. Também achei que já sabia tudo da Renata Banhara. E caí na minha própria armadilha de aceitar apenas o que a mídia havia veiculado até então. Espero que, com este livro, outras pessoas vivam essa mesma experiência e descubram de fato quem é a Renata. Uma mulher que, como todo mundo diz, é guerreira, polêmica e mãezona. Uma mulher que eu também descobri ser sonhadora, determinada e acolhedora. Foi um prazer te conhecer, Renata!

Flavio Queiroz

SER HUMANO PLURAL

É difícil resumir Renata Banhara em uma única palavra, pois, apesar de ser uma mulher singular, ela é um ser humano plural. Para começar: mãe, amiga e mulher. As três essências que conheci e com as quais convivo. Ela consegue ser três em uma só e desenvolve essas personalidades com maestria. Acontece que não para por aí, a profissional Renata Banhara também se divide em mil, afinal, o talento dela não poderia ser resumido a uma única área. Como atriz, apresentadora, jornalista e ativista, ela vem desempenhando um papel de destaque e, mais do que isso, ela procura utilizar essa visibilidade para dar vez e voz a outras mulheres. Renata é implacável, é onda que se reinventa e, com sua força, passa por cima dos obstáculos. Banhara é rocha forte, que, apesar das ações externas, continua firme com a força que existe dentro dela.

Frank Aguiar

Que um dia vocês encontrem a Renata a qual eu conheci e aprendi a amar, uma mulher com a coragem e a braveza da brasileira, que não tem medo de arriscar e que tem personalidade para se moldar sob mudanças. Meu sonho é ser Renata, e o seu também.

Marcos

CAPITULO UM

DEUS, O SENHOR ME ODEIA?

Uma vez eu perguntei: “Deus, o senhor me odeia? O senhor me faz passar por tanta palhaçada. Por que o senhor me colocou em tanto perigo, tanto risco? Tem dias que eu odeio tanto a vida que o senhor me deu. O senhor, às vezes, é um monstro comigo. Porque eu olho para trás e vejo que eu não tive um minuto de folga. É só porrada, porrada, porrada. O senhor tem uma missão para mim? É servir de inspiração para outras mulheres? É ajudar outras mulheres? É isso?”.

Na vida, eu nunca pude escolher, sempre fui escolhida. Nunca tive opções. Pela falta de oportunidade e de estrutura, tive sempre de ser escolhida. Sou taurina, acomodada. Se deixar, eu chego e fico. Gostaria de transformar tudo em eterno. Mas é incrível como a minha vida não me permite isso. Recomeçar, recomeçar, recomeçar. É tudo o que eu faço. E sempre faço mais do que posso. Hoje, a minha vida está meio complicada. Mas nem tem comparação com várias etapas anteriores.

Sempre fui alvo muito fácil de ser controlado pelas pessoas. Pela minha família, por amigos... Por dependência econômica de alguém, por estar gorda. Sempre tive medo de não agradar. Eu arrumo tudo mil vezes. Tenho muito medo de errar. Porque eu me sinto, muitas vezes, como um foco isolado. Então, tenho de me proteger. Sempre tive um ângulo de 360 graus a minha volta. Nunca consegui ficar assim, solta, em um lugar. Eu me sinto sempre vigiada, sem muita liberdade.

O meu legado e a minha história estão longe de algo que eu queria para mim. Longe de ser uma artista famosa, eu me imaginava no fogão, cozinhando, a geladeira cheia, com uma família feliz. Todo mundo perto. Isso era a felicidade para mim... E trabalhar com a violência doméstica é

muito triste, uma situação muito pesada. Muito diferente do quadro que eu imaginava. Acreditar, ouvir, ver e ter essa causa, levar essa causa em frente, adiante, é pesado. Não é simples. É muita dor. É muito forte.

Talvez essa seja minha missão. Deus me colocou em alguns lugares para passar pelas dificuldades, resignificá-las e ajudar outras pessoas. As mulheres me param na rua, no *hall* de um prédio, para me contar que elas estão sozinhas, lutando na Justiça pelos alimentos, pela guarda das crianças. Outras, apanham do marido e as crianças sofrem. E elas nem sabem, mas estão contando minha própria história para mim. São tantas Renatas! Eu não estou sozinha nas minhas dores, nas minhas aflições.

Tudo isso que estou falando – e vou falar – é de toda mulher.

CAPÍTULO DOIS

POR QUE RENATA?

A vida da Renata Banhara começa nos contos. É tudo um conto. Um atrás do outro. Às vezes, me contam uma coisa e depois eu descubro que é outra. Outras, as histórias se embaralham na minha cabeça e é tanta informação que algumas passagens parecem que foram tiradas de um dramalhão mexicano. Ou de uma verdadeira tragédia grega! Tem gente que não acredita em algumas situações que já aconteceram comigo. Mas elas aconteceram. E, a partir de agora, vou contar tudo para vocês.

Quem são os Banhara? Os Banhara eram um casal de italianos que despencaram lá da Europa e vieram parar aqui, na região do Vale do Paraíba. Eles foram uma das primeiras famílias a chegar em Tremembé, no interior do estado de São Paulo. Chegaram muito pobres. Mas arregaçaram as mangas e foram sobrevivendo do jeito que dava. Primeiro, eles montaram uma olaria de tijolos. Depois, tiveram uma camisaria, uma protética. E prosperaram o suficiente a ponto de ter um banco.

Os Banhara ficaram ricos (mas depois voltaram a ser bem pobres). A filha deles foi minha avó. De pele clara, muito loira. E ela desafiou a tradição da família ao se casar com o meu avô, um árabe mouro, bem moreno, dos olhos amendoados, como eu. Diz um dos contos que esse meu avô foi filho único, criado sempre sozinho pela minha bisavó. E que ela ganhou na loteria. Dessa união da minha avó Banhara com o meu avô árabe mouro, nasceu a minha mãe, também filha única.

Por parte de pai, meu outro avô tinha morrido (acho) de tuberculose. E a minha avó era tecelã. Ela criava cinco ou seis filhos e ainda uns sobrinhos que a irmã deixou de herança depois de falecer. Isso acontecia muito naquela época. O caçulinha desse bando era o meu pai, um loirinho dos

olhos azuis, que vendia café na delegacia da cidade aos 6 anos de idade. Ele acordava todos os dias, enchia uma garrafa de café e ficava ali, tentando fazer algum dinheiro.

Eis que um dia, o Estopim, um homem negro, muito sério e bravo, que trabalhava na delegacia como escrivão, olhou para aquela criança e falou: "Por que é que você vende esse café?". Meu pai explicou que a minha avó não tinha marido, cuidava de 9 filhos e a maioria era menina. "Eu quero ajudar a minha mãe", meu pai completou. O Estopim disse, então, que a partir dali ele iria comprar diariamente a garrafa de café para o meu pai poder ir à escola. E foi assim que ele pôde estudar.

Minha mãe conheceu meu pai em um baile de Carnaval. Ele tinha crescido e virado um homem lindo, enorme, maravilhoso, loiro, de olhos azuis. Segundo ela, parecia um astro de televisão. Foi paixão à primeira vista. Mas a fama do meu pai não era lá das melhores. Diziam que ele bebia muito, pegava todas. E minha avó materna já torceu o nariz. Até porque a minha mãe já tinha sido casada, tinha filhos e contava com a ajuda da minha avó para criá-los. Isso era uma desonra na época.

Aí, eu nasci.

Lá em casa, todo mundo nasceu perto de uma data significativa. Eu cheguei ao mundo no dia 8 de maio de 1975, perto do dia das mães daquele ano. Tempos mais tarde, meu filho mais velho beirou o Dia das Crianças. E o meu caçulinha, o dia de São João. Fui registrada como Renata Banhara Peixoto Marcondes. Sem ultrassom, meu pai esperava um menino. Mas se frustrou. E me disseram que eu não fui um parto. Fui uma diarreia. Porque nasci prematura, bem cabeluda, feia e horrorosa.

E por que o meu nome Renata? Tudo tem uma história na minha vida. Renata era o nome de uma personagem de uma novela que revolucionou a televisão brasileira, chamada Beto Rockfeller. Pela primeira

vez na história, a trama apresentava um herói que estava longe de ser um homem perfeito e, essa personagem, a Renata (interpretada pela brilhante atriz Bete Mendes) era uma jovem grã-fina decadente, que também era uma mulher muito forte, independente, à frente do tempo dela.

Fui morar na casa da minha avó materna, que já cuidava dos outros filhos da minha mãe. Mas não recebi a melhor das recepções. Tudo porque meu pai não descendia de uma das famílias tradicionais da cidade. No interior, um berço e um sobrenome muitas vezes valem mais que uma conta bancária. Mas pode ser que a minha avó somente estivesse cansada de cuidar de tantas crianças. Criar, educar, é uma coisa difícil, trabalhosa. Não importa se você tem dinheiro ou não.

Eu era uma criança muito doce, educada, quietinha. Daquele tipo que ficava sempre com as mãozinhas para trás. E o meu negócio era com a comida. Eu me lembro de várias ceias de Natal que eu ficava sentada sozinha na mesa, esperando meu pai (que nem sempre aparecia). Minha mãe, acho que ia para o quarto chorar. E eu ficava lá, fascinada pelo frango com farofa, pensando somente na hora em que eu iria poder atacar uma das coxas. Alheia ao que estava acontecendo... Criança, né?

Eu absorvia o impacto dessas dores me refugiando um pouco na fantasia. Quando eu tinha uns 4 anos, ficava louca para achar na televisão um programa de humor, chamado Planeta dos Macacos. Fazia escondida porque não era um programa para a minha idade. Mas eu via a atriz Sandra Bréa com aqueles cílios postiços enormes, aqueles maiôs coloridos, aqueles boás cheios de penas falsas, e achava tudo aquilo lindo. Queria para mim. Queria morar naquele planeta. Fugir para lá.

Meu pai era escrivão da delegacia (a mesma em que ele vendia café aos 6 anos de idade) e às vezes eu passava o dia com ele. Na delegacia e no bar que ficava logo ali ao lado. E que existe até hoje do mesmo jeitinho. Ele me colocava sentada no balcão e comprava coxinhas e balinhas de goma para mim, enquanto ficava bebendo e recebendo um monte de canta-

das das mulheres, que, inclusive, trabalhavam com ele. Eu percebia tudo, morria de ciúmes do meu pai. E era terrível.

Eu ficava de olho em uma dessas mulheres que sempre ia atrás do meu pai no fim do expediente. Ela tinha um bundão gigante e um dia foi trabalhar com uma calça branca. Planejei uma vingança. Sem que ninguém visse, peguei a almofada onde se batem os carimbos, que é cheia de tinta, e fiquei passando na cadeira dela, que era de couro preto. Até ela sentar e se sujar toda. Outra vez, masquei uns 14 chicletes e fiz um zigue-zague nas teclas da máquina de escrever dela. Nunca mais saiu.

E todo mundo sabia que tinha sido eu.

#

Apesar disso tudo, eu adorava ir ao trabalho do meu pai. Muitas vezes, ele mandava a viatura da polícia me buscar na escola. E eu era fascinada pelo logotipo do estado de São Paulo que estampava o carro e parecia importante. Não sei dizer exatamente o motivo. Mas, na minha cabeça de criança, queria muito ter pelo menos uma almofada com aquela estampa. Acho que no fundo aquele logotipo era uma ligação com o meu pai, que nem sempre estava por perto.

Minha avó paterna foi uma boa avó, mas também não morria de amores por mim. Não sei se ela se ressentia pela forma como meu pai era tratado pela minha família materna. Ao mesmo tempo, meu pai tinha uma irmã, muito, muito gorda, que gostava de verdade de mim, era alucinada por mim. Ela era baixinha, troncudona e devia pesar uns 140 quilos. Nunca se casou e morava com minha avó. Foi, sem dúvida, a pessoa que mais me amou na vida até hoje. Eu era a filha que ela nunca teve.

Essa minha tia, também muito pobre, de poucas palavras, trabalhava lavando roupa para fora. Os meus melhores momentos com ela aconteciam quase sempre perto do tanque, com ela quarando as roupas, cercada de sa-

cos de roupa suja. A maior alegria dela era receber o dinheiro das clientes e atravessar a rua, correndo, para ir até o supermercado que ficava ali logo em frente, para me comprar um danoninho ou um pudim de leite. Esse era o danoninho mais gostoso da minha vida.

A minha mãe não gostava de televisão. Ela vinha de uma cultura italiana. Preferia música clássica. Então, eu tinha de esperar ela sair de casa para poder assistir a alguma coisa. Ou, então, aproveitar as visitas na minha avó paterna. Lá, o domingo era sagrado. Ela e a minha tia faziam tudo cronometrado para dar tempo de assistir ao programa do Silvio Santos, que naquela época durava o dia inteiro. Mal sabia eu que um dia ia frequentar os programas dele e ganhar todos os *games*.

Para mim, ainda criança, aquela casa era enorme. A minha perna nem alcançava o degrau. Mas lá era o lugar onde eu tinha mais chances de encontrar meu pai e ter algum contato físico com ele. Meu pai era tão grande que fazia a casa parecer pequena. Ele sentava sem camisa no sofá de couro e colava, porque era um calor do cão naquela cidade. A gente assistia à televisão com uma bacia gigante de bolinho de chuva ou costelinha de porco, que a gente comia com a mão.

Então, aconteceu uma coisa terrível.

#

Eu tinha mais ou menos uns 4 anos e meio e estava atravessando a rua de mãos dadas com essa minha tia que me amava, quando, de repente... ela caiu e teve um AVC bem ali, na minha frente. Ela estava com um daqueles vestidos que pareciam feitos de cortina. Eu me lembro como se fosse hoje. E na sequência, minha avó paterna também teve um AVC e ficou de cama. Aí, uma ficava do lado da cama da outra. E, meu pai, funcionário público, se virava para pagar uma funcionária para cuidar das duas.

Depois que elas adoeceram, fui vendo cada vez menos meu pai. De vez em quando, eu ia visitá-las, sozinha. Mas tinha medo. A minha tia ficou muito deformada e ninguém me explicava o que havia acontecido. Eu nem chegava muito perto. Só queria ela de volta, inteira. Ficava pensando: "Se alguma coisa acontecer com ela, quem é que vai me amar de verdade?". Eu pedia para levarem minha tia ao médico, para ela "se consertar". Na minha cabeça de criança, estava tudo quebrado e era só consertar.

Meu pai tinha outros irmãos. Além dessa tia, que morava com a minha avó, tinha outra irmã dele, costureira, que era minha madrinha. E ela sempre aparecia nas datas significativas com um presentinho especial para mim. Toda Páscoa o meu ovinho estava garantido. No Natal, eu nunca ficava sem presente. E eu sabia que ela ia aparecer com uma caixa de sapatos novos no meu aniversário. Uma Melissinha, uma botinha ortopédica, uma sandália da moda. Isso era sagrado.

Não sei dizer exatamente quantos primos eu tive. Nem irmãos! Havia um baú na casa da minha avó paterna com a foto de um menino e um barco feito de palitinhos. Dizem que ele era um possível filho do meu pai que se perdeu pela vida. Mas eu nunca procurei saber muito dessas outras pessoas porque ninguém estava lá segurando minha mão nos momentos difíceis que eu passei. Já as pessoas que ficaram ao meu lado e ajudaram a contar a minha história, sim, sempre foram a minha verdadeira família.

Isso tem de ficar bem claro para todos. Não é porque uma pessoa me conheceu, não é porque uma pessoa tem o meu sangue, que a minha porta está aberta para ela, que a minha vida está aberta para ela. Pessoas que hoje fazem parte da minha vida fizeram por onde, fizeram por merecer. Não é qualquer um que vai chegar agora e se intitular pai, mãe, avó, tio, primo. Eu vou tratá-los sempre com respeito e educação, mas não esperem mais nada de mim.

Também nunca tive amigas. Todas as noites, as outras crianças se juntavam nas varandas da casa de um, de outro. Na minha varanda não

vinha ninguém. E elas também não me chamavam. As meninas tinham muitas bonecas para brincar. Eu não tinha nenhuma. Ia para a porta da casa delas, ficava batendo palmas, tocando a campainha. Muitas vezes, o pai ou a mãe vinham me atender e falavam que a garota não estava. E aí eu ouvia a turminha brincando e se divertindo lá dentro.

Eu brincava apenas com duas meninas que eram vizinhas da minha avó paterna. A mãe delas também era uma pessoa simples, também tinha dificuldade para fazer comida, cozinhava muito pouquinho. Mas, de vez em quando, me chamava para almoçar. Era uma frigideira suuuuuja, velha, amassada. Um bifinho pequenininho. Mas era tão gostoso! Depois, a gente brincava no quintal, no meio da terra: de dar aula, fazer comidinha, brincadeiras lúdicas, que eu adorava. Isso eu podia.

Era onde eu me refugiava de uma situação que só tendia a piorar.

A Renata é uma mulher forte e corajosa, que deveria servir de exemplo para várias outras que se anulam e sofrem caladas. Admiro também a autenticidade dela.

Fabiola Reipert

CAPÍTULO TRÊS

NOSSA... COMO DOÍA!

A minha infância nunca foi uma constante. E me lembrar de todas essas passagens ainda é muito difícil. Não apenas porque eu era uma criança que não entendia exatamente tudo o que estava acontecendo ao meu redor, mas também porque sobraram alguns traumas do que registrei, e isso me machucou. Antes de eu morar na casa da minha avó materna, meus pais tentaram viver juntos. A ideia era que nós três formássemos uma família feliz.

Os dois eram funcionários públicos. Ele era escrivão e ela, professora. A grana era curta. A gente foi alugar um canto, mas não parava mais de um ano na mesma casa. Inventavam um monte de histórias para mim, mas hoje eu acredito que éramos despejados por falta de pagamento. Naquela época, era possível fazer um contrato de boca, no "fio do bigode", como falavam no interior. Mas da mesma forma que havia essa facilidade para entrar, não tinha muita cerimônia na hora de ter de sair.

A gente morou em vários tipos de casa, boas e ruins. Teve até uma casa com escada. Sempre aparecia um amigo do meu pai que nos ajudava a encontrar o próximo endereço. Mas todas essas mudanças me deixavam muito insegura, era horrível. Eu nunca tive uma referência de casa, de quarto. Mudava de escola todos os anos. Passei por muitas escolas do Estado e até por uma particular, chique, durante uns 6 meses. Mas era chato, aflitivo. A mudança não era uma opção. Fazia parte da rotina.

Meu pai era um cara que trabalhava na delegacia, lutava pela justiça, mas que também tinha seus problemas com a bebida e nem sempre agia da melhor forma dentro – e fora – de casa. Nunca levantou um dedo para mim. Mas eu me lembro da minha mãe tentando subir um muro altíssimo

para não apanhar mais dele. O muro todo ensanguentado. E eu querendo protegê-la. Não era uma constante, pelo menos que eu presenciasse, mas acontecia.

Isso durou mais ou menos até os meus 5 anos e meio. Até o dia em que a minha mãe decidiu se separar. Um dia definitivo para a construção da Renata que sou hoje. A gente morava em uma casa pequenininha, no centro. E minha mãe arrumou um caminhão de mudanças para levar os móveis e ir embora de uma vez. Eu estava olhando aquele ir e vir dos móveis coloniais, de madeira escura, cheios de contornos, e, de repente, meu pai apareceu e entrou em casa armado.

Ele olhou bem no fundo dos olhos dela, botou a mão na cintura e falou: "Ou você sai daqui sozinha, caminhando, ou sai com a minha filha, mais aí vai ser em um caixão". Quando eu vi a mão dele na arma, não pensei duas vezes. Entrei no meio dos dois, de frente para ele, e fiz um discurso que eu nem me lembro direito qual foi. O que eu me lembro é que eu somente gritava: "Dá paz pra minha mãe! Dá paz pra minha mãe!". E também me lembro que ele ficou sem reação.

Não contente com isso, corri para o quarto deles, atrás do que meu pai tinha de mais precioso: uma coleção de discos de vinil. Todas as noites ele pegava um uísque e se sentava perto da vitrola para ouvir e cantarolar Alcione, Beth Carvalho, Rita Lee. E eu comecei a quebrar aqueles discos, dizendo: "Não amo mais o senhor. Não respeito mais o senhor. O senhor acabou pra mim. O senhor não vai fazer nada com ela. Eu não vou permitir". Ele ficou muito decepcionado com a minha atitude.

Não foram apenas os discos que quebraram aquele dia, mas também o nosso vínculo.

#

Mas não foi apenas a separação e as doenças da minha avó e da minha tia que me afastaram do meu pai. Ele se dedicava de corpo e alma para o trabalho na delegacia, viveu para a profissão. O menino que vendia café para o Estopim tinha virado escrivão. Mas fazia de tudo um pouco, saía para diligências, queria lutar por Justiça. Ele se gabava muito dos seus feitos, sentia que era um super-herói da vida real. Na polícia, o apelido dele era "Bicho", para preservar a identidade. Mas eu o chamava de Bichinho.

Ele dizia que era amigo de JC (Jesus Cristo). Realizava plantões e mais plantões. Viaja pelo Brasil todo. Contava histórias de que ele havia ficado de tocaia na mata, que tinha sido picado por cobra e se alimentado com macarrão instantâneo que ele molhava no barro para amolecer... Ele gostava de "descobrir crimes". E de sair no jornal. Tinha uma pasta de plástico em casa cheia de recortes com as apreensões dele. Acho que a bebida era uma forma de aliviar essa rotina difícil.

Aí, ele decidiu ir atrás de um traficante muito famoso no Brasil. Meu pai queria porque queria colocar o nome dele na história. E conseguiu. Participou da primeira prisão desse traficante perigoso. Ninguém queria entrar no lugar onde o cara estava. E meu pai meteu, literalmente, o pé na porta. Houve uma troca de tiros. E o traficante acabou preso. Mas sobrou uma bala na perna do meu pai. Ele tinha certeza de que ia morrer e pediu para me ver pela última vez. Foram me buscar.

Eu cheguei na porta da delegacia e estava uma confusão. Ele bateu o boletim de ocorrência numa máquina de escrever, com dois dedos, deitado no chão, sob os olhares de um bando de jornalistas e câmeras, durante uma coletiva de imprensa. Eu me lembro de ver a gordura saindo pelo ferimento, amarela, da cor de um *post-it*. E havia um copo americano de pinga ali do lado para "ajudar". Ele não chorava de dor nem quis ir para o hospital. Somente queria registrar o Boletim de Ocorrência e me ver.

A situação ficou ainda mais complicada quando ele foi jurado de morte. Aproveitando que a gente não era tão parecido fisicamente, meu pai

não queria mais que as pessoas me associassem a ele ou soubessem que eu era filha dele. A partir dali, eu seria somente a Renata Banhara, e ponto final. Não era mais para usar o sobrenome dele. Para preservar minha vida. Hoje eu entendo isso. E aceito. Mas na época era muito dolorido para uma criança fingir que não tinha pai.

Se a gente se encontrasse na rua, eu não podia cumprimentá-lo. No começo do mês, caía a pensão alimentícia que ele pagava para a minha mãe, um terço do salário descontado da folha de pagamento. E, muitas vezes, ele estava logo ali, na fila do banco, de costas, na nossa frente, quando a minha mãe ia tirar o tirar o dinheiro. Não tinha celular e eu não sabia quando ia ter a chance de vê-lo de novo. Mas a gente tinha de fingir que não se conhecia.

Nossa... como doía!

#

Minha mãe e eu fomos morar na casa da minha avó materna. Ela nos acolheu. Ela já cuidava de outros filhos da minha mãe. Ela nos tratava com respeito. Mas eu sentia que havia um tratamento diferenciado comigo em comparação com os meus meios-irmãos. Talvez porque eu tenha chegado depois. Por exemplo, eles podiam comer um queijo fundido maravilhoso, que ela cortava de costas para mim e não me oferecia nem um pedacinho. Era como se ela não tivesse nenhum afeto por mim.

Quando eu cheguei à família, os Banhara já estavam bem pobres. Essa minha avó fazia docinhos para fora, para vender, por encomenda. Eram doces finos, elegantes, com formatos especiais, de bichinhos, modelados, desses que hoje em dia são muito comuns por aí. Eu ficava babando nos fios de ovos que ela fazia no fogão. Mas nunca sobrava para mim. E, se sobrava, era um bem pequenininho. Os outros filhos da minha mãe podiam comer todas as coisas gostosas. Era tudo para eles e nada para mim.

Uma vez, quando eu tinha uns 6 anos e meio, minha avó materna e a irmã dela, que morava em São Paulo, foram participar de um concurso de bolos no programa "Cidade contra Cidade" do Silvio Santos. As duas levaram bolos artesanais lindíssimos e chegaram até a final. A irmã da minha avó ficou em segundo lugar com um bolo do Pelourinho. E a minha avó foi a grande vencedora com um bolo da catedral de Santa Teresinha de Taubaté. Os bolos, de fato, eram lindos. Mas eu os achava feios!

Os bolos eram bolo inglês, de frutas, sempre com vinho do porto ou compota de ameixa, de nozes e camafeu. No meu aniversário, tudo o que eu mais queria era um bolo simples de brigadeiro ou recheado com doce de leite. Meu sonho era um bolo com gosto de bolo. Mas não tinha. Era um bolo bonito, todo enfeitado. A festa ficava bonitinha, ajeitadinha. Até apareciam uns convidados para fazer volume. Mas eu não curtia. Na minha cabeça, aquilo não era bolo de criança.

Nessa casa havia somente um quarto, onde dormiam minha avó, meus irmãos e eu. Minha mãe tinha de dormir no chão. E, nos momentos mais difíceis, eu me sentia responsável por aquela situação, como se eu estivesse sendo um fardo muito pesado para a minha mãe. Eu não teria problema algum em dormir no chão. Criança, muitas vezes, até acha essas coisas divertidas. Mas o clima que pairava no ar era outro. Havia uma cobrança velada, um ressentimento, uma culpa em busca de um responsável.

Não criei qualquer vínculo com esses meus meios-irmãos. Não havia um elo entre a gente. Eu só percebia que eles podiam comer as coisas, enquanto eu tinha de ficar com as "mãozinhas para trás". A partir disso, passei a entender a comida como um símbolo de afeto. Já não esperava mais por um beijo ou um abraço de ninguém. Queria apenas uma bolacha gostosa, um pão de forma com presunto, um refrigerante. Queria comida. Não gosto de me lembrar de nada disso.

Até hoje, odeio!

O carinho e atenção de Renata Banhara meu coração. A beleza e simplicidade de Renata banharam meus olhos. A força de viver, a empolgação pelos amigos banhou meu caminho. Quanta honra, virtude, energia. Quanto amor ao semelhante. Uma lembrança gostosa, uma presença certa. Que mulher! A mulher! Renata. Renata Banhara minha vida, orgulhosamente amiga.

Gilberto Barros

CAPÍTULO QUATRO

ORGULHO EM SERVIR

Com 8 anos, eu tive uma ideia. Ia vender roupas em uma feira noturna da minha cidade, chamada Barganha. Fui passando na casa das minhas supostas amigas, minhas vizinhas, e pedi roupas velhas ou que elas não usavam mais. Elas me deram. Mas eu não escapei do deboche (hoje, *bullying*). Minha mãe tinha me ensinado a fazer crochê, ponto cruz e outras técnicas de costura. Depois que eu lavava tudo, fazia pequenos reparos nas peças, tampava os buraquinhos, customizava.

Enchia um carrinho de feira velho com essas roupas reformadas e ia para a Barganha. Colava os preços com fita adesiva. Era muito caprichosa. Recortava o quadradinho de papel com a tesoura, escrevia o valor que eu queria e grudava na peça. Chegando à feira, abria um jornal no chão e expunha os meus "produtos". Na minha cabeça, fingia que era uma loja, minha boutique. E deu tão certo na primeira vez que eu continuei fazendo. Nem sei como. Nunca fui boa vendedora.

Mas eu tentava ganhar dinheiro das mais variadas formas. Com uns 10 anos, comecei a escrever convites de casamentos, de aniversário, de tudo. Os Banhara possuíam uma caligrafia de família, tradicional, com uma letra especial, que a minha avó já tinha ensinado para a minha mãe e a minha mãe havia passado para mim. A gente escrevia com uma caneta de pena. E produzia todos os convites manualmente, um por um. Era algo que eu gostava muito de fazer.

Também com uns 10, 11 anos, fui fazer catequese, primeira comunhão. Tentei tocar violão na missa da igreja. Queria aprender as coisas. Consegui um violão velho e ganhei umas aulas lá. Mas não conseguia tocar nada. Ganhei também uma raquete de tênis, de madeira, pesada. E

também consegui umas aulas de graça. Tudo eu negociava com as pessoas. Outra negação. Eu não acertava a bolinha. O que nunca rolou foi o professor de natação. Até hoje! Só sei boiar. De resto, morro afogada.

Nessa época, começou a febre do Bebê Carequinha, da marca de brinquedos Estrela. Todo mundo tinha. Meu sonho era comprar esse boneco. Mas na feira, que era onde eu conseguia os meus brinquedos, apenas encontrava uns bonecões, de plástico duro, que não se mexiam nem por um milagre. Eles ficavam com as buchas de lavar louça. Isso me dava uma raiva! Na televisão, o Bebê Carequinha era molinho, com chuquinha, chupeta e roupinhas para trocar. Parecia de verdade. Bem diferente do meu.

Eu já era uma criança inteligente. Sabia que os melhores brinquedos estavam em uma loja, que existe até hoje. E eu evitava passar por lá. Para não ficar com mais vontade de ter essas coisas. Nunca consegui o raio do boneco. De vez em quando, aparecia uma boneca Emília, que a minha tia madrinha me dava. Minha mãe, uma vez, conseguiu comprar uma Susi. Umas "admiradoras" do meu pai apareciam, às vezes, com uma boneca em um bercinho e até com uma bicicletinha de rodinha.

Mas sempre foi claro que eu tinha uma condição diferente das outras meninas.

Éramos sócios do clube mais chique da cidade, o Taubaté Country Club, que existe até hoje. Meu avô materno tinha um título vitalício. Nossa família podia frequentar o local. Mas a gente não tinha dinheiro. Eu não tinha nem biquíni. Não levava lanche. E não podia comer nada lá. Sonhava com uma coxinha, um quibe, uma porção de fritas. Via todo mundo se esbaldando. Passava o dia inteiro lá. E o máximo que eu podia era beber água no bebedouro.

Ficava na piscina. Todo mundo sabia nadar, menos eu. Então, eu ficava segurando na borda da piscina. Morria de medo de que alguém pulas-

se, a minha mão escorregasse e eu fosse para o fundo da água. Eu sempre estava sozinha. Nunca consegui fazer amigos. Na cidade tinha o clube "de rico" e o clube "de pobre". E eu era a única pobre no clube dos ricos. As crianças já eram amigas porque estudavam na mesma escola, frequentavam os mesmos lugares.

Mas nem tudo foi terrível. Consegui, por exemplo, assistir a vários *shows* incríveis e de graça nesse clube: Legião Urbana, Titãs, Paralamas do Sucesso, Capital Inicial, RPM, Cazuza e Renato Russo. Uma vez por mês eles montavam um palco na quadra de esportes que tinha uma arquibancada. Se o *show* era meia-noite, eu chegava umas 6 horas e enrolava, no meio do povo da produção. Ninguém sabia quem eu era, se eu era filha de alguém. Eu me enfiava lá. E depois assistia tudo dos bastidores mesmo.

O primeiro cara pelado que eu vi, inclusive, foi o cantor Roger, da banda Ultraje a Rigor. Eles estavam fazendo muito sucesso com uma música na novela que dizia: "Pelado, pelado / Nu com a mão no bolso". E, nessa hora, o Roger, que era o vocalista, virava para a plateia, abaixava as calças e mostrava a bunda. Só que eu, ali nos bastidores, vi o "outro lado". Achei o maior barato. Então, era isso homem pelado... Anos depois, contei essa história para ele e o Roger ficou todo sem graça.

Sentia muitas saudades do meu pai. Eu queria ter um pai. No colégio, as crianças podiam consumir coisas na cantina porque depois os pais iam até lá para pagar a conta. Eu ficava desesperada, porque o meu negócio sempre foi com a comida. Comida era muito legal. Sagrada para mim. Por mais que eu tivesse perdido uma tia com muito peso, eu nunca quis passar perto desse papo todo de dieta. E acho chato até hoje. Nunca serei a "mulher da dieta".

Meu pai ajudou a gente do jeito que ele podia. Lembrando que um terço do salário dele era sempre debitado em folha e ia para a minha criação. E eu não sabia. Depois que eu fui morar na casa da minha avó materna, a gente se afastou ainda mais. Eu ligava cobrando e gente se desen-

tendia. Fomos nos afastando ainda mais. Mas hoje eu o entendo. Ainda mais depois que eu virei mãe. Meus pais fizeram o possível, como seres humanos, que não são perfeitos.

E tudo bem.

#

Houve uma época que a minha avó materna cansou. E minha mãe decidiu se mudar para o casarão dos Banhara. Falando assim, até parece importante. Mas na real era um casebre em ruínas. De arquitetura colonial, já bem antigo. De 1800 e pouco. A casa ficava em uma esquina, em uma rua com um declive. Com paredes brancas, janelas azuis e uma porta bamba, travada com uma barra de ferro. E tinha um porão. O local era muito perigoso. Se alguém desse um murro em qualquer lugar, derrubava a casa.

Eram muitos quartos, seis ou oito. A minha mãe dormia no primeiro, no nível da rua. E o meu era o último. Guardava uma escada debaixo da cama, quando eu queria fugir pela janela para passear. O piso era feito de taco de madeira, que foi encolhendo com o passar do tempo, criando vãos de um centímetro e meio. No porão e no telhado moravam os ratos. Enormes. Que ficavam andando de um lado para outro e fazendo barulho o dia inteiro. Isso sem falar dos morcegos, que eram fortes e robustos.

O único banheiro da casa ficava do lado de fora, bem longe do quarto. Era uma construção antiga, negócio de italiano, tipo uma sala de banho ou algo assim. Fazer xixi a noite era tenso. Porque a minha mãe gostava de cachorro e criava 4 dobermanns no quintal. Eles eram bem agressivos. E tinham nomes dos ajudantes de Hitler: Boris, Klaus e por aí vai. Eu morria de medo deles. Tinha mais medo deles do que de ladrão. Se um ladrão aparecesse, eu ofereceria um cafezinho. Dos cachorros, eu só corria.

Eles nunca me morderam. Mas chegaram a arrancar pedaços dos vizinhos que pulavam para dentro do quintal atrás da bola de futebol. O

que eu mais gostava era da comida deles. O senhorzinho do açougue mandava resto de carne moída para os cães, eu fazia uma panela de arroz para acompanhar e ficava uma delícia. Ficava tão bom que eu comia também. Até hoje, eu só compro carne de segunda, para lembrar aquele gostinho, que eu acho muito mais saboroso.

Na escola, meu desempenho era bastante irregular. Tinha períodos que ia muito bem. E outros que ia muito mal. Eu gostava de conquistar os professores com presentes, com alguma coisa. Ia para o campo, fazia um arranjo de flores e levava para eles. Acreditava que assim eles iam gostar de mim. Mas eu não tinha vontade de estudar. Com 11 anos, quando a gente foi para esse casebre, eu já não mudava mais de escola. Mas era muito longe da minha casa.

Comecei a trabalhar para ganhar algum dinheiro e só podia estudar à noite. Precisava ir e voltar a pé, por uns 10 quilômetros, em uma estrada vazia, em um lugar ermo. E a fome era uma constante. A merenda nem sempre era presente, às vezes ela simplesmente não chegava. E, quando chegava, eram três bolachas de água e um copo de leite. Ou uma sopinha, que eu queria repetir, mas já tinha acabado. Eu ainda tinha que ajudar em casa: limpar e lavar. Então, era muito difícil estudar.

Para ganhar dinheiro, me ofereci como faxineira nas casas de Tremembé. E deu certo. Só que não pensem vocês que era uma faxina como as de hoje que pagam 150 reais e só precisa limpar a casa. Eu tinha de passar escovão no assoalho. Alcançar teia de aranha no teto. E, principalmente, carpir o quintal, que nunca era pequeno. As pessoas plantavam muitas verduras naquela época, chuchu, abóbora... Não se criavam animais. Galinha e porco não existiam para a gente. Eram caros.

Aí, vinha o pagamento. Não sei dizer exatamente quanto era. Mas sei dizer o que eu conseguia comprar: uma garrafa de refrigerante, um pacote de massa de pastel e um litro de óleo. O pastel ficava sem recheio, só a massinha. Mas eu tinha o maior orgulho de abrir a minha lata de óleo

e fritar o MEU pastel. Fazia vários formatos diferentes, uns mais claros e outros mais escuros, só para não parecer que se tratava de uma simples massa de pastel oca.

Às vezes, eu trocava tudo isso por um pacote de pão de forma, 100 gramas de presunto, 100 gramas de muçarela e um saquinho de suco instantâneo. Ou então passava no açougue e comprava biriba, que são aquelas pontas da carne que o açougueiro limpa e em geral acabam no lixo. Eu comia, fingindo que era estrogonofe. Mas era biriba. E ainda dividia com todos lá de casa. Ou ajudava em uma conta de luz. Eu tinha orgulho em servir. Achava bonito. Feia era eu.

CAPÍTULO CINCO

Cauê Garcia - CG Comunicação

VIROU UM FÓSSIL

Eu já fazia reflexo no cabelo, sozinha, no quintal. Queria ser loira, por causa da Xuxa, que apresentava um programa infantil de manhã e era o ícone da garotada. Quando sobrava algum dinheiro, eu comprava uma touca, puxava os fios do meu cabelo, usava um descolorante, água oxigenada, e ficava no sol um tempão. Se desse, eu comprava também um óleo de amêndoa ou passava no açougue para pegar tutano de boi. E passava tudo isso no cabelo.

Minha mãe odiava esses meus tratamentos caseiros, porque o banheiro ficava um sebo só quando eu ia lavar o cabelo. Aí, descobri um creme de várias cores, muito cheiroso, chamado "Coquetel de Frutas". Precisava de muitas faxinas para conseguir juntar grana suficiente. E pegava uma fila enorme na loja, aos sábados, o único dia que me sobrava para ir comprar o creme. Mas valia a pena. Era um pote enorme, que durava vários dias nas minhas mãos.

Deixei minha mãe de cabelo em pé com outro plano que eu bolei quando tinha mais ou menos uns 11 anos. Ela estava fazendo um doce de tacho, no fogão a lenha que tínhamos no lado externo da casa. Eu cheguei, sem pedir licença, dizendo: "Mãe, tudo bem? Tomei uma decisão. Vou fazer a Playboy". Ela arregalou os olhos e disse: "Mas por quê?". A Playboy era uma grande revista de nu feminino. Não tinha internet. Era o único lugar onde as pessoas conseguiam ver as mulheres peladas.

E quem fazia a capa da Playboy ficava famosa, por um ano, dois, até uma década. Era como se fossem as modelos da marca Victoria's Secret de hoje. Destacava uma mulher. Foi uma oportunidade para várias. Falei para a minha mãe que depois da Playboy, eu poderia participar de vários

programas de televisão, dando entrevistas. E aí eu ia parar em bancas de jornal, em *outdoor*... O Brasil inteiro iria saber quem eu era e eu ia ficar famosa. Aí, eu teria a oportunidade de estudar e trabalhar.

Não me lembro muito bem como eu bolei todo esse plano. Deve ter sido nas minhas faxinas. De vez em quando, eu ficava folheando revista velha na casa dos meus patrões e descobria uma porção de coisas. A maioria das pessoas só via as fotos. Mas eu não. Eu lia a revista de cabo a rabo. Sabia quem era quem, quem tinha feito a revista. Achava que um dia ia ter a oportunidade de encontrar essas pessoas. E precisava saber os nomes delas e o que elas já haviam feito.

Minha mãe ficou estarrecida com minha linha de raciocínio. Na época, ela me respondeu que eu poderia fazer tudo o que eu quisesse, desde que fosse para o meu bem. E desde que eu fosse maior de idade. Eram essas as condições. E ela voltou a se concentrar no doce de tacho dela. A nossa relação nunca foi a que eu esperava. Tinha a impressão de que ela não me respeitava como indivíduo, não me admirava. Talvez porque eu fosse muito parecida com meu pai.

Não fisicamente, mas pela minha força.

#

Ainda assim, eu queria encontrar uma forma de agradá-la e, ao mesmo tempo, provar para mim mesma que eu valia alguma coisa. Quando eu era pequena, me chamavam de pata-choca de tão molenga e medrosa que eu era. Depois, como eu fui uma criança rechonchuda, o apelido de "baleia" me acompanhou até eu ter uns 10 anos. Sempre tive uma boca muito grande. E aí eu era a "boca de caçapa", "beiçuda". Se eu chorasse, me mandavam segurar meu beiço para não cair.

Tudo isso abalou, sim, a minha autoestima. Mas não tirou a minha coragem de me matricular em vários concursos de Miss. Eu me inscrevia

em todos. Sempre tinha um prêmio para quem ganhasse. O concurso que eu mais queria vencer era o Rainha do Caqui, porque ganhava um aparelho telefônico fixo. O Miss Padaria era bom também, porque oferecia um ano de padaria grátis e eu ia poder comer todo o creme dos pães de creme que eu nunca tive dinheiro para comprar.

Só que, quando rolava um concurso desses no Vale do Paraíba, todas as cidades vizinhas acabavam participando. E é uma colada ao lado da outra. Às vezes, chegava a juntar mais de 100 meninas em um único concurso. As mães saíam de onde estivessem para levar as filhas. E assim a concorrência ficava muito acirrada. Eu sempre pegava uma das últimas colocações. E não me abalava. Continuava tentando. Mais cedo ou mais tarde minha vez chegaria.

Só teve uma vez que me deu muita raiva. A menina que ganhou o primeiro lugar foi embora emocionada e deixou o buquê dela para trás. Eu ajudava na organização dos concursos para não pagar a taxa de inscrição. Fiz uma faxina em troca da confecção de uma faixa de vencedora para mim, bordei meu biquíni e tirei uma foto com o buquê, como se eu tivesse ganhado. Achava importante mostrar para os meus netos um dia que a avó deles tinha sido uma Miss. Mesmo que de mentira.

Tudo isso acontecia escondido da minha mãe. Ela me proibia de participar desses concursos por sentir vergonha, por expor o nome da nossa família. Só que, de vez em quando, saía uma fotinho no jornal da cidade. E eu ia lá, com todo cuidado, recortar para guardar. Se eu conseguisse uma moldurinha velha nas minhas faxinas, os recortes de jornal iam parar até na parede do meu quarto, em um cantinho mais reservado. Até que um dia, a minha mãe entrou no quarto...

A gente discutiu sei lá por que e, para me atingir, ela foi direto nos meus quadrinhos e recortes. Jogou tudo no chão, quebrou tudo. Muito brava, ela disse que era para eu parar com aquela bobagem, que aquilo era uma desonra. E me colocou na frente do espelho. Mandou que eu olhasse

e dissesse o que eu estava vendo. Como eu não falei nada, ela respondeu por mim: "Você não é tão alta. Você não é inteligente. Você não é bonita. Você é caótica".

Eu continuei quieta. Mas fiquei pensando que um dia ia dar um autógrafo e provar que ela estava errada a meu respeito. Pode não parecer muita coisa hoje, mas naquela época era demais. Um dia, eu estaria na praia e iam pedir meu autógrafo. Eu só conseguia ir até a praia de Ubatuba, a mais perto de Tremembé, se pegasse carona na estrada. Então, o auge do sucesso para mim era estar na praia. E prometi ali, para mim mesma, que eu seria uma das mulheres mais conhecidas do Brasil.

Na minha cabeça, quando eu fosse rica, daria uma vida de princesa para a minha mãe. Era assim que eu raciocinava. E, depois, com a minha trajetória, fui percebendo que muitas meninas seguem por esse mesmo caminho e caem na mesma cilada que eu cai. As meninas (e alguns meninos) saem de casa com esse sonho de virar modelo ou atriz (e até jogador de futebol). Muitas vezes, incentivadas e forçadas pelos próprios pais ou pela pressão que eles fazem.

Então, essas garotas moram em repúblicas com mais 15 ou 20, às vezes não têm nem o que comer, são abusadas sexualmente, usam drogas. E tudo isso apenas para mandar o pouco que ganham para a família, porque "o pai está com pressão alta", "a tia sofreu um infarto" ou "por saudades". Tudo historinha. A mãe "cafetina" sabe dos riscos que a filha está correndo, mas não está nem aí. Somente se preocupa com a receita que a menina pode gerar e se o dinheiro caiu na conta.

Prefiro mãe que cheira fritura, que cuida do cabelo da filha, que é amorosa.

#

Eu não parava de arrumar emprego. O meu negócio era emprego. A tia de um menino que estudava na minha escola era dona de uma sapataria (que existe até hoje). Consegui um emprego lá, que me pagava meio salário mínimo. Esse foi o meu primeiro "top emprego", que eu considero chiquérrimo. Troquei as faxinas pesadas em Tremembé, onde eu tinha que carpir o quintal e tudo mais, pela limpeza da loja, dos banheiros e do estoque com 4 mil caixas de sapato.

Eu vinha a pé de casa, andando uns 10 quilômetros, porque queria economizar o dinheiro da condução para comprar um enroladinho de queijo e presunto que vendia na frente da sapataria e eu amava. Tinha mês que o meu salário inteiro era para pagar a conta que ficou pendurada na lanchonete. Nem sei dizer se eu paguei tudo o que eu devia. Depois, eu voltava para casa, andando mais uns 10 quilômetros, para ir para a escola. Tudo era longe. E eu andava muito, muito, muito.

Com toda essa "malhação", meu corpo era lindo. E eu nem comia tudo o que eu queria. No interior, as pessoas fazem muita comida, tem sempre um bolo e mais não sei o que em qualquer casa que você entra. O problema é que ninguém me convidava. As meninas da cidade frequentavam o clube da cidade. As meninas de Tremembé tinham a vidinha de Tremembé. E eu não me encaixava em nada. Ninguém com a minha idade tinha a minha vida.

Enquanto eu lavava os banheiros que ficavam na parte da frente da sapataria, as outras meninas passavam por ali, em direção ao clube, com suas raquetes e bolsinhas, e ficavam tirando sarro de mim. Até a minha mãe passou uma vez na porta da sapataria e veio falar comigo. Disse que estava sentindo vergonha de mim. Prefiro acreditar que ela sonhava com uma vida melhor para mim e gostaria que eu focasse mais nos estudos, para ser alguém melhor.

Na loja, me deram uma chance como vendedora de sapatos. Só que eu me saí péssima. Não sei o que aconteceu com aquela menina que vendia

tão bem na feira da Barganha. Cheguei a vender um pé de cada sapato. E aí me voltaram para a faxina. A dona da loja sabia que eu adorava café. Então, ela me dava o pó e pedia para eu coar. Era uma benção, uma glória. Eu tinha orgulho do meu trabalho. De fazer toda a faxina e pendurar no varal o pano de chão branquinho!

De vez em quando, a gerente (que até hoje trabalha lá) comprava um pão doce. E no dia de São Cosme e Damião, quando as pessoas têm o costume de trocar saquinhos de guloseimas, eu sempre dava um jeito de ganhar o maior número possível de saquinhos, mesmo que eu não tivesse nada para dar em troca. Aquilo ia me sustentar por um mês. Virava o meu estoque de comida no trabalho. As bisnaguinhas chegavam a embolorar de tanto tempo que eu as guardava. Mas eu comia mesmo assim.

E tudo isso ainda existe em Taubaté. Meu passado tá congelado, virou um fóssil.

CAPÍTULO SEIS

APEDREJADA EM PRAÇA PÚBLICA

Minha mãe se casou de novo, com um comerciante judeu, que ela tinha conhecido por correspondência. Ela sempre foi uma mulher muito bonita, culta, poliglota, atleta, afinada. A gente foi morar com ele. Mas eu tinha a impressão de que ele não gostava muito de criança. Talvez porque não tivesse filhos. Eu ganhei um quarto "novo", uma escola nova. Mas eu já tinha acostumado que essas coisas não duravam tanto na minha vida. Então, nem me apeguei muito. Eu devia ter uns 13 anos.

Lembro que foi a primeira vez que eu tive a chance de comer um filé de peito de frango grelhado. Nossa! Que delícia! E ainda bem que era um dos pratos favoritos do meu padrasto, porque assim tinha sempre. A fruteira também nunca estava vazia. Só que eu comia as frutas e deixava todo mundo louco de raiva. Tinha bolo, que eu também comia demais e brigavam comigo. Tinha brócolis, espinafre... Era coisa de rico. Foi bom enquanto durou. Pouco tempo depois, minha mãe se separou.

Eu mesma não tinha vontade de namorar. Mas também não era ingênua. Quando tinha mais ou menos uns 11 anos, queria descobrir como era beijar. Chamei um menino que eu gostava e fiz todo um discurso, ressaltando que era importante estudar sobre esse assunto. Propus de a gente brincar de paquerar. Ele se sentou na minha frente e nós ficamos trocando vários olhares. Aí, no meio da brincadeira, eu pedi um beijo. E ele me deu. E foi bem bom. Foi assim o meu primeiro beijo.

Desde os meus 11 anos, o meu corpo já ficou definido. Eu tinha peito, bunda, cintura fina. Eu era de formas. Menina de tudo, passei por muita cantada, por muito assédio, muito perigo, muita situação pesada. Nem quando fiquei famosa fui tão assediada como nessa época. Porque eu

estava sempre muito sozinha. Uma vez, fui dormir na casa de uma conhecida e o pai dela invadiu o quarto no meio da noite. De repente, eu só senti uma mão passando na minha perna e dei um pulo.

E o pior é que eu não tinha para quem contar. Achava que ninguém ia acreditar em mim. Eu vivia em um lugar onde rico ficava com rico e pobre ficava com pobre. E, no geral, a corda sempre arrebentava para o lado mais fraco. Ou seja, o meu. E não foi somente essa vez que aconteceu isso, não. Foram várias. Com o irmão, o tio, o amigo. Por mais que eu quisesse interagir com as outras meninas, chegou uma hora em que eu parei de aceitar esses convites para ir à casa delas.

Com 13 anos, eu espalhei para a cidade inteira e para as outras cidades também que eu não era mais virgem. Por quê? Porque assim ninguém ia querer se casar comigo. Ser virgem era algo muito importante para conseguir um bom casamento. E eu não queria que me quisessem. O meu objetivo não era ficar lá. Eu estava buscando uma rota de fuga. Queria chegar aos 30 anos com um filho, um carro e um apartamento e morando em São Paulo.

Ninguém tinha me dado muita bola até então. A parte mais significativa para mim, que era a que eu queria, de brincar, ter amigos e tudo mais, nunca rolou. Então, chegou uma hora que eu não queria mais nada com aquele lugar. Então, mesmo sendo virgem, eu espalhei que não era. Tinha certeza de que iam falar um monte de mim, mas era justamente isso que eu queria. A minha mãe nem se ligou em toda a movimentação que estava rolando. Ou se ligou e não se incomodou.

O mais importante é que o meu plano deu supercerto.

#

Com 15 anos, decidi que ia produzir a minha própria festa de aniversário, meu baile de debutantes. Sabia que, se não fizesse isso, ninguém

mais faria. Fui a uma casa noturna e fiz faxina em troca de uma festa. Consegui improvisar um vestido, um fotógrafo. Publiquei uma notinha no jornal celebrando minhas 15 primaveras. E não havia convidados, eu não tinha quem chamar. Mas a festa aconteceu em um sábado à noite, a casa era aberta ao público, então, estava lotada.

De vez em quando, eu conseguia entrar VIP em uma baladinha de Taubaté. Saía de casa no escuro, ia e voltava a pé, andando quilômetros e mais quilômetros à noite, em uma época que (eu acho) ainda não era perigoso fazer isso. Usava sempre a mesma roupa. Não consumia nada, mas me divertia muito. Em uma dessas noites, conheci um adolescente que estudava em Taubaté, mas morava na cidade de Campos do Jordão, que ficava ali do lado. E ele andava com uma galera muito bacana.

A gente namorou um tempo. E esse foi o primeiro cara que não teve vergonha de andar de mãos dadas comigo no meio de todo mundo. Um fofo. Eu já havia namorado um garoto árabe antes, muito rico, mas que me escondia das pessoas. Ele falava que era porque a gente não tinha a mesma religião. Mas eu acho que era por causa da minha condição financeira. Nessa nova turma, ninguém sabia que eu era pobre. Porque, para eles, o meu status social não fazia a menor diferença.

Em contrapartida, eu sabia que as pessoas que frequentavam Campos do Jordão eram de outro nível. A cidade era ainda mais luxuosa do que é hoje. Quem tinha casa lá pertencia a um grupo seleto de pessoas, que podia viajar para Campos de Jordão nos feriados ou nas férias de julho, durante o inverno, quando a cidade fervilhava. A mãe desse menino, muito parecida com a apresentadora Hebe Camargo, era praticamente a dona do centro da cidade, cheia de lojas em Capivari.

Fui me oferecer para trabalhar em uma das lojas da mãe dele. Não para ser vendedora (eu ainda estava traumatizada com a experiência da loja de sapatos), mas para ser estoquista. Consegui a vaga. Acordava às 3 e meia da manhã, ia para o ponto de ônibus em Tremembé, chegava a

Campos do Jordão em um determinado lugar e ainda andava um outro tanto para chegar ao trabalho. E depois eu fazia todo esse trajeto na volta para ir à escola. Sempre com um sorrisão no rosto.

Nas férias, quando era alta temporada em Campos do Jordão, os turnos ficavam ainda mais intensos e toda ajuda era bem-vinda. Até de vendedora eu me arriscava, às vezes. Então, a mãe desse menino arrumava um lugar para eu dormir na cidade. E foi me tratando com um carinho que eu nunca senti. Acho que ela sacou qual era a minha. E quis me ajudar. Cuidou do meu cabelo ruim. Deu uma produzida em mim, um kit de roupas. Sociabilizou-me. Foi uma verdadeira fada-madrinha na minha vida.

Acho que ela percebeu que eu era do bem, não usava drogas, que não tinha grana, mas que também não era uma deslumbrada qualquer. Acho que ela até torcia para eu ficar com o filho dela, porque eu seria alguém legal de ter por perto. E o menino era um lord. Foi fazer intercâmbio nos Estados Unidos e nós ficamos trocando várias cartas (não tinha e-mail). O primeiro chiclete importado que eu coloquei na boca foi ele que me deu. Mas eu sabia que ele não era para mim.

Apesar do bullying que eu sofria das meninas riquinhas quando eu estava com ele, consegui fazer amizade com umas 4 ou 5 amigas dele que vestiram a minha camisa e me defendiam. Elas eram de São Paulo e passavam com o motorista em Tremembé somente para me buscar e me levar para Campos do Jordão. E eu estava sempre pronta, disponível. Elas me emprestavam roupa e a gente ia para a balada. Foi uma turma que me proporcionou momentos muito bacanas naquela época.

Foi aí que eu dei a minha grande virada.

#

A minha "patroa" dizia que eu tinha nascido para ser artista, para ser grande. Mesmo eu nunca tendo contado a minha história e as minhas am-

bições para ela. Nisso, começou uma grande construção, na frente da loja em que eu trabalhava. Era muito comum em Campos, nas férias de julho, montarem grandes stands de marcas famosas, para fazer propaganda e divulgação de produtos. A minha patroa me mandou ir até lá para investigar, todos os dias, até descobrir do que se tratava. E eu fui.

Aproveitava a minha hora de almoço ou o fim do expediente, sentava perto da obra e ficava puxando papo com os pedreiros. Fazia um monte de perguntas para eles. Mas ninguém sabia direito o que ia acontecer naquele stand. Acompanhei aquela construção tijolo por tijolo. Até um responsável aparecer por lá. Descobri, finalmente, que ali seria uma estrutura da marca de cigarros Marlboro. E me ofereci para trabalhar para eles.

A primeira resposta foi "não". As meninas que iam trabalhar naquele stand vinham de São Paulo, eram selecionadas de uma agência supervip. Insisti. Falei que ele ainda ia precisar de mim. Então, ele perguntou se eu era maior de idade, porque se tratava de uma marca de cigarro e tudo mais. E eu menti. Disse que "sim". Na maior cara lavada. Aí, ele me disse que me chamaria, se fosse preciso. Eu avisei que estava na loja logo ali em frente, era só atravessar a rua. O evento começou...

O stand ficou lindo. As meninas eram um espetáculo à parte. De longe, eu ficava paquerando aquele uniforme todo preto delas, me vendo dentro de um deles. Mas nada de me chamarem. Ainda assim, eu dava uma passada lá todos os dias, somente para dizer um "oi". Até que uma hora, finalmente, uma das meninas passou mal, descobriu que estava grávida e precisou voltar para São Paulo. Uma oportunidade se abriu para mim.

A partir daí, eu trabalhava na loja das 10 da manhã às 4 da tarde. Corria para me arrumar. Depois, ia para o stand, onde ficava até uma da manhã. Durante o dia, as meninas ficavam distribuindo folhetos (eu não fazia isso) e à noite a expectativa era que a galera – e às vezes até gente famosa, atores, atletas – fosse curtir o espaço da Marlboro, que tinha um

lounge, um karaokê e um monte de outras atividades. Todo mundo falava inglês e eu ficava boiando. E sorrindo, sempre!

Em uma dessas noites, o apresentador Otávio Mesquita entrou no stand e pediu para falar com o nosso coordenador. Uma reunião foi marcada com todas as meninas no dia seguinte. Ele chegou na hora marcada com a gente e anunciou uma novidade: tinha comprado uma revista, chamada "Interview", e ia relançá-la com o nome de "Sexy" para ser concorrente direta da Playboy no Brasil. Não ia ter nu vaginal. Mas mostrava o bumbum e os seios das modelos. E ele queria saber se uma de nós estava a fim de ser a primeira capa dessa revista.

O grupo era composto de mais ou menos umas 22, 24 meninas, que ficaram se olhando, meio em dúvida, até que uma delas perguntou qual era o valor do cachê. E não era muita coisa. Dava para comprar, nos dias de hoje, uma televisão preto e branco (que hoje já nem existe mais) ou um micro-ondas. Ninguém se animou com a proposta. Mas eu levantei a mão e perguntei: "Quem é que vai fazer essas fotos?". O Otávio Mesquita parou, olhou bem para a minha cara e falou:

"Por que você quer saber isso?".

#

Eu respondi que eu comprava muita revista. Mentira. Na verdade, eu pegava as revistas nas casas onde fazia faxina e lia tudo, lembra? Eu sabia quem era quem, quem era o editor, o repórter, o fotógrafo. Eu sabia que em algum momento da minha vida aquelas informações seriam úteis. E foram. Quando o Otávio Mesquita anunciou que as fotos seriam tiradas pelo André Schiliró, na hora eu levantei as duas mãos e topei. Ele era um dos fotógrafos mais tops do momento no mundo.

De novo perguntaram se eu era maior de idade. E eu respondi: "Claro que sim". Peguei o endereço e coloquei o pé na estrada. Vim de carona até

São Paulo, sem me preocupar com todos os riscos que eu corria na boleia do caminhão. Na minha cabeça, carona era uma coisa pura que a gente do Vale do Paraíba pegava para ir até a praia. Eu só sei que eu cheguei sã e salva na produtora onde iam fazer as minhas fotos. E já me levaram para o estúdio, para me apresentar para o fotógrafo.

Entrei no estúdio. Era tudo rosa e branquinho. O André Schiliró me olhou, olhou para o cenário, e disse que não queria nada daquilo. Avisou que ia sair, voltar dali a 4 horas e queria tudo preto, branco e vermelho. Ele queria "força". Falou que eu era uma menina de força. E depois sumiu. A equipe entrou em pânico. Correu de um lado para o outro. Aquela confusão de produção. Mas fez tudo o que ele pediu. Então, o fotógrafo voltou e a gente começou a tirar as fotos.

Não tinha mesmo nu vaginal, mas ali no estúdio eu estava com tudo de fora. Não sei de onde eu tirei tanta confiança! Mas foi bem tranquilo fazer as fotos. Normal. Zero preconceito. Zero julgamento. O cara era incrível. Ele ousou. Ele fez. Ele aconteceu. Sai de lá e voltei para a minha cidade, para a minha vida real. Para trabalhar nas lojinhas de Campos, como faxineira. Ops... Como estoquista, que era um nome mais chique. Não contei para ninguém, a princípio, que eu tinha tirado as fotos.

Esperei a revista sair na banca. Comprei os 3 exemplares que eu encontrei pela frente e fui para casa. Minha mãe estava estendendo roupa no varal. Antes de lhe mostrar, perguntei se ela se lembrava de quando eu avisei que um dia eu iria posar para a Playboy. Ela confirmou. Lembrei também da resposta que ela me deu no fim daquela conversa, que se fosse para fazer algo para o meu bem, eu poderia fazer o que eu quisesse, quando eu fosse maior de idade.

Mostrei a revista e avisei que eu só havia me antecipado um pouquinho em relação à idade. Na mesma hora, ela enrolou a língua na minha frente e desmaiou. Lá fui eu, com ela no colo, para o ginecologista da cidade, que era "o senhor faz tudo", que examinou a minha mãe e disse que

ela estava ótima. Voltamos para casa. O meu cachê encheu a geladeira lá de casa. E o resto eu dei tudo para a minha mãe. Ainda assim, não senti que ganhei a aprovação dela.

A gente estava morando de novo no casarão dos Banhara, que tinha aquele muro branco e ficava de frente para uma porção de casas novas, onde só moravam meninos. Amanheci no dia seguinte com a casa toda pichada, cheia de palavrão. Tudo por causa da revista. E aquilo foi um choque para mim. Todas as outras mulheres que tinham feito fotos nuas até então foram ovacionadas pelos outros, principalmente na cidade em que nasceram. Comigo, por alguma razão, e como sempre, foi diferente.

Fui praticamente apedrejada em praça pública. Começaram a jogar bombas entre as gradinhas do meu porão, à noite, enquanto eu dormia, para me assustar. Na escola, vinha uma chuva de latinhas, giz colorido, para manchar minhas roupas. Tocavam a campainha de casa e saíam correndo. Ou, então, abaixavam as calças. Até o dia em que eu tirei uma foto dos meninos mostrando a bunda, levei no jornal da cidade, para contar o que estava acontecendo comigo, para me proteger. E a matéria foi publicada.

Foi tudo muito rápido. Coisa de 10 dias. Eu não podia andar na rua.

CAPÍTULO SETE

UBA, UBA, UBA, Ê

Se desde os 13 anos a ideia era ficar mal falada na cidade, tinha conquistado "meu objetivo" com louvor. Agora, sim, ninguém queria nada comigo elevado ao cubo. E por um lado, foi um alívio. Porque eu não me via casada, entrando em uma igreja de noiva e tudo mais. Eu sabia que queria ser mãe. Uma muito diferente das referências mais próximas que eu tinha. Mas era cada vez mais forte a certeza de que a minha vida já estava fazendo hora extra em Tremembé.

Ao mesmo tempo, eu ainda morava lá. Precisava sobreviver, me proteger e não enlouquecer com a avalanche que estava passando por cima de mim. Não costumava muito ouvir rádio. Mas um dia sintonizei em uma discussão sobre a mulher. Participavam a advogada Zulaiê Cobra, o ginecologista Dr. Pinotti e mais dois políticos. Era a primeira vez que eu ouvia falar em empoderamento feminino, quando essa palavra ainda nem existia. E o discurso da Zulaiê foi inspirador.

Em seguida, tocou o telefone fixo lá em casa. Atendi. Era da equipe do (hoje apresentador) Luciano Huck, um jovem que ainda estava dando seus primeiros passos e trabalhava em um programa, chamado "Circulando". A proposta era fazer uma matéria exclusiva comigo, fechar o foco em mim e contar a minha história de um jeito que até então ninguém tinha contado. Era minha chance. Percebi que a minha vida já estava tomando outro rumo.

Sempre fui a menina que passava as noites assistindo ao programa do Amaury Jr. e vendo aquele monte de gente importante subir as escadarias do teatro Municipal de São Paulo, passeando pelo tapete vermelho. E eu me sentia lá, me transferia para lá. De repente, virei a personagem principal de uma matéria. A entrevista foi muito bem conduzida. O Luciano

registrou e contrapôs a opinião dos moradores a meu respeito em relação a quem eu era de verdade, a minha versão dessa mesma história.

Nos testemunhos locais, do padre da cidade, do dono da banca de jornal, todo mundo dizia que eu havia jogado o nome da cidade na lama. Para eles, o que eu havia feito era um absurdo, algo imoral. Fui convidada a não frequentar a missa de domingo porque eu "tinha o demônio no corpo". E na matéria gravada pelo Luciano, eu tive pelo menos a chance de me defender, de me "explicar". Gravaram imagens da minha casa e tudo mais. Foi uma entrevista muito emocionante.

Quando o programa foi ao ar, a repercussão para o meu lado foi bastante positiva e a minha projeção cresceu. Outros programas, em outras emissoras, também começaram a replicar alguns trechos da entrevista e comentar o assunto. Aí, tocou o meu telefone mais uma vez. E agora era da produção do programa do apresentador Gugu Liberato, no SBT. Eles me convidaram para falar ao vivo sobre tudo isso e ainda participar das brincadeiras do programa. Fui. Mais de uma vez. E foi demais.

Em uma dessas minhas idas ao programa, eles me convidaram para integrar o elenco de um quadro que estava no auge naquela época: a "Banheira do Gugu" (na minha opinião, uma grande sacada). A ideia era colocar os famosos em trajes de banho para pegar sabonetes dentro de uma banheira, enquanto um modelo do sexo oposto, também em trajes de banho, tentava impedir. Quem pegasse mais sabonetes em um tempo determinado ganhava o prêmio.

Fui chamada para ser a modelo reserva que ficava impedindo os caras de recolher os sabonetes. A estrela principal da banheira era a modelo Luiza Ambiel, sempre! Mas ela podia ficar gripada ou faltar, então, a produção queria manter outras meninas por perto, caso fosse necessário. Topei o convite na hora. E para esse grande dia, eu queria até me apresentar com uma roupa diferente, mais chique. Quem me salvou foi uma prima, que morava perto de casa e me emprestou um look.

Eu não imaginava a profundidade que essa banheira teria na minha vida.

#

Quando cheguei aos estúdios do SBT, que ainda ficava na zona norte de São Paulo, as primeiras pessoas que eu cruzei nos bastidores foram a Luiza Ambiel e a Alessandra Scatena, assistente de palco do programa. Eu achava que iam torcer o nariz para mim. Mas fui muito bem tratada. A Luiza, principalmente, foi uma querida, uma professora, a minha protetora. Ela já tinha um timming de televisão e me passou uma porção de dicas valiosas.

A banheira era polêmica, quebrava tabus. Entrava na casa das pessoas em pleno domingo, na hora do almoço, no meio da macarronada e do frango assado em família, e desconstruía tudo aquilo. Era artista de sunga, de biquíni... E bumbum virado para tela. E "uba, uba, uba, ê" (que era a música que tocava durante a prova e marcou o quadro). Quem ficava horas fazendo o molho daquela macarronada fingia que não gostava. Mas quando o bonitão aparecia de sunga...

Na minha primeira participação na banheira, dentro do possível, fingi naturalidade total, como se eu já estivesse acostumada com tudo aquilo. Foi muito legal. E, nesse mesmo dia, dei o meu primeiro autógrafo como artista, com luz, câmeras e ação. Aquele que eu disse para minha mãe, aos 11 anos, que um dia eu iria dar. Eu ainda não era ninguém. Não foi nem um autógrafo na praia. Mas já era muito mais do que eu sempre fui até então. Foi um sucesso. Estourou. Realizou-me.

O Gugu também me recebeu muito bem. E decidiu me deixar meio fixa no elenco. No começo, eu fazia bate e volta no dia do programa. Mas, depois, arrumaram um flat para eu morar em São Paulo. A partir daí, todo fim de semana, eu (brincando) torcia para a Luiza se resfriar, ter uma dor de barriga, uma virose. Nada muito grave. Algo que a deixasse doente só

até segunda-feira. Porque aí ela faltava no domingo e eu teria mais espaço. Mas no domingo ela nunca faltava.

O programa era ao vivo. Os bastidores da televisão nessa época eram ótimos. Os astros internacionais vinham ao Brasil exclusivamente para se apresentar no Gugu. Os grandes nomes da música brasileira também sempre davam um jeito de passar por lá. Qualquer um ia querer ser eu. De Ricky Martin a Shakira, eu dividia o camarim com essa galera e a gente conversava nos intervalos. Fiz muita amizade com a cantora colombiana Shakira e a mãe dela, que eram pessoas simples e muito acessíveis.

Apesar de nunca ter pensado em casamento, eu tinha certeza (e a doce ilusão) de que iria me casar com o cantor porto-riquenho Ricky Martin. Um dia, eu estava de roupão no corredor, ele passou por mim, sempre lindo, olhou para os meus pés, voltou e disse que eu tinha os pés mais lindos que ele já tinha visto na vida. Pronto, me apaixonei. Toda vez que o Ricky Martin aparecia lá no SBT, a primeira coisa que eu fazia era tirar os sapatos e ir atrás dele.

Alguns anos depois, acompanhei a trajetória de uma grande cantora do nordeste, que na época ainda estava despontando no cenário musical e ficava nos bastidores, esperando uma chance de se apresentar. O tipo de música que ela cantava ainda não fazia tanto sucesso. Mas eu já era mega fã. Já tinha assistido aos shows dela no Carnaval. E eu sabia quem ela era. Tinha o CD. Conhecia as músicas, a força dela. Ficava nervosa só de dividir o camarim com a minha musa maior.

E me senti extremamente irritada quando o vocalista de um grupo (que eu não vou citar o nome) veio me criticar na sala de maquiagem por estar conversando com essa cantora. Disse que ela era feia, tinha cara de cavalo e cantava mal. Ela foi ao programa algumas vezes, mas não entrava ao vivo. E, na terceira vez que ela ficou de fora, quando viu os créditos finais aparecerem, ela olhou para mim e disse que um dia ainda ia ser muito famosa. E hoje ela é. Uma rainha!

Era muito comum a gente tomar café na padaria que ficava em frente ao teatro, onde o programa acontecia. O humorista Zé Américo, o ator Gérson Brener, Rômulo Arantes, todo mundo ia lá. E eu sentia uma queda pelo Rômulo, que era lindíssimo. O Gérson até tirava um sarro. Falava que eu ficava meio desconcertada na presença do Rômulo, que meu coraçãozinho batia mais forte, que eu ficava vermelha. E era verdade. Mas sempre fomos apenas amigos.

A prova da banheira era externa, acontecia na parte de fora do teatro, não importando se estivesse calor ou frio. Em teoria, eles aqueciam a água, mas aí tinha dia que a água não aquecia. E a gente mergulhava mesmo assim. Com a brincadeira, a temperatura logo esquentava. Tudo era muito engraçado, quase um improviso. Mas muito orgânico. O Gugu já era um mito na época, mas muito acessível. Sempre que cruzava comigo nos bastidores, ele era muito carinhoso, um doce.

Lá, eu me sentia muito respeitada. Acho que a fama me blindava ainda mais.

#

Fotografei todas as capas de revista na sequência. Ganhei uma projeção ainda maior e ascendi socialmente na elite de São Paulo. Segui com a minha sina, sendo odiada, invejada e criticada pelas pessoas mais tradicionais, mas idolatrada e desejada pelos boyzinhos. Frequentei os melhores lugares. Realizei meus sonhos de consumo possíveis e imagináveis. Carro do ano, relógio caríssimo, anel de ouro. Comecei a ser chamada para fazer muita publicidade, desfiles, eventos. Ganhava muito dinheiro. Muito.

Todos os programas de televisão abriram as portas para mim. Até na poltrona do apresentador Jô Soares eu fui parar, enquanto ele ainda estava no SBT. Algumas pessoas morriam de medo de serem entrevistadas por ele, porque o Jô sempre foi um cara muito inteligente. E teve quem disse que se eu fosse lá ele ia acabar comigo, me destruir, me desconstruir. Mas

eu não quis nem saber. Era uma honra estar diante dele. Peguei uma roupa muito chique emprestada e fui.

Fiquei bem nervosa. Na hora em que fui chamada para sair da plateia e ir me sentar na poltrona ao lado dele, nessa pequena caminhada de poucos passos, minha sandália (emprestada) estourou. Eu travei. Comecei a chorar. Parou a gravação. O Jô saiu de onde estava, rapidamente pegou um grampeador, ajoelhou diante de mim e grampeou a tira da sandália. Falou que televisão era assim mesmo, que para tudo se dava um jeito. E, depois, fez uma entrevista brilhante comigo. Divertida, pontual!

Fiquei mais à vontade. E a fonoaudióloga também me ajudou bastante, me deu ainda mais segurança. Percebia algumas pessoas tirando sarro do meu sotaque caipira de menina do interior. Naquela época, ainda havia muito preconceito. Não podia falar que gostava de sertanejo, era preciso se vestir bem e ter histórias para contar. Eu me apoiava nesse último quesito para disfarçar minhas deficiências nos outros. Contava uma história como ninguém, enquanto corria atrás do restante.

São Paulo era uma caixinha de surpresas, cheia de novas referências para mim, novas experiências. Pisei pela primeira vez em uma boate gay a convite de um amigo. E pela primeira vez também, vi dois homens se beijando na minha frente. Um deles era um astro do rock, de quem eu era muito fã e que hoje está casado e com filhos. Nessa noite, também assisti ao show de uma drag queen, chamada Nany People. O mundo girou, a Nany estourou, se assumiu transexual e hoje é minha grande amiga.

Aos 19 anos, eu vivia uma situação bem tranquila, confortável. Já tinha um carro e um apartamento, uma quitinete no centro de São Paulo. Quer dizer, daquele meu projeto inicial de vida, só faltava um filho para completar meu plano. Mas eu era muito nova, inexperiente. E é claro que teve gente que se aproveitou – e muito – de mim. Inventaram histórias a meu respeito, me sacanearam, me passaram a perna, me roubaram dentro da minha própria casa, trocaram minha fechadura. Foi bizarro.

Também me meti em algumas roubadas profissionais. Acreditei em promessas falsas, levei golpe de contratante. Gente mau-caráter, mal-intencionada. Passei por situações bem constrangedoras e tive que me resolver. Fui ficando mais esperta. E muitas vezes eu já sabia que tinha tudo para dar errado. Mas ainda assim sempre restava a esperança de que comigo ia dar certo, ia ser diferente. Eu achava que aquela era a minha única oportunidade. A minha intuição dizia para eu não ir.

Ainda assim, às vezes, até por necessidade, a gente vai.

Durante todos esses anos apresentando o SuperPop, posso dizer que a história de força, beleza e alegria de Renata Banhara se misturam à do programa. Por muitas vezes, discutimos temas, falamos de seus filhos, amores e desafios. E tanto nas entrevistas quanto em nossas conversas fora das câmeras, Renata sempre deixa a sua marca: a de quem coloca o coração em tudo o que faz.

Luciana Gimenez

CAPÍTULO OITO

FOI BOM... ENQUANTO DUROU

É curioso o fato de que o meu sobrenome era "Banhara", o meu primeiro grande trabalho de destaque foi dentro de uma banheira e eu ainda não sabia nadar. Continuava aquela menina que segurava na borda da piscina para não afundar. E não parou por aí. Ainda frustrada por não ter ganhado nenhum concurso de Miss lá na minha infância, eu decidi que era hora de arriscar novamente, agora muito mais confiante, no "Garota do Fantástico", que acontecia na Rede Globo.

A cada domingo, meninas se apresentavam em algum cenário lindíssimo, com trajes de banho e de passeio. Tinha toda uma coreografia, elas mergulhavam na água, punham o bumbum para cima e saíam do meio da onda do mar, musas esculturais, fazendo caras e bocas. O público votava na favorita, que passava para a outra etapa e no fim ganhava o título e um pouco mais de fama. Fiz escova (meu cabelo era ruim, mais agressivo do que muita gente que eu conhecia) e fui. Pensei que ia arrasar.

Mas na hora da inscrição, de preencher o formulário, empolguei-me tanto com o cenário da praia, que eu amava, que "esqueci" de avisar que não sabia nadar. Era só ter colocado o "X" no "não sabe nadar". Mas achei que ia ficar na desvantagem e menti. E aí precisava mergulhar no mar. Entrei em pânico. Perguntei se podia apenas me molhar e sair. Não podia. Então, entrei no mar, me esbaforei, as tomadas não ficaram muito boas, o diretor brigou comigo e deu tudo errado.

A sorte é que eles iam gravar naquele dia algumas meninas, na praia, e haveria uma segunda gravação, em outro dia, em uma piscina, para as meninas que não sabiam nadar tão bem, como eu. Voltei ao salão de cabeleireiro, fiz mais uma escova maravilhosa e me programei mental e fisi-

camente para essa nova oportunidade. Em geral, primeiro eles gravavam uma entrevista com a menina e depois faziam o clipe dentro da água. Claro que, na minha vez, tinha de ser diferente.

A minha gravação começou com a piscina. Tinha de ficar mergulhando no fundo. Engoli vários litros de água e ainda tentava sensualizar. Fiz o máximo que pude. Mas logo no primeiro mergulho, meu cabelo me traiu. Encrespou de um jeito que eu nunca tinha visto. Ficou armado, gigante. Deixou-me com cara de monstra. E eu ainda tinha de dar a entrevista. Ou seja, não ganhei. Mas digo que ganhei porque não tem fotos no Google e as pessoas não podem provar o contrário.

Aí eu conheci a pessoa mais maravilhosa que já passou pela minha vida: a Bibi. Ela era a irmã da minha faxineira, nascida no Piauí, que veio passar uns tempos em São Paulo e acabou ficando. Assim que ela chegou em casa, a gente percebeu que as nossas histórias eram muito parecidas. A gente se identificou para caramba. E nasceu aí uma relação que foi fundamental para me manter viva até os dias atuais. Viramos a família uma da outra.

A Bibi foi minha filha e minha mãe. A gente se cuidava. A Bibi se gabava de ter aprendido a ser chique, a cozinhar, de fazer e acontecer comigo. E eu me gabava de ter uma presença tão forte, tão amiga, tão amorosa, perto de mim. Ela era humilde, uma pessoa simples, mas possuía uma inteligência, uma sabedoria de poucas palavras, que era arrebatadora. Muitas vezes, eu chegava em casa destruída, achando que nada ia dar certo. Mas ela sempre acreditava em mim e me colocava para cima.

Logo em seguida, eu me apaixonei.

#

A banheira do Gugu era um trabalho constante. Mas não era fixo. Nem exclusivo. Eu tinha feito todas as capas da editora Manchete: de re-

vista de signo, a de costura até chegar a de animais. E aí, a Rede Manchete me chamou para o júri do programa de calouros do apresentador Raul Gil. Era eu, a boazinha, o Eduardo Mascarenhas, o bravo. E depois tinham os convidados famosos, como a atriz Adriane Galisteu, a jurada Marly Marley e a cantora Maria Alcina (de quem eu era muita fã).

O samba estava procurando o seu espaço em São Paulo. Muita gente ainda torcia o nariz. Havia um preconceito, como se o samba fosse alguma coisa horrível e fizesse parte de algum submundo. De repente, lá no Raul Gil, entrou um grupo para cantar, onde cada um dos sambistas estava vestido dos pés à cabeça com uma única cor. Roupa, sapato, cabelo. Tudo da mesma cor. E os meus olhos foram direto para o cara que estava todo de laranja. Ele não era nem o vocalista. Fazia parte da banda.

"Eu vou casar com esse moço de laranja", eu comentei com a Galisteu, que estava ao meu lado naquele dia. Ele era muito bonitinho. Loirinho, com os olhos verdes, meio puxadinhos. Estava longe do perfil de homem que as pessoas projetavam para mim. Eu estava ficando com um menino bilionário, lindo, que morava em Londres e queria me levar com ele. Mas eu disse "não". Depois de conhecer aquele cara de laranja, eu não queria mais ninguém.

O grupo estava dando os seus primeiros passos em direção a um sucesso que não ia demorar a acontecer. O nome deles era "Exaltasamba". E o bonitinho de laranja se chamava Marquinhos. A gente se encontrou nos bastidores, começou a conversar. E aí eu fui para cima. Cheguei chegando mesmo. Foi tudo muito orgânico. Era todo mundo muito jovem. Comecei a seguir o Exalta, onde quer que eles fossem. E a nossa amizade foi crescendo, até virar um relacionamento sério.

Acabei levando tiro de todos os lados. Tinha gente que dizia que o meu interesse nele era simplesmente financeiro, sem saber que grana naquela época era a menor das minhas preocupações. Se o show do Exalta fosse em alguma comunidade do Rio de Janeiro, eu subia o morro e ficava

na boca do palco, no meio do povo e da multidão, para sentir a música na pele. Isso quando eu não arrumava confusão com as meninas e tinha de ser resgatada pelo Péricles, o vocalista, do palco.

Foi bom... enquanto durou.

#

Não era só nos programas da Manchete que eu tinha espaço. Participei muitas vezes do programa humorístico "A Praça é Nossa". Eu contracenava com dois grandes nomes do humor, os atores José Santa Cruz e Péricles, interpretando aquela mulher jovem, bem novinha, casada com um senhorzinho. Também fiz um programa na Rede Globo, o "Ponto a Ponto", simulando um striptease bem perto de um artista para ver se os batimentos cardíacos dele aumentavam. Eu já tinha feito esse mesmo quadro no Gugu.

Fiz figuração na novela "Quatro por Quatro", também na Rede Globo. E aí, o diretor Walter Avancini me convidou para fazer uma participação em uma novela da Manchete, "Mandacaru". Contracenei com um ator maravilhoso, o Altair Lima. Interpretava a filha dele em uma fase da novela. A gente morava em uma choupana. Depois, ele morria e eu sumia. O Altair era uma graça comigo. Nos intervalos das gravações, nos bastidores, ele me contava muitas coisas da vida dele.

A vida por trás das câmeras era bem diferente daquela que as novelas mostravam. Descobri que são muito raros os "Tarcísios Meiras" e as "Reginas Duartes". A maioria dos atores vive como Altair Lima, que perdeu a mulher cedo, tinha 4 filhas para criar e levava de almoço um sanduíche em um saquinho para economizar dinheiro. Aquilo me deixava triste. E não acontecia só na Manchete. Vi grandes diretores, grandes atrizes, passando por muita dificuldade financeira.

Então, eu não glamorizava. Nem almejava essa situação para a minha vida. Esse choque de realidade foi fundamental para eu não me perder em uma ilusão que só ia me afastar ainda mais dos meus objetivos. Aceitei o trabalho porque achei que seria uma oportunidade que eu não poderia deixar passar. Mas assim que eu entendi as regras do jogo, o quanto um ator precisa batalhar para sobreviver, desconectei-me daquilo. Não curtia muito fazer novela, porque eu só me entrego para as coisas em que eu acredito.

Depois de uns 2 anos e meio que eu estava com o Marquinhos, o Exaltasamba estourou de vez e encontrou seu espaço no cenário musical. Eu devia ser a fã número 1. A minha vida se resumia na discografia do Exaltasamba. Desde de "Você na foto toda nua / Num banho de lua / Meu cartão postal / Meu sonho real" até o "E aí foi que o barraco desabou / Nessa que meu barco se perdeu". O samba sempre foi meu amigo. Eu cresci ouvindo e cantando Alcione e Beth Carvalho com o meu pai, lembra?

Ainda me sentia muito apaixonada pelo Marquinhos. A gente era muito feliz. Mas éramos duas crianças insanas. Enquanto a mansão que a gente decidiu construir não ficava pronta, alugamos um apartamento de 50 m2 e várias garagens para guardar mais de 10 carros importados que ele foi comprando. O sonho dele era ser pai. Eu engravidei. E aí começaram as atribulações. No auge do Exaltasamba, ele fazia shows 5 vezes na semana. E quase nunca estava por perto.

Uma tempestade começou a se formar.

Mesmo antes de eu entrar para a TV, já conhecia a Renata de nome, das revistas, dos programas de TV e dos comerciais! Sempre muito bonita, exuberante. Mas sempre de fala doce, sem perder a firmeza de quem sabe o que quer! A vida lhe trouxe muitas coisas boas e momentos difíceis também. Porém, é com eles que aprendemos. Quando a conheci pessoalmente, tive a certeza que estava de frente com uma mulher de fibra e de um ser humano cheio de vida, sempre pronto a recomeçar!

Daniela Albuquerque

CAPÍTULO NOVE

Cauê Garcia - CG Comunicação

FELIZ DIA DOS PAIS

Foi muito legal ficar grávida. Nós dois tínhamos essa vontade de ter filhos. Vi que não veio a menstruação e já fui fazer o exame de sangue para confirmar a suspeita. Precisava subir uma escada para chegar no lugar do exame. Falei para a mulher que, se ela estivesse sorrindo na ponta da escada quando eu viesse buscar o resultado, era porque eu estava grávida. E no dia em que a gente voltou lá, a mesma mulher estava na ponta da escada, sorrindo. Ou seja, bingo!

A gente saiu de lá e foi comemorar a notícia não em um jantar romântico, mas no supermercado. Fizemos uma daquelas compras megalomaníacas, que nem cabia em casa. Tudo para nós dois era comida. E, nesse dia, surgiu um medo descontrolado de passar fome. Decidi fazer uma promessa, uma troca com Deus, para ele ver que eu era uma pessoa bacana, que ele precisava estar ao meu lado. Na minha cabeça, eu precisava abrir mão de uma das coisas que mais amava na vida.

E o escolhido foi o refrigerante. Quando eu era pobre, só conseguia comprar refrigerante uma vez por mês. Eu riscava a garrafinha com um giz azul, dividindo-a em porções iguais para durar vários dias. Só que eu era esganiçada e sempre bebia tudo de uma vez. Aí, depois que eu fiquei "rica", tomava refrigerante direto, para compensar esse passado. Fiquei louca, alucinada, por refrigerante. Parei de beber no dia em que confirmei a gravidez. E nunca mais tomei. Substitui por água. Com gás, claro.

Enjoei demaaaais, demaaais, demaaais. Enjoava até com o cheiro de café, que eu tomava constantemente. Vivia com um tubo de Bom Ar para cima e para baixo. Queria que fosse parto normal. E precisei esperar mais que o convencional. Essa criança ficou 10 meses dentro da minha barriga.

Era um ano bissexto, 1998, e aí me disseram que tem um lance da lua, mais água no universo, sei lá... A sorte é que eu já estava muito mais em casa e muito menos na televisão.

Comprei o enxoval todo azul-marinho, mesmo sem ter feito ultrassom para saber o sexo da criança. Não queria menina. Na minha cabeça, mulher sofria muito, vida de homem é mais fácil. Até para educar eu achava melhor. E a minha aposta vingou. O Marcos André nasceu a criança mais linda que eu já vi na minha vida. Todo cor de rosa, com os olhinhos abertos, forte. Trocou de roupas 3 vezes e tirou 3 fotos de nascimento de tão encantador que era!

Ali, naquele momento, entendi o que era o amor de verdade. Homem e sexo nunca estiveram no meu foco. Sobreviver, sim. Não que eu não gostasse de sexo. Mas eu precisava de um estímulo, que dependia de uma pessoa. E no meu caminho encontrei mais discurso do que ação. Minhas relações foram boas e ruins, duraram seu tempo e eu nunca me desesperei por quem não gostava de mim. Eu nunca tinha sentido esse amor que todo mundo fala. Isso só aconteceu quando o meu filho saiu de dentro de mim.

Nem todas as lembranças desse momento são boas. Poucos dias antes de o meu filho nascer, eu descobri que o Marquinhos já estava com outra pessoa. Fiquei brava e chateada. Fiquei muito mal. Até segurei a onda em um primeiro momento. Mas já me preparei para me separar dele. A gente também já estava em outro momento emocional da nossa relação. Decidi dar à luz, voltar para casa, arrumar as minhas coisas e ir para a casa da minha mãe. A gente conversou. Ele achou que eu estava brincando.

E aí eu fui embora.

#

A recepção na casa da minha mãe, lá no interior, foi bem menos calorosa do que eu esperava. Acho que ela nunca imaginou nem se preparou

para o fato de que um dia eu poderia voltar. E ainda mais com uma criança de colo, que chora, que "incomoda". Mas eu não tinha para onde ir. Tentei estender a minha estada o máximo que pude. Foram apenas alguns dias. Mas suficientes para ter a sensação de que eu também estava incomodando. Arrumei todas as coisas de novo e coloquei o pé na estrada.

Voltei para São Paulo de carona em um caminhão, com um bebê de colo e duas malas. Eu não tinha um centavo. Havia vendido meu apartamento e o meu carro. Era como se nunca tivesse existido a Renata Banhara. A única coisa que eu tinha era meu caráter. E, naquela época, eu achava que uma mulher de caráter não pedia ajuda nem pensão alimentícia para ex-companheiro. Totalmente inocente. Burra. Eu ainda não sabia exatamente o quanto custava o sustento de uma criança!

Descobri que o irmão de uma amiga, que era verdureiro, guardava suas verduras em uma sala no sétimo ou oitavo andar de um prédio desapropriado, de uns 20 andares (sem elevador), no centro de São Paulo. E ela me disse que eu podia ficar ali, que a sala estava vaga. Aceitei na hora. A gente combinou o pagamento de uma taxinha de locação simbólica. A Bibi voltou a morar comigo e com o Marcos, decidindo embarcar nessa "aventura" também.

O lugar era bastante perigoso, cheio de gente barra pesada. A porta principal, no térreo, era arrombada toda hora pela polícia e pelo tráfico. A gente precisava dormir com os pés esticados, prendendo a nossa porta com uma parte do corpo para sentir algum tipo de segurança. Mas, no meio desse caos, pelo menos tinha um "organizador" do prédio, uma espécie de zelador, que ajudou muito a gente, tinha uma atenção especial com a gente. Acho que por eu ser a Renata Banhara.

Era um espacinho de nada. Eu consegui um colchão, um sofá de dois lugares e um fogãozinho de uma boca. Não tinha chuveiro. A gente deu um trato na caixa d'água da privada e tomávamos banho de canequinha. O organizador do prédio nos deu 1 manta, 2 cobertores, 1 lençol e um resto

de tinta. Pintamos as paredes e improvisamos um varal. Eu não podia contar com ninguém, além de mim mesma. E da Bibi, que era um amor, mas também era muito jovem.

O problema é que eu tinha engordado muito durante a gravidez, fiquei bem fora de forma. Estava mais difícil conseguir trabalho. E mesmo quando eu conseguia, não tinha com quem deixar o Marcos. Meu filho não dormia direito, era bastante ativo. Havia uma janela muito baixinha e eu morria de medo que ele caísse de lá. Mas eu precisava abri-la, porque o Marcos nasceu com icterícia, que deixa a pele amarelada, e precisava tomar sol. Ah, e ele ainda era alérgico a qualquer tipo de leite.

Esse inferno todo durou dois anos.

#

Quando meu filho Marcos completou um aninho, decidi colocar meu lado produtora em ação e produzir um aniversário para ele. Emprestei coisa daqui e dali, fiz permuta no *buffet* e convidei todo mundo. Todo mundo mesmo. Até o porteiro do prédio da esquina, até quem eu não conhecia. Foram 280 pessoas. E tirei fotos. Porque eu queria que o meu filho tivesse uma lembrança boa dessa data, se sentisse querido. Porque nos bastidores, a nossa situação ainda era bastante precária.

Uma das primeiras pessoas que me ouviu nessa época foi o humorista Carlos Alberto de Nóbrega. "A Praça" já estava sendo gravada nos estúdios da Anhanguera, em Osasco. E ele aceitou me receber. Era longe. Cheguei morrendo de fome. E a primeira coisa que eu fiz foi comer um sanduíche. Resultado: fiquei sem dinheiro para voltar para casa. E acho que eu nem consegui me explicar direito para o Seu Carlos Alberto. Voltei a pé, pela rodovia Anhanguera, de Osasco até o centro de São Paulo.

Às vezes, eu conseguia fazer uma feira ou evento e ganhava algum dinheiro. Só que, enquanto as meninas do momento tiravam uns 2 mil

reais, eles me pagavam 220 pela diária mais a refeição. Mas tudo bem. Passava na farmácia, comprava caixinha de leite, fralda, e batalhava pelo dia seguinte. Fiz amizade com um pessoal de um bar que tinha embaixo do prédio em que eu morava. A moça estava grávida e, de vez em quando, ela mandava comida para gente.

O Marcos começou a crescer rapidamente. Quando o frio ia chegando, a gente entrava em desespero. Ele não tinha o que vestir. Meu filho usou um macacãozinho tanto tempo que chegava a marcar a pele dele de tão apertado que ficava. Uma vez, eu tinha ganhado uma grana e a gente foi em uma dessas feiras de bebê. Só que a gente se empolgou e, de novo, gastou até o último centavo com roupinhas para ele. Ou seja, a Bibi e eu voltamos a pé para casa, carregando as sacolas e o Marcos no Bebê Conforto.

Aos 24 anos, descobri que tinha 2 nódulos de câncer nos seios. Eram benignos, mas eram grandes e precisava tirar. Quando fui para a mesa de cirurgia, estava certa de que não ia acordar da anestesia. Nunca tive tanto medo de morrer (até aquele momento). Só ficava pensando em quem ia ficar com o Marcos. O Marquinhos visitava o filho. Existia um amor entre eles, sim. Mas a vida dele era muito atribulada. Cheia de compromissos... Graças a Deus a cirurgia foi um sucesso e eu acordei da anestesia.

Ainda assim, a gente estava passando necessidade. E a sensação que eu tinha era de que ninguém estava me vendo, nem me ouvindo. O programa do Ratinho bombava no SBT. E eu enxerguei aí uma possibilidade: buscar um advogado para conseguir os alimentos do meu filho. O Ratinho saiu em minha defesa, como faz diante de todas as injustiças. Mas o público me viu como a vilã, oportunista, barraqueira. Falaram que se eu queria dinheiro era melhor ir trabalhar.

Não consegui nada do que eu queira (e precisava), mas esse movimento trouxe o Marquinhos para mais perto do filho. E, para mim, isso já valeu. A relação dos dois é eterna. Eles serão pai e filho até morrer. E quando o Marcos sente muitas saudades do pai, eu estou lá, cuidando do

meu filho, batalhando pelos interesses dele. E eu vou fazer isso até morrer também. Teve um Dia dos Pais que meu filho postou uma foto minha de Super-Homem com a legenda: “O maior herói que eu conheci na minha vida”.

E quer saber? Feliz Dia dos Pais para mim também!

CAPÍTULO DEZ

NÃO TINHA MAIS PÉ

Sempre gostei de Carnaval. Desde criança. De uma maneira ou de outra, nem que fosse com uma fantasia improvisada, eu não deixava a data passar em branco. Lá no Taubaté Country Club, quando eu tinha uns 4 anos, lembro de uma matinê que a minha mãe me vestiu de havaiana. Mas fiquei muito brava e comecei a chorar porque a minha roupa não tinha a parte de cima e, na minha cabeça, eu estava com os "seios" de fora e todo mundo estava me olhando. Imagina? Logo eu!

Aí, um dia, no Carnaval, quando eu já estava morando no prédio desapropriado, eu vi pela televisão todo mundo se divertindo e desfilando na avenida, enquanto eu estava pobre, acima do peso e com a geladeira vazia. Me deu um estalo. Eu ia emagrecer, me preparar fisicamente e desfilar em TODAS as escolas de samba do Carnaval de São Paulo, no ano seguinte, para chamar a atenção do Brasil. Queria que todo mundo parasse para me ver. Esse era o meu plano.

O sambódromo de São Paulo é praticamente igual ao sambódromo do Rio de Janeiro em quilômetros. Enquanto o do Rio é mais comprido e estreito, o de São Paulo é mais largo e mais curto. A ideia não era sair em carros alegóricos, mas no meio da galera, no chão, fazendo zigue-zague. E depois, dar a volta por fora do Sambódromo, a pé, voltar ao início da avenida e desfilar na próxima escola. Ao todo dava uns 40 quilômetros em cima do salto. E, a cada desfile, eu me propus a trocar de fantasia.

Fui a uma academia que tinha perto de casa, chamei um *personal trainer* que era meu amigo e expliquei toda a situação. O *personal* me disse que aquilo era impossível, que só um atleta de alta *performance* conseguiria realizar esse feito. E eu respondi que nada na minha vida era "impos-

sível". Insisti no assunto. E ele acreditou em mim. Apostou comigo. Até porque, se desse certo, não era somente eu que ia ficar famosa. Fizemos treinos absurdos. De atleta, fenomenal.

Aí saiu em um banco de apostas *online* que eu ia desfilar em todas as escolas do Carnaval de São Paulo. As redes sociais não tinham tanta relevância e influência naquela época para fazer barulho. Mas uns 3 meses antes do Carnaval, um dos principais jornais da Rede Globo repercutiu o assunto no ar. E aí ferrou. Porque agora era para valer! Fizeram uma entrevista comigo e com o *personal*, quase duvidando que eu fosse conseguir. E eu, sempre firme, dizendo que ia sim!

Na minha cabeça, eu só pensava na minha adolescência, quando ia e voltava a pé, 10 quilômetros por trajeto, da minha casa em Tremembé até Taubaté, ou vice-versa. Como o percurso era realizado muitas vezes à noite e eu morria de medo de lobisomem, ia olhando as estrelas e cantando um "mantra", a música "Lua de Cristal", da Xuxa (Lua de cristal / Que me faz sonhar / Faz de mim estrela / Que eu já sei brilhar). Mal sabia eu que já estava "treinando" para, um dia, desfilar 40 quilômetros no Carnaval.

Procurei apoio, algum tipo de patrocínio, para fazer as fantasias. Dois amigos me ajudaram. Estudei as cores das alas. E combinei as peças, como se fossem de Lego, para multiplicar as minhas possibilidades. E aí fui falar com as escolas. Montei um projeto, levei até os responsáveis de cada agremiação, pedindo um espaço, explicando a minha meta e dizendo que, se eu conseguisse, íamos colocar o Carnaval brasileiro no livro dos recordes, o *Guiness Book*. Várias escolas me aplaudiram. Acharam legal.

Outras disseram na minha cara: "Aqui você não desfila, não. De jeito nenhum".

#

Paralelamente, a divulgação da minha ousadia foi ganhando mais projeção na mídia. Quando eu percebi, estava na capa dos principais jornais. Os programas de televisão já comentavam o assunto. Eu virei uma celebridade do Carnaval, antes mesmo de ele começar. Isso tudo aconteceu no Carnaval de 2001. Eu já havia desfilado antes, tentado chamar a atenção na avenida, sido madrinha de bateria de escola, mas nada se comparava a esse buchicho que estava rolando agora.

A Rede Globo me pediu exclusividade. Eu topei porque também precisava deles para fazer o registro, a "contagem regressiva", que comprovasse, por meio de imagens que eu teria, sim, desfilado em todas as escolas. Da concentração à dispersão. E depois da dispersão à concentração, sem usar carro, sempre a pé. E eles fecharam comigo. A cada entrevista que eu dava, um jornalista fazia alguma pergunta, levantando uma questão que eu ainda não tinha pensado. Por exemplo, que sandália eu ia usar.

E eu não fazia ideia. Então, corri até a loja do estilista de calçados Fernando Pires para a gente encontrar um par de sandálias ideal. Ele avisou que meus pés não iam aguentar, iam sangrar, inchar. Foi preciso fazer um sapato todo acolchoado por dentro e em 3 versões diferentes: o 37 (meu número), o 39 e o 40. Cheguei ao Sambódromo de São Paulo com os meus amigos, trazendo todas as fantasias e parafernálias em sacos enormes. Arrumamos tudo em um canto. E aí começou a aventura.

A primeira escola foi tranquila. Acabou. Voltei para a concentração e me troquei. E desfilei na segunda. Tudo bem corrido. Mas rolou. Repeti o trajeto. E na terceira escola eu já comecei a me cansar, achei até que ia desistir. Os meninos que estavam me acompanhando, maravilhosos, tinham outros artistas para cuidar. E foram embora. Aí eu tive de criar minhas próprias condições se quisesse continuar. Arrumei outro buraco para deixar minhas coisas. E segui para a próxima escola.

Eu já não tinha mais pé. Na concentração, antes de entrar na quarta escola, meio sem fôlego, olhei para a arquibancada e vi a galera fazendo

gestos e dizendo: “Só faltam 11! Só faltam 11!”. Aquilo me encheu de energia. Se arquibancada estava acreditando em mim, quem era eu para duvidar? Desfilei sem nenhum aditivo, anfetamina, aminoácido. E além do refrigerante, fiz uma promessa de não beber álcool no Sambódromo. O maior desafio nessa hora era encontrar uma garrafa de água.

Também fiz amizade com um gari. A partir daí, até o final de cada desfile, ele me esperava na dispersão, com o meu roupão e um chinelo Havaianas. Eu jogava no lixo a parte da fantasia que não ia mais usar. Ia até o buraco pegar a minha próxima fantasia. E seguia de volta para a concentração, me trocando pelo caminho. Quando dava, passava até um batom. Chegando lá, eu calçava as sandálias, devolvia o roupão para o gari e vinha sambando tudo outra vez.

Coloquei no sapato umas esponjas de lavar louça que eu tinha trazido para estancar o sangue e amorteci temporariamente a dor das bolhas que começaram a se formar. Acho que foi na quarta escola que o meu salto quebrou de vez. Mas eu não parei. Vim sambando com os pés no chão mesmo, no asfalto. E a dor foi perto do insuportável. Mas agora eu também já tinha ido longe demais para não entrar mais no livro dos recordes. Nada daquilo podia ser em vão.

Aí foi a vez dos médicos tentarem me impedir.

#

Cada vez que eu chegava à dispersão da escola, com os pés sangrando, corroídos, na carne, os médicos do próprio Sambódromo voavam em cima de mim e queriam costurar as feridas. Da primeira vez, permiti. Depois de algum tempo e muito samba, os pontos estouraram e eles vieram me costurar de novo. Deixei mais uma vez. E, quando abriu de novo, eu fugi dos médicos. Não adiantava mais costurar. Os meus pés já estavam deformados. E para sempre. O Rick Martin nunca mais ia poder elogiá-los.

Então, surgiu um novo obstáculo: comecei a atrasar. E a ala que eu tinha me programado para entrar, algumas vezes, já havia passado. Então, eu estava toda de verde e chegava a uma ala onde todo mundo estava de laranja. Nas escolas que eu podia entrar, que havia uma autorização, tudo bem. Eles davam um jeito de me absorver. Agora, nas escolas que eu tinha sido banida e proibida de aparecer, eu me enfiava e ia sambando, até ser "gentilmente" convidada a me retirar pela segurança.

Só que eu não ia embora. Ficava ali na lateral. E contava com a solidariedade alheia. Uma menina, uma senhorinha, um casal... Quando eles me reconheciam, faziam um gesto para eu entrar ali com eles. E assim eu fui. Até o Maurício Kubrusly, jornalista da Rede Globo que fez a transmissão, me ajudou. Quando ele não me achava, me botava na conta de outra. Via uma mulher toda pintada e falava: "Renata Banhara, mulher escultural". E quando eu aparecia na sequência, ele corrigia: "Olha ela aí!".

As minhas costas ficaram em carne viva por causa dos adereços que eu usava nos ombros. É tudo muito pesado. No fim do segundo dia de desfiles, depois de eu desfilar em 13 escolas de samba, era a vez da escola Nenê de Vila Matilde. O sol já estava nascendo. E eles não tinham autorizado a minha participação. Eu não estava conseguindo entrar de jeito nenhum. E eis que surgiram pessoas da velha guarda, que em geral fecham os desfiles das escolas.

A esposa do presidente se aproximou de mim, pegou-me pela mão e disse que eu ia desfilar com eles: "Não vai ser por causa da nossa escola que você vai ficar fora do livro dos recordes". Todo mundo saiu correndo para me ajudar, porque a verdade era que eu já não aguentava dar mais nem um passo. E foi assim, contando com a colaboração de uma porção de pessoas que nem me conheciam, que eu consegui desfilar em todas as escolas de samba no Carnaval 2001 de São Paulo e cumprir minha grande meta.

No final da avenida, já fui chamada para ser a garota propaganda de uma montadora. E me avisaram que eu também ganharia um carro. Não sei

quem nem que revista me chamou para fazer a capa tal e tal. Ou seja, eu estava morta, exausta, mas com a certeza de que as coisas iriam mudar para o meu lado dali em diante. Fiz uma conta rápida e percebi que se juntasse todas aquelas propostas, ia poder sair do prédio desapropriado e comprar um apartamento. Ali o mundo se abriu para mim.

Reuni as filmagens da Rede Globo, onde eu aparecia e era citada, e mandei para Londres, na Inglaterra, onde na época ficava o escritório principal do *Guinnes Book*. Eles validaram toda essa documentação. E, no final, eu entrei para o livro dos recordes! Viajei para vários lugares do mundo, como a "Mulher do Carnaval". E surpreendi muito gringo que esperava ver uma mulher negra, cheia de formas, pequenininha (o oposto de mim), como a rainha do Carnaval.

Teve gente até que achou que eu era travesti.

#

Aí, um diretor de elenco do SBT me ligou e me chamou para uma reunião muito sigilosa. Eles estavam desenvolvendo um *reality show* com artistas, a "Casa dos Artistas", em uma época que o Brasil nem sabia o que era *reality show* direito. A ideia era confinar um grupo de celebridades em uma casa para que elas conviessem, 24 horas por dia, sendo monitoradas constantemente por câmeras, antes de serem eliminadas pelo voto popular. Quem sobrevivesse às eliminações, ganhava o grande prêmio.

Apesar de o contrato ser meio vago, tudo indicava que esse seria um dos grandes projetos da televisão brasileira daquela época. Eu queria participar. Mas, ao mesmo tempo, não queria deixar o Marcos e a Bibi sozinhos por três meses. A Bibi era muito novinha, a gente não tinha nem plano de saúde. E se eles precisassem de mim? Achei melhor recusar o convite, com uma dor gigantesca no coração. Mas aí me ofereceram ficar de *stand-by* no elenco de reposição.

Eu entraria só se alguém saísse por outras razões que não fosse o voto popular. Então, eu topei. Assinei o contrato e fui paga para ficar em casa. Assistia ao programa, torcendo para ninguém sair de lá. E algumas vezes a produção me ligava, dizendo que não sei quem tinha brigado com não sei quem e eles achavam que a pessoa ia pedir para sair, que era para eu me preparar para entrar no dia seguinte. Aí eu enlouquecia, tentava me organizar, agarrava meu filho, desesperada, e começava a chorar.

Quando o programa estourou e eu vi os artistas ganhando fama e os "extras" que rolavam, só não me arrependi de ter me recusado a fazer parte do elenco principal, porque olhava para os olhinhos do Marcos e via que eu tinha feito a escolha certa. Na reta final do programa, faltando poucos dias para terminar, até me deu vontade de entrar. Mas não rolou. Participei somente de uma das festas finais por algumas horas. E nunca mais me chamaram.

Pouco tempo depois, me chamaram para participar de uma comédia no teatro, "A Vida Secreta de Batman e Robin", onde eu interpretaria a *Batgirl*. Quando eu cheguei a São Paulo, ainda na época da banheira do Gugu, pensei em fazer um curso de interpretação. Fiz algumas aulas. Mas logo vi que não tinha nada a ver comigo. Depois, rolou aquelas experiências das novelas na Globo e na Manchete. Mas, ainda assim, decidi arriscar outra vez. Quem sabe dava certo.

Só que não. Descobri que os bastidores do teatro eram ainda mais miseráveis do que os da televisão. E aquilo tudo me deprimia. A peça era muito legal, divertida. Mas quando as cortinas se fechavam, eu acompanhava o sofrimento daqueles atores, que davam um duro danado, viviam só de arte e ganhavam pouquíssimo. Me dava aflição. Tanto que eu gastava tudo o que ganhava ali, com eles. Comprava uma pizza, fazia um risoto, que rendia bastante. E todo mundo comia na coxia.

Eu, pelo menos, tinha um nome. A minha fama sempre foi maior do que a minha conta bancária. Uma vez, entrei em uma loja de doces

no *shopping*, com o Marcos pequenininho, e começaram a brotar umas adolescentes de tudo o que era canto, me pedindo autógrafo. Meu filho escorregou das minhas mãos. Sumiu. Reapareceu. E depois ficou chorando, muito magoado comigo, porque eu "nunca tinha dado um autógrafo para ele" (e ele nem sabia o que era autógrafo).

Eram nessas ocasiões que eu deparava com a "Renata Banhara"!

CAPÍTULO ONZE

DOIS PASSOS PARA TRÁS

Havia vencido algumas batalhas, mas estava longe de ganhar a guerra. Fui fazer capa de revista, desfile, evento. E aí decidi investir uma parte da minha grana em uma clínica de estética, que era uma coisa da moda. Arrumei um espaço perto do *shopping* Anália Franco, na zona leste de São Paulo, e montei o "Camarim dos Artistas", uma clínica de estética integrada a uma academia de ginástica e a um salão de cabeleireiro. E a ideia era levar alguns artistas de vez quando lá.

O salão e a clínica não fizeram o sucesso que eu esperava. Mas a academia ia muito bem e acabava sustentando tudo. Precisava de um bom cirurgião plástico para atender na clínica e conheci o Dr. Ednardo Sampaio, que tinha um consultório movimentado na região dos Jardins, em São Paulo, e era uma referência entre os profissionais do ramo. A mulher dele, a Lu, apesar de ter quase a mesma idade que eu, foi uma verdadeira mãe para mim.

Ela nasceu em uma família simples, de grandes mulheres, e conheceu o marido, também de origem humilde, que veio do Ceará. Juntos, eles prosperaram com sabedoria sem perder a essência. E isso para mim era um exemplo de vida, uma meta a ser atingida. Quis ficar bem pertinho deles para aprender tudo o que eu podia. A Lu foi uma mulher que me ensinou a ser elegante, com humildade, com simplicidade. Era o exemplo de mãe que eu queria ser um dia.

A vida seguiu seu rumo até que uma noite eu fui a um *show* do cantor de forró Frank Aguiar, no Olympia, uma casa de espetáculos que tinha em São Paulo. Simone e Simária ainda eram duas menininhas, novinhas, queridas, que faziam *backing vocal* para ele. Lá, eu conheci o Frank pes-

soalmente. Houve um encantamento naquele momento. A gente começou a namorar. Parecia se entender. Até que, tempos depois, decidi vender meu apartamento para a gente morar junto.

Fui viver em uma mansão que tinha 6 andares, gigantesca, decorada com notas musicais e uma escadaria de ouro. Era uma loucura principalmente para quem, até outro dia, morou em um prédio desapropriado. Tudo era muito grande, muito macro. A academia ocupava um andar inteiro. Uma boate e um estúdio ficavam em outro. Havia um andar que era uma espécie de hotel, para os hóspedes. E a gente sempre recebia muitas visitas, porque a família do Frank é enorme.

Não foi fácil me adaptar a essa nova realidade. Eu não sabia gerenciar tudo isso sozinha. Por exemplo, a gente precisava ir ao mercado de micro-ônibus e comprava no mínimo 10 latas de óleo para uma semana. Eu não tinha esse pensamento macro. Não sabia como lidar com isso. A cozinha ficava muito longe do quarto e da sala. Eu não achava a casa aconchegante. Às vezes, levava comida para o meu *closet* e me trancava lá, bem nervosa, achando que eu tinha me precipitado com o "casamento".

Só no *closet* eu me sentia mais segura.

#

Não podia nem correr para o colo da minha mãe. A nossa relação ainda era bem frágil. Eram raros os nossos momentos juntas. Uma vez, a gente foi à Praia Grande e eu estava deitada de costas, tomando sol. Eis que um homem se ajoelhou, beijou meus pés e me pediu um autógrafo. Quando viram que era a "Renata da banheira do Gugu", juntou gente de todos os lados. Foi uma loucura. Era a realização de um sonho: eu, na praia, dando autógrafos. E mostrando para a minha mãe que eu tinha virado alguém.

Já em casa, o meu sonho começou a se transformar em pesadelo. O Frank estava no auge e vivia para trabalhar. Ele fazia muito *shows* durante

a semana e ficava muito tempo longe. Eu me sentia muito sozinha, deslocada. A gente passou a se desentender, discutir e brigar. Os nossos gênios eram muito fortes. Mas paralelo a tudo isso, alheio a todos esses problemas, o meu filho Marcos tinha um baú de fantasias de super-heróis e a vida dele era trocar essas fantasias.

Aí fomos jantar com o Ednardo e a Lu. E, no meio da noite, o Ednardo virou para o Frank e disse: "A Renata é uma mulher tão bacana! Você devia ter um filho com ela". Depois, olhou para mim e continuou: "E você precisa tanto de um pai para o Marcos". Fiquei pensando nisso. Mais tarde, a gente foi ao banheiro, juntos, e, enquanto lavava as mãos na mesma pia, conversamos e chegamos a conclusão que a ideia fazia total sentido. Voltamos para a mesa e avisamos o Ednardo e a Lu que eles seriam os padrinhos.

Em seguida, eu engravidei. Mas perdi. Depois, engravidei de novo, agora, sim, do meu segundo filho. Descobri que era um menino, para o alívio do Marcos. Ele me disse que só queria que eu tivesse outro filho se fosse um irmão para ele jogar bola e, caso nascesse uma irmã, "por engano", era melhor deixá-la na maternidade e "pegar outro bebê". Engordei menos dessa vez. Na primeira gestação, ganhei 40 quilos. Na segunda, foram apenas 6. E também enjoei menos, mas ainda passava muito mal.

Não foi uma gestação tranquila. Havia vendido o Camarim dos Artistas para investir na franquia de duas lojas da marca Planet Girls, que eu já usava e era de uma amiga muito querida, a Adriana Restun. Não pude acompanhar a reforma das lojas. Foi o Frank que tocou. E quando a gente inaugurou, elas pareciam mais lojas de CD do que de roupas, cheias de fotos do Frank em vez das imagens dos garotos-propagandas da marca: Rodrigo Santoro, Juliana Paes etc. Acabei fechando tudo.

O Frank e eu fomos nos perdendo, houve muito desgaste. E com 7 meses e meio de gravidez, a gente achou melhor se separar. O nascimento do Breno, meu segundo filho, em 2004, foi um acontecimento. Foi um

tumulto na sala de parto. Devia ter umas 20 pessoas dentro do centro cirúrgico. E eu lá, toda esturricada. E, para piorar ainda mais as coisas, o Breno nasceu muito fraquinho. Quando me mostraram, eu entrei em pânico. Ele pesava 1 quilo e 250 gramas, era um fiapo de gente.

Na minha cabeça, passou um filme do que eu ia enfrentar dali em diante.

#

O Breno não tinha uma gordurinha. Mal abria os olhos. E não ganhava peso de jeito nenhum. Ele saiu do hospital com 990 gramas. Mas precisou voltar várias vezes. Eu internei meu filho em 6 hospitais diferentes. Tirava de um e colocava em outro. O Frank nem sempre podia acompanhar, por causa dos *shows*. Eu contava com o apoio das irmãs dele. Quase perdi meu filho. Ele teve duas paradas cardíacas, e, na última internação, ninguém acreditava muito na recuperação dele.

Eu pegava o leite do peito com um algodão e punha 2 ou 3 gotinhas na boca dele. O Breno tinha de ganhar um mínimo de gramas. Pelo menos 60. E ele só perdia. O coitadinho não tinha nem mais veia. Ele estava seco, seco, seco. Parecia um cadáver. Aí, um pediatra entrou no quarto, olhou bem na minha cara e disse que eu estava prendendo o meu filho aqui e que eu tinha que libertá-lo, porque Deus ia fazer o que fosse melhor para ele. Mas eu não queria acreditar nisso.

Fiquei bastante desorientada. Estava há 4 dias sem tomar banho, sem sair do lado daquela caixinha. Teve hora que eu fiz xixi de tanto nervoso. Não podia desistir assim tão facilmente. Tinha de continuar na luta. Até que apareceu outro pediatra no quarto, com outro olhar, dizendo que os mais fracos, depois de lutar e se superar, se transformavam nos mais fortes. Me pediu calma e fé. Aumentou minhas esperanças, me aproximou mais um pouco de Deus.

Eu segui adiante. Intensifiquei minhas orações. E, aos poucos, o quadro do Breno foi surpreendentemente mudando e evoluindo. Ele começou a ganhar peso. Primeiro, 9 gramas. Depois, mais 12. Até chegar em 60 gramas, que era a meta. Comemoramos essa vitória. E as outras. Um dia depois do outro. Até que com 3 meses o Breno era uma das crianças mais lindas que eu já vi na minha vida: a pele branca, aqueles olhos azuis, um bocão lindo, o cabelo liso e loiro.

Mais ou menos nessa época, meu pai faleceu. Fiquei sabendo que aconteceu quando ele estava jogando futebol com delegados mais jovens do Vale do Paraíba. Evangélico, estava livre do álcool. Mas a gente não se via havia décadas, ainda magoados pelo nosso afastamento lá de trás. Não quis ir nem ao velório. Preferi guardar a imagem de um alemão forte e trabalhador. Sinto muito por ele jamais ter conhecido os netos pessoalmente. O Breno, hoje, se parece demais com meu pai. Coisas da vida...

Mudei para um *flat* com meus filhos e a Bibi. Estava muito descrente de tudo, perdida. Precisava recomeçar por algum lugar. Mas por onde? A mídia estava de mal de mim. Eu saía de casa no início da tarde e o apresentador Clodovil estava falando mal de mim. Eu voltava no fim da tarde, e ele ainda estava me xingando. Era um descontrole. Poucos apresentadores foram como o Gilberto Barros, que abriu as portas do programa dele e me acolheu. Como é que eu ia conseguir trabalho, algum dinheiro?

Precisei dar dois passos para trás.

Renata é uma doçura, impar, integra, amorosa, generosa, zelosa e cheia de sonhos. Merece ser muito feliz.

Antonia Fontenelle

CAPÍTULO DOZE

MAIS DO QUE CACHÊ

Fechei de fazer mais fotos nuas para a *Sexy*. Como não engordei nada durante a minha gravidez, meu corpo estava ótimo. Quando eu cheguei à locação, tirei a roupa e comecei as fotos, o fotógrafo se frustrou, achou que ia encontrar uma supermulher. Mas ali, na frente dele, eu parecia mais uma geladeira, fria. Estava dura, sem muita energia. Sem condições nenhuma de fotografar. Sem falar que a minha cesárea ainda estava aberta, o meu peito ainda estava jorrando leite. Paramos a sessão.

Aquilo foi muito pesado para mim. De repente, apareceu uma culpa por fazer aquele tipo de trabalho, que eu nunca tinha sentido antes. E com a culpa vieram as lágrimas. Agora, eu não era apenas uma mulher. Eu era mãe. Pela primeira vez, fiquei com medo do julgamento da sociedade, do que as pessoas iam falar de mim. Acho que é do ser humano fazer menos julgamentos de valores quanto se é mais jovem. A maturidade traz esses medos, essas tensões e amarras.

Ao mesmo tempo, pensei no objetivo daquele movimento que eu estava fazendo. Se eu estava precisando de dinheiro, tinha de fazer o trabalho e não me preocupar com o que as pessoas iam falar. Essas coisas me deixavam chateada, mas não pagavam a conta de luz, a farmácia dos meus filhos, a comida da geladeira vazia. Decidi, a partir daquele momento, focar sempre em um pensamento todas as vezes que eu me sentisse julgada assim: “Ferre-se o mundo! Eu tenho dois filhos para criar”.

Absorvi as críticas do fotógrafo, me recompus e continuei com as fotos. Quando a gente terminou a sessão, bateu um papo. E ele me perguntou há quanto tempo eu tinha sido mãe. Quando eu respondi que fazia somente 3 meses, os olhos dele arregalaram e ele ficou chocado. O filho dele havia nascido havia 2 semanas e ele sabia como era difícil para a mulher essa fase pós-parto. “Como você consegue?”, ele me perguntou. “É a vida...”, eu respondi. E a revista ficou linda!

Não posso dizer que eu estava completamente sozinha. O Ednardo e a Lu sempre me estenderam a mão quando eu mais precisei. Sempre cuidaram de mim, colocaram mercado em casa e pagaram até plano de saúde. Eles sempre me acolheram como uma família, que eu sempre sonhei ter. Então, na hora de batizar o Breno, não havia mesmo melhores padrinhos do que eles. Aí, aproveitei a ocasião e pedi para a Lu batizar o Marcos também, já que ele a enxergava como uma segunda mãe.

Em 2007, filiei-me a um partido político. Mas sem grandes pretensões. Enquanto estive com o Frank Aguiar, acompanhei de longe a movimentação política dele. E quis participar desse "mundo dos homens", que parecia mais divertido que o "das mulheres". Comecei a achar esse tipo de trabalho interessante. Logo em seguida, o (hoje deputado federal) Celso Russomanno sugeriu que eu me candidatasse para alguma coisa. Mas, naquela época, não fui mais longe do que uma simples filiação.

Tive de focar a minha energia em outra questão. O Frank e eu, a gente amava demais o Breno, e os dois queriam muito o filho. Então, iniciou-se uma disputa intensa, dolorosa. Um verdadeiro cabo de aço. Uma briga judicial grande, que não parava, não parava. Não acabava nunca. A nossa vida virou um inferno. Tudo era um problema. Tudo gerava discussão. E a mídia acompanhou cada capítulo dessa novela, de camarote, comendo pipoca.

A gente se magoou muito. Ninguém saiu ganhando nessa situação.

#

Aí o mercado foi piorando, ficando sem espaço. E eu tentando me recriar. Os cachês das revistas e dos eventos foram diminuindo, os espaços de divulgação também. E a concorrência, ao contrário, aumentava. Foi aí que eu tive a oportunidade de me agarrar ao programa Superpop, da RedeTV, que já estava sendo apresentado pela Luciana Gimenez. Eu já ia lá desde que o programa era apresentando pela Adriane Galisteu.

Eu me dispus a falar de qualquer assunto no programa. Qualquer assunto, pauta. Até mesmo do que eu não entendesse muito bem. Era só me dizer o tema, que eu estudava em casa antes e chegava preparada para dar audiência. Uma noite, me chamaram para comentar a história de uma atriz famosa que teve fotos íntimas vazadas na internet. Fui pronta para isso. Mas, chegando lá, descobri que a atriz conseguiu uma liminar que proibia a gente de falar o nome dela. E a pauta teve de mudar.

Agora, a gente ia falar da defesa dos animais. E qual era a roupa que eu estava vestindo? Uma blusa de cobra e um sapato de avestruz. E quem estava no palco comigo? Só os defensores dos animais, me olhando torto, de um jeito assustador. Dei uma de louca. Comecei a dizer que era tudo sintético, que eu estava lá para provar que era possível ser chique sem precisar maltratar os animais. Mas não sei se acreditaram muito em mim. Só sei que, chegando em casa, joguei aquela roupa toda fora.

Em outra ocasião, eu estava em um programa ao vivo, com o cantor Nahim e uma campeã mundial de uma luta qualquer. Nem lembro qual era o tema da noite. Mas lembro que essa tal campeã mundial de luta discordou de mim e me pegou para inimiga. Ficou brava, histérica. E, fora do microfone, quando a Luciana estava mais distante da gente, ela resmungou que eu tinha dado o golpe da barriga e ainda ofendeu o meu filho, chamando-o de cabeça chata.

Eu não lembro de mais nada. Foi a primeira vez que alguém falava comigo daquele jeito. Quando dei por mim, eu estava com um pedaço do painel do cenário, que eu arranquei de trás de mim para bater na mulher. A Luciana, quando viu, logo chamou o comercial e quis saber o que havia acontecido. Eu não conseguia nem falar. Foi o Nahim que precisou explicar. E aí a Luciana entendeu que eu era apenas uma mãe defendendo um filho. Deu risada e seguiu adiante com o programa.

Eu era amiga da Luciana desde a época que o meu primeiro filho nasceu. O Marcos e o Lucas (filho da Luciana) devem ter a diferença de

um ano. E a gente se encontrava para os dois brincarem. Ela estava solteira e nós saíamos para jantar, passear. Eu conheci um lado da Luciana que nem todo mundo teve acesso e que é muito maravilhoso. Ela já era alguém muito mais importante – e rica – do que eu. E, ainda assim, sempre foi bacana comigo, uma grande amiga.

Mais do que cachê, no Superpop eu ganhava carinho e exposição.

#

Continuei ralando. E não foi pouco. Fazendo bicos. Eu me virava. Evento, feira, desfile. O que aparecesse pelo caminho. Mas enquanto os artistas importantes iam de helicóptero, eu ficava chacoalhando na estrada de terra, Brasil afora. Marcava sessões de autógrafo das minhas revistas e me apresentei até em cima de uma mesa de bilhar, em um lugar que, para eu chegar, foi preciso viajar em uma jangada, sem motorzinho, durante 4 horas.

Às vezes, dava a sorte de fechar uns trabalhos mais chiques, com mais estrutura. Fui madrinha de um evento beneficente em Paris, viajando de primeira classe e com muito champanhe. Mas, na hora de voltar, claro, eu tinha de passar alguma vergonha. Estava esperando para embarcar no aeroporto de Paris, quando notei uma movimentação diferente das pessoas, policiais fazendo fila para pegar o autógrafo de alguém. Fui ver quem era. E quase cai para trás.

Era o ex-jogador Raí que, até hoje, é uma das estrelas do futebol mundial – e minha grande paixão platônica. Eu colecionava recortes dele. Acompanhei a vida dele. O casamento, a separação, a forma que ele educava as filhas. Tudo. E agora aquele homem estava ali, diante de mim, com toda sua beleza. As minhas pernas tremeram. Arrumei um papel e uma caneta e peguei a fila para pedir um autógrafo também. Na minha vez, eu disse que era muito fã dele. E o Raí foi muito gentil.

Entrei no voo, me acomodei. E logo uma aeromoça se aproximou de mim. Ela estava toda animada porque o Raí também ia embarcar naquele avião. Minhas pernas voltaram a tremer. Decidi que já era hora de acabar com aquela paixão platônica e dar uma paquerada nele. Tomei umas taças de champanhe a mais. Esperei. E, quando ele entrou... Onde era o lugar dele? Bem perto do meu! Aí, eu travei. Viajei muda. Voltei calada. Nem respirava de nervoso.

Outra paixão que eu tinha, nada platônica, era por bonecas. Ficava louca quando entrava em uma loja de brinquedos com meus filhos. Mas ia para o lado dos carrinhos, dos super-heróis. Dizia que depois de comprar tudo o que eles quisessem, quando sobrasse dinheiro, ia começar uma coleção de bonecas. Para compensar todas as que eu quis ter e nunca pude. Comecei quando o Breno tinha uns 5 anos, em um leilão na internet e, aos poucos, fui formando o meu time de mais de 400 bonecas.

Hoje, era para eu ter o dobro disso. Mas eu me desfazia das parecidas, dava de presente para uma criança que fosse em casa. E não tinha tanto espaço assim. Houve uma época em que eu as coloquei em prateleiras, em cima da minha cama, para os meus filhos não mexerem. E fazia um revezamento das bonecas expostas com as guardadas. Os meninos tinham horror às bonecas, diziam que elas ficavam olhando para eles. Achavam que eles iam ser abduzidos por elas.

Quando me casei pela última vez (e estava em uma situação mais confortável de vida), não consegui levar as bonecas para o apartamento. Então, aproveitei um apartamento meu que estava para alugar e deixei as bonecas expostas lá. De vez em quando, ia cuidar delas. E quando um corretor levava possíveis locadores ao imóvel, eles tomavam um baita susto. E a primeira pergunta, antes do valor do aluguel, era se as bonecas iam ficar ali. Em suma, todo mundo odiava minhas bonecas.

Nem adulta eu podia ser um pouco criança.

Eu admiro você bastante. Já admirava como mulher independente que você sempre foi. Você sempre correu atrás do seu. Realmente uma mulher batalhadora e muito guerreira.

Sonia Abrão

CAPÍTULO TREZE

SÃO TANTAS RENATAS!

Sempre batalhei para que meus dois filhos partilhassem da mesma realidade, apesar de eles terem tido origens bem diferentes. Era uma forma de fazê-los "mais irmãos". Na minha cabeça, por exemplo, eles tinham de estudar na mesma escola. Mas, em algum momento, eu quis arriscar matricular o Breno em um colégio de elite, mais chique, que eu não vou nem citar o nome. Só que, para entrar nesse colégio, era preciso apresentar um trabalho.

Na primeira parte do trabalho era necessário confeccionar uma cartolina dizendo como tinham sido as férias e apontando o que ele mais gostou e o que menos gostou. A cartolina do Breno representava as férias no Piauí, que ele havia passado com o avô, o pai do Frank. Ele amava aquele lugar. O cenário principal era o sitiozinho do vovô, com o chão vermelho, as cabritas, o vovô mexendo com as galinhas e o Breno, peladinho, jogando um balde de água na cabeça.

Nessa cartolina, o Breno dizia que o que ele mais gostou foi ficar perto do vovô e o que ele menos gostou foi quando o vovô limpou o peixe e saíram "todos aqueles negócios" de dentro do bicho. Aí, nós fomos ver as outras cartolinas. Uma criança dizia que já estava enjoada de andar no helicóptero do pai. A outra reclamava que não aguentava mais ir para a Disney. Um reclamou do trabalho do pai no hospital, porque ele fedia a doença, e a outra achou ruim que a avó comprou muita roupa para ela.

Na segunda etapa do trabalho, foi pedido para que a gente levasse algum tipo de artesanato de uma data comemorativa do ano que a criança mais curtisse. Conversei com o Breno e ele elegeu o Natal. Então, a gente pegou uma porção de caixinhas de fósforos, embrulhamos como se fossem

pacotinhos de presentes e montamos uma árvore de Natal. Já as outras mães haviam montado mesas de *buffet* de festa, com trenzinho, cachoeira e outras pirotecnias.

Olhei para tudo aquilo, olhei para a minha história, e cheguei à conclusão de que aquele não seria o ambiente ideal para o desenvolvimento pleno do Breno. Eu não queria que meu filho se transformasse naqueles adultos. Foi então que percebi que já estava me aproximando mais daquela mãe que eu sonhava um dia em ser. Aquela que zela pelos filhos. Vira bicho, se for preciso. Às vezes, é a chata. Que não delega. Que vai lá e resolve. Parece óbvio. Mas nem toda mãe é assim.

Eu me dividia entre as crianças e o trabalho. Fui uma mãe muito maluca. Que entrava em casa arrancando os cílios postiços e já colocando a comida no fogão. Nem sempre consegui equilibrar tudo perfeitamente. Não sou perfeita. Mas fiz – e faço – tudo o que estava ao meu alcance. A briga pelo amor do Breno foi muito desgastante. E ele soube aproveitar esse fogo cruzado, pulando sempre no barco que estava indo na direção do que ele queria fazer.

Se eu dizia "sim" e o pai dizia "não", eu era legal. Se acontecia o contrário, eu já ficava na desvantagem. Com uns 4 ou 5 anos, intuitivamente, sem ninguém precisar ensinar, meu filho parecia um advogado formado, cheio de argumentos, que negociava com os pais as suas vontades. E a minha experiência com meu outro filho havia sido bem diferente. Eu pude educar o Marcos do jeito que eu achei melhor, o meu melhor, com as minhas regras, seguindo o meu coração.

Agora, eu estava no meio de uma disputa.

#

Isso tudo me deixou muito sensível. A minha luta pessoal foi combustível para eu ir atrás de informação. E nessa busca descobri histórias e

outras mulheres que estavam passando por situações iguais ou até mesmo piores do que a minha. Eu percebi que não estava sozinha. Que o buraco é mesmo mais embaixo. E, nem sempre, quando a gente está no olho do furacão é possível explicar para as pessoas o quanto uma mulher sofre com uma separação e com a disputa pela guarda dos filhos.

Por mais que uma relação seja maravilhosa, quando um casal se separa, ela vira um inferno. A separação é um momento que fragiliza as pessoas. É um momento muito difícil para todos. E ninguém sai ileso disso. Alguém vai se sentir rejeitado. Alguém vai se sentir injustiçado. E as regras do jogo agora são outras. Todo mundo tem problemas quando se separa. Ninguém se separa porque está feliz. Se tudo fosse perfeito, as pessoas permaneceriam casadas, né?

Fora aquelas pessoas que nessas horas se aproximam, de fora, e dão palpites. E confundem ainda mais a cabeça dos envolvidos na separação. Muitas vezes, as pessoas agem de acordo com esses conselhos, sem nem acreditar muito naquilo, e só aumentam a confusão que já está estabelecida e latente. Um dos piores conselhos que se pode dar para um casal nessa situação é o famoso "senta e conversa". Como assim? Você não tem como conversar com uma pessoa que está na sua contramão.

Se você chega a ponto de procurar ajuda jurídica para resolver uma situação é porque "sentar e conversar" não dá. Aliás, "sentar e conversar" pode inclusive ser pior. O lado mais frágil vai perder. Não importa se é a mulher ou o homem. Acaba sendo manipulado de novo. Se tiver histórico de violência, física ou psicológica, ela vai acontecer de novo. As ameaças continuam. Talvez o melhor conselho nessas horas fosse "não se falem", "morem longe", enquanto a Justiça resolve a parte burocrática.

Conheci muitas mulheres que só admitiam se separar se não tivessem alternativa. Mesmo se elas estivessem sendo traídas, ou apanhando, ou até mesmo as duas coisas. E não é porque elas eram fracas. É porque elas sabiam que um furacão ia passar por cima delas depois da separação.

Muitas pensam nos filhos e acabam se sentindo culpadas pelo fracasso da união. Outras, simplesmente sentem medo e morrem. Eu perdi a Bibi para o feminicídio.

São tantas Renatas!

#

Aquelas que conseguem dar o seu grito de liberdade, depois precisam ter fôlego para começar o cabo de força com a questão da pensão alimentícia, da guarda dos filhos, e por aí vai. Muitas precisam fazer um trabalho quase profissional de detetive, porque existem homens com bons contadores e advogados que dão um jeito de não declarar nada. E isso acontece entre ricos e pobres. Como uma mulher vai exigir alimentos de um pedreiro que trabalha informalmente e não tem renda declarada?

Ela precisa ir à Justiça, gastar o pouco que tem. E não é só o dinheiro do processo que vai embora. É o dinheiro da condução, o tempo, a falta no trabalho que nem sempre dá para justificar... Ela vai ficando sem receita. Não tem quem fique com as crianças, porque as avós hoje trabalham ou moram em outro estado. Se a criança pega uma gripe, o pai já registra um Boletim de Ocorrência contra a mãe alegando cuidados precários. Determinam que ela é uma péssima mãe, uma mãe lixo.

E esses homens continuam fazendo ameaças. Difamam essa mulher no trabalho, para as amigas, para o resto da família. Falam que a mulher usa o dinheiro da pensão para fazer unha ou escova. Ficam tomando conta da vida da mulher, mesmo depois de eles se casarem de novo e terem outros filhos. Destroem o psicológico da mulher. Ela vira a culpada de qualquer falha ou deslize que as crianças venham a cometer. E essa relação da mãe com os filhos fica abalada para sempre.

Aí, na maioria dos casos, vem a disputa pela guarda. As mulheres são obrigadas a continuar gastando o que elas não têm para provar que

são boas mães. E, muitas vezes, elas perdem o oxigênio pelo caminho. Algumas tentam um novo casamento, em busca de algum respaldo e proteção, mas se metem em uma confusão ainda maior por se sujeitar a situações que nem sempre são favoráveis ao seu momento. E, paralelo a isso, muitos homens que têm dinheiro já estão até terceirizando o cuidado dos filhos.

Nessas disputas intermináveis, o pai permissivo sempre vence. As crianças chegam à adolescência com uma liberdade exacerbada. Bebendo, dirigindo, fumando (sabe-se lá o quê!). Com a carteira recheada de dinheiro. Elas podem tudo! É claro que isso vai interferir na formação delas. Que valores estão aprendendo? Como é que termina essa história? Uma mãe sabe. Porque essas histórias se repetem. Essas crianças são os futuros adultos inconsequentes, irresponsáveis e agressivos.

E aquela mãe vira só um nome na carteira de identidade...

Uma mulher bonita e uma mulher guerreira que sempre foi independe e nunca precisou dos homens da vida dela para ela ser o que ela é. Sempre foi uma mãezona. Mãe leoa, que toma conta das suas crias com muita força e com muito carinho.

Leão Lobo

(Depoimento concedido durante o Programa Raul Gil, na homenagem do quadro Pra quem você tira o Chapéu)

CAPÍTULO CATORZE

PERSONALIDADE DA MÍDIA

Soube por um amigo que a Rede Record ia trazer o formato "A Fazenda" para o Brasil em 2009. Nesse *reality show*, um grupo de pessoas, celebridades ou não, ficava confinado em uma fazenda, vivendo a vida do campo, se relacionando, enfrentando provas e precisando escapar da eliminação pelo voto popular. A produção era da mesma galera que tinha feito o "Casa dos Artistas". E me chamaram para conversar, cogitando a possibilidade da minha entrada logo na primeira temporada.

Agradeci o interesse, mas pulei fora. A minha vida estava um tumulto, eu com dois filhos para criar, tentando me entender de alguma forma com o Frank. Não achei que era o melhor momento para ficar 3 meses longe de casa, trancada em um programa de televisão, sem notícias do mundo. Eram as mesmas questões que me fizeram desistir da "Casa dos Artistas", só que elevadas ao quadrado. Não fiquei nem de *stand-by*. Eu sabia que era uma oportunidade incrível. Mas tive de deixar passar.

O programa foi um sucesso. E dessa vez eu me arrependi. A audiência foi tão boa que a Record fez uma segunda temporada logo na sequência, no fim de 2009. E aí, eu me organizei para ir. Mas eles não me queriam mais. Na terceira temporada, que rolou em 2010, eu pedia muito para ir. Cheguei a implorar. Também sem sucesso. Aí anunciaram a quarta temporada para 2011 e eu coloquei na minha cabeça que nessa eu ia ter de entrar de alguma maneira.

O Marcos, o meu mais velho, percebeu a minha ansiedade e veio falar comigo. Perguntou quem é que ia cuidar deles, caso eu entrasse no programa. E o meu plano era incrível: o Breno ficaria com o pai e o Marcos podia ficar na casa da madrinha, a Lu. E a partir daí o Marcos passou a

torcer muito para eu entrar no programa também. A Lu estava morando em uma cobertura chiquérrima, no bairro mais chique de São Paulo, e no condomínio dela tinha quadra de tênis, carrinho elétrico e até macacos nas árvores.

Para melhorar ainda mais essa proposta, a Lu disse que se o Marcos fosse passar um tempo lá, ela ia literalmente montar um quarto só para ele, com *videogame* e frigobar particular. Ela nunca deixou faltar livros nas mochilas dos meus filhos. Deu para eles as chuteiras que eu nunca pude dar. E agora disse que ia tratar o meu filho melhor do que já tinha tratado os filhos dela até então, que ele nem ia sentir falta da mãe. Com tudo isso, o Marcos não via a hora de "se livrar" de mim.

A Record disse que havia uma chance de eu entrar, mas não batia o martelo. O Marcos decidiu entrar em ação. Ele pediu para chamar a diretora de elenco e a psicóloga em casa, para um papo. Elas foram. Como quem não quer nada (e carregando um pouco nas tintas), meu filho fez a maior propaganda das minhas manias, do meu jeito esquisito e bravo. Disse que eu era única, chata, uma mãe enérgica, que não levava desaforo para casa e que eu cuidava de uma coleção esquisitíssima de bonecas.

Logo depois me ligaram para dizer que eu estava no elenco da Fazenda 4.

#

A expectativa de ficar trancada, com gente que eu não conhecia direito e um banheiro só consumiu meus pensamentos. Eu sabia que ia dar merda. Eu conhecia todo mundo que tinha feito *reality*. Sabia que ia dar bosta. E que não tinha fórmula, porque é muito uma questão de encaixe, um precisa completar o outro, a sua cabeça precisa estar bem. E não tem como prever o nosso estado de espírito na hora, com as limitações, privações, tensões e ambições.

Decidi desviar o foco dessa pressão para a organização das minhas malas. Contei com a ajuda da minha amiga que era a dona das lojas Planet Girls e gastei boa parte do meu tempo discutindo e montando meus *looks*. Eu não ia ficar lendo livros de estratégia de guerra para tentar vencer o *reality*. Essa não era eu. Nem quando a gente ficou preso no hotel, dias antes, me abalei. Eles deixam uns livros e uns filmes de terror, acho que para gente ficar ainda mais nervoso. E eu ignorei tudo isso.

A nossa chegada à Fazenda naquela temporada parecia cena de Hollywood. Cada um dos participantes descia do carro, diante da porta principal, aí a imagem congelava e aparecia o nosso nome, a nossa idade e o nosso crédito. Depois, fiquei sabendo que a produção teve a maior dificuldade em definir esse meu crédito. Eles não queriam repetir profissões entre os participantes nem que alguém fosse ex-alguma coisa. Já tinha uma que era modelo internacional, outra que era musa do Carnaval.

Eu tinha de ser outra coisa. Eu era aquela pessoa que não era ligada a um tema, que não levava uma grande bandeira. Eu era aquela pessoa que todo mundo já meio que tinha ouvido falar, mas nem sempre se sabia de onde. Eu estava em todos os lugares e, ao mesmo tempo, em lugar nenhum. Muito antes dessa febre das redes sociais, dos *blogueiros* e dos *influencers* digitais, para encontrar a "Renata Banhara", bastava ligar a sua televisão. Eu era uma personalidade da mídia!

Eles criaram esse termo para mim e usaram na minha apresentação do programa. Virou uma referência. Depois a imprensa me perguntava como é que eu tinha me dado esse título. E eu precisava ficar explicando que não tinha sido eu. Eu só era aquela famosa que se dispunha a ir ao programa da Luciana Gimenez falar de variedades, dos meus filhos, da minha dieta, de celulite, da minha vida. E não era só o programa dela que precisava de gente como eu para rechear suas pautas e seu conteúdo.

Cansei de responder à pergunta: "O que você faz mesmo?". Eu ralava para caramba! As pessoas me assistiam por uns 5 ou 10 minutos na

televisão, mas não faziam ideia do que eu tinha comprometido para chegar até aquele momento. Do cabelo, da maquiagem, do figurino, do tempo que levava para o carro me buscar e me levar, do tempo que eu esperava nos bastidores e ficava estudando a pauta. Às vezes, eu levava um dia inteiro para estar pronta para aqueles 5 minutos de vídeo.

Personalidade da mídia, sim. Com orgulho!

#

Apesar de o Marcos querer muito ficar na casa da madrinha, ele me disse que eu não ia durar muito lá dentro do programa. Mas achei que ia segurar a minha onda, formar minha turma. Conhecia alguns participantes de vista, outros já eram meus amigos. Mas conflitos eram inevitáveis, porque nós estávamos em um *reality show*. E eu não estava lá para perder. Eu só não esperava que a bomba estourasse para cima de mim logo na primeira semana.

Rolou uma divisão da gente em 3 grupos. E eu achei que a minha equipe acabou sendo a mais fraca. Fui falar com a participante que era a Fazendeira da Semana para que ela não indicasse nenhum de nós para a berlinda. Pronto! Já vieram com um papo que eu estava tentando manipular o jogo. Começaram as brigas, as lágrimas. E eu pensei em tocar o sino e pedir para sair. Mas não toquei. Eu já havia recebido 50% do cachê e, se desistisse, perdia tudo.

Sempre fui uma pessoa muito proativa. Então, fazia todos os serviços, limpava, gostava de ajudar. Aí, começaram a cismar com isso. Vi depois a edição mostrando o quanto falavam de mim quando eu não estava por perto. Começaram a espalhar que a minha boca era falsa e faziam até careta forçando um beiço para me imitar. Isso rendeu até o fim da temporada, muito tempo depois de eu já ter sido eliminada. Aí, veio a história do chinelo.

Uma das participantes escondeu o próprio chinelo e começou a falar que alguém o tinha roubado. Onde ela escondeu? Embaixo da cama de um dos meninos. Quem achou? Eu, na hora da faxina, porque ela sabia que era eu quem ia limpar o quarto. Pronto. O circo estava armado. Ela começou a dizer para os outros participantes que eu tinha escondido o chinelo lá. E, depois, a edição mostrou que ela só queria prejudicar a minha relação com as pessoas lá dentro.

A partir dessa "brincadeira sem maldade", praticamente a casa inteira foi se voltando contra mim. Lembrando que as câmeras mostravam tudo isso, , eu mesma, que estava lá dentro, não sabia de nada. Cai na armadilha direitinho. Essa conversa foi parar na piscina, onde os homens estavam. E o apresentador João Kléber, meu amigo, que também estava participando do *reality*, acabou comentando que esse tipo de coisa era "bem a minha cara".

Eu estava na cozinha, cortando legumes, quando a modelo Taciane Ribeiro, outra participante do programa, entrou e me contou a conversa desagradável que estava rolando na piscina. Fiquei bastante chateada. Até porque eu não tinha feito nada de errado. Fui até a porta que dava para a área externa, mas me mantive distante. O suficiente para ouvir tudo o que estavam falando de mim. Chegaram a ponto de colocar o meu caráter em dúvida.

Eu respirei fundo. E pensei bem. Tinha duas opções.

Uma das meninas mais carismáticas da televisão. Ela já é conhecida do público brasileiro há muitos anos. Deveria inclusive ser mais bem aproveitada pela televisão brasileira.

Luiz Bacci

CAPÍTULO QUINZE

A PRIMEIRA ELIMINADA

A minha primeira opção era fechar aquela porta e fingir que não estava acontecendo nada. Ou ir até a piscina bater boca com eles. Eu sabia que se eu optasse pela segunda alternativa, eu estaria fora do programa, porque as adolescentes, que na época ficavam na frente dos seus computadores fixos para votar (não era comum o voto pelo celular), iam defender aquele grupo de homens e não eu. Foi automático, estratégico, apesar de não ter sido planejado.

Em questão de segundos, pensei em mim, na minha jornada, nos meus objetivos. Já havia recebido a grana. Percebi que eu não ia ter fôlego para aguentar até o fim. Um dia lá parecia uma semana. Abracei a causa da faxina e já ficava muito cansada. Quando começou a dinâmica dos bichos, fiquei destruída. Dormir era um problema. Eu chorava. A temperatura em Itu, cidade onde ficava a fazenda, oscilava demais. E eu ficava pensando que meus filhos estavam passando ou muito frio ou muito calor.

Avaliei também as minhas chances de vencer o programa. Na primeira prova de habilidade e resistência física, fui um fiasco. Era um circuito de cordas, em cima da piscina, e eu fiquei nervosa. Não tinha forças, não sabia nadar. Foi uma catástrofe. Ponderei quem é que ia me defender ali. Quase ninguém. Então, falei para mim mesma: "Volto para as minhas panelas ou viro macho e enfrento esses caras? Porque macho eu também sei ser. E o barraco vai rolar!". Deixei as panelas e fui.

O confronto principal foi entre o João e eu. Eu estava muito chateada porque achei que ele ia ser o meu melhor amigo ali. Aproveitei também para canalizar minhas saudades, frustrações e meu cansaço. E soltei o verbo. Falei até mais do que devia. Mas na hora da raiva, ninguém pensa. Falei

que ele estava sendo infantil, mariquinha por estar fazendo fofoquinha e ainda disse que era mais homem do que ele. Fiz um bando de ameaças, gritei feito louca. Se era para sair, tinha de ser em grande estilo.

Na primeira berlinda, fui indicada pela Fazendeira da Semana que tinha o poder de mandar alguém direto. O João foi pelo voto dos participantes. E a Taciane e o paraquedista Gui Pádua perderam uma prova. Descemos os 4 para um espaço isolado da fazenda e dos outros participantes, chamado "casa da roça". A história do chinelo não se esclareceu ali. Mas eu conversei direito com o João, mais calma, e a gente se entendeu. A partir dessa experiência, o carinho entre nós só cresceu.

Agora, era esperar pela votação do público para ver quem é que ia sair.

#

O João venceu uma prova, virou o Fazendeiro da (próxima) Semana e ficou imune. Aí, eu sabia que ia sair. E comecei a torcer por isso. Mas em respeito à produção do programa, que estava ali ralando, em condições muito menos confortáveis do que a minha, eu tinha de passar alguma emoção para o público. Tinha de fazer a minha parte. Então, fingi que estava sofrendo, querendo ficar. Mas eu já estava no lucro. Ganhei o cachê, a exposição, alguns prêmios em dinheiro.

A minha vontade era ir embora, voltar para as minhas dinâmicas, meus vícios, minha mania de organização, meu café, minha água com gás. Sentia falta de trânsito, do cheiro do asfalto, que eu odeio. Sofri as minhas abstinências, a conta não fechava para mim. Sempre aquela mesma imagem. A mesma imagem. A mesma imagem. Saía da porta, a mesma imagem. Entrava no quarto, a mesma imagem. Ia limpar o banheiro, a mesma imagem. Aliás, o banheiro foi o meu grande terror.

Não havia câmeras no reservado. Então, os outros participantes, mesmo entrando sozinhos, faziam o que eles bem queriam lá dentro. E depois era eu que precisava limpar, já que tinha assumido a função da faxina. Não sei se foi para me desestabilizar ou me provocar. Mas houve um dia que o banheiro estava cheio de sangue menstrual. No outro, um dos participantes (que eu não vou dizer o nome) fez "cocô" fora da privada. Isso mesmo. "Cocô" fora da privada! E eu limpei.

Então, quando o apresentador Britto Jr. disse: "Quem sai... é você, Renata Banhara!", eu fingi estar arrasada. Mas por dentro foi um alívio. Sai dos portões, abracei meu filho. E a primeira coisa que o Marcos falou no meu ouvido foi: "Ah, mãe. Agora, eu vou ter de ir embora da casa da dinda". Para ele, era o fim do quarto com frigobar e salgadinhos, a falta de horário para dormir, do motorista particular. E eu fiquei ali, abraçada, disfarçando, pedindo para ele demonstrar emoção, chorar.

Ser a primeira eliminada foi o melhor que poderia ter acontecido comigo. A primeira coisa que eu fiz quando cheguei em casa foi verificar a validade dos alimentos na dispensa. Parecia até que eu tinha ficado um ano inteiro fora de casa e não alguns dias. Aí, dei as entrevistas e entendi a dimensão das coisas que eu fiz e disse no *reality*. Descobri toda a armação que tinha sido feita com o chinelo. Fui massacrada pelo crédito "personalidade da mídia" que a produção me deu.

E ainda tive de explicar um procedimento polêmico que assumi ter feito.

#

Cirurgia plástica e botox, nos anos 1990, era coisa de gente bizarra. Mas eu nunca escondi nada do que fiz. O peito foi depois que o Marcos nasceu. E tudo bem. Depois do Breno, quando coloquei bumbum, as pessoas pararam. Meu bumbum sempre foi grande, mas virou uma omelete murcha e caiu. Pedi ajuda com as próteses de glúteos para o Ednardo. Mas

parecia que tinha nascido um terceiro olho em mim. Todo mundo ficava me apontando, comentando. Foi um pânico na sociedade.

Só que nada disso se comparou ao *chip* que eu tinha colocado no braço para não menstruar. Ainda na Fazenda, a gente estava na piscina e uma das meninas não podia entrar na água por estar menstruada. Então revelei que não tinha esse problema porque havia colocado um *chip* interno, subcutâneo, que era uma grande novidade. Graças a ele, eu não ia menstruar por 6 anos. Pronto. Mais um escândalo! Mais uma polêmica! Mais um absurdo! Parecia que eu era um Avatar.

Em casa, continuei acompanhando o programa como mera telespectadora. Nas primeiras eliminações depois da minha saída, fiquei mal. Achei que tinha calculado errado, jogado errado, sido burra e que devia ter ficado mais tempo mesmo. Fiquei com ódio. Chorei. Depois, percebi que não ia chegar nem em terceiro lugar. E só a partir do segundo colocado é que os prêmios ficavam interessantes. Então, me conformei. Fiquei em paz.

Fora da Fazenda, eu acredito ter conseguido ganhar dinheiro com cachês muito mais do que quem ficou lá dentro mais tempo. Por contrato, eu não podia fazer televisão até o fim da temporada. Mas podia trabalhar em eventos. E o mercado estava aquecidíssimo, pelo momento em que o país estava vivendo. Pedalei para sobreviver. Trabalhei para caramba. De evento corporativo até auê em lojas de departamentos. A minha imagem estava valorizada. E ganhei muita grana.

Todo esse dinheiro, mais o cachê da Fazenda, pagou minhas contas, me deu certa estabilidade e ainda me permitiu proporcionar para o meu filho mais velho, Marcos, a experiência de estudar um período nos Estados Unidos. Foi tudo muito bem calculado. Eu recebi o resto do cachê da Fazenda em uma sexta-feira de manhã e corri para a agência de viagens. No domingo, meu filho estava embarcando.

Foi o começo de uma nova etapa da minha vida.

CAPÍTULO DEZESSEIS

A MINHA VERSÃO

A partir de agora, eu quero pedir licença a você, que está lendo essa história. Vou começar a relatar uma das fases mais difíceis da minha trajetória e quero deixar claro que estarei apresentando aqui os fatos a partir do meu ponto de vista, como eles foram vivenciados e sentidos por mim. Por mais que outras pessoas digam que não foi bem assim que aconteceu e que essa não é a realidade (para elas), segue a minha versão. Foram as minhas impressões, as minhas sensações, as minhas emoções.

Segui minha vida fazendo pautas de programa de televisão. Mudei de endereço. Até que, um dia, meu filho Marcos chegou em casa falando de um cara que era muito legal. Esse cara era pai de uma menina que praticava esportes com ele e também era tio de um amigo do Marcos. Às vezes, ele levava o sobrinho e o Marcos para tomar lanche e meu filho voltava encantado com ele. Era um cara inteligente, viajado, interessante. E que estava separado. Comecei a prestar atenção nele também.

Ao mesmo tempo, eu não estava na *vibe* de namorar, de relacionamento. Estava de boa, a fim de ficar sozinha, tirar uma onda. Cheio de gatinho à minha volta. Vida social agitada. Meus filhos me dando muito amor. Por que apostar em uma montanha-russa de sentimentos? Mas a gente não escolhe essas coisas. Elas acontecem. Fiquei sabendo que a filha dele também tinha uma coleção de bonecas e queria me mostrar. Marcamos um encontro em família. E ali começou alguma coisa.

Rapidamente, criamos uma rotina de casal. A gente morava perto. E, depois de eu fazer a minha correria diária, o jantar era lá em casa. Assistíamos a um filme e brincávamos com as crianças. Aí ele ia embora e eu colocava meus filhos para dormir. Assim que eles pegavam no sono, eu

corria para o apartamento dele e ficava lá até umas seis da manhã, quando eu corria de volta para casa, antes que os meninos acordassem. Funcionou por um tempo. Mas depois foi me desgastando.

Acabei, de certa maneira, tendo de gerenciar dois apartamentos. Por mais que o outro não fosse meu, eu gostava de ajudar, era caprichosa. Levava uma fruta, um doce, um mimo. E ainda tinha meus compromissos profissionais. E ainda tinha de organizar a dinâmica em casa para receber todo mundo à noite. Eu não queria casar, porque achei que isso ia tirar um pouco a liberdade dos meus filhos. Mas depois um tempo, eu não estava aguentando fisicamente essa rotina.

Resolvemos nos juntar. Eu não queria mais que as pessoas ficassem se metendo nos meus relacionamentos. Havia aprendido a lição. Decidi que se conhecesse alguém, não ia mais mostrar, para me preservar. Esse era o plano. Só que a minha estratégia não me blindou totalmente. Quando descobriram que eu estava casada de novo, o mistério em volta do meu marido teve efeito contrário, despertou as hipóteses mais malucas. Diziam que ele era muito mais velho do que eu, casado. Criaram-se várias lendas.

Formamos uma família de 5 integrantes. A filha dele regulava a idade entre o meu mais velho e o mais novo. E, quando era possível, a gente fazia muitas coisas de meninas. Foi uma experiência nova e enriquecedora para mim, que até então só tinha cuidado de meninos. Queria ser uma madrasta do bem. Adorava receber as amigas dela em casa, brincar com maquiagem, sair para comer. Fiz tudo que eu não consegui fazer na minha própria adolescência.

Não sei em que ponto tudo isso acabou.

#

A nossa vida era em São Paulo durante a semana e na praia no fim de semana. Não tínhamos uma vida social muito intensa, não saíamos mui-

to nem para comer em restaurantes. Algumas pessoas hoje me perguntam como é que eu ainda não fui ao restaurante "X" ou ao *shopping* "Y". Mas a gente não saía. Ele era bem caseiro. E eu me adaptei. Estava finalmente realizando meu sonho da família perfeita e achei que algumas concessões, aqui e ali, não iam me fazer mal. Não iam me fazer falta.

Poucos amigos iam em casa. O apartamento era um duplex, tinha uma escada. E meu (ex-)marido ficava muito no andar de cima, supostamente tralhando. Ele também viajava bastante a trabalho. E eu ficava com as crianças, de novo, sozinha. Continuei fazendo alguns programas de televisão por aqui, até que virei correspondente de uma emissora. Aí, eu também viajava de vez em quando para os Estados Unidos e voltava com a mala cheia de presentes para todo mundo.

Perto de mim, meu (ex-)marido era um cara quieto, que não gostava de muito barulho, que reclamava de cheiros. E, de novo, eu me ajustei. Improvisei uma segunda cozinha em casa, na área de serviço, para poder preparar algumas coisas. Afinal, eu vivia para comer, enquanto ele fazia dieta. Eu curtia samba. Ele, eletrônico. Começou a ficar claro que os nossos mundos pertenciam a galáxias diferentes. Ainda assim, eu apostava nessa relação. Não dizem que os opostos se atraem?

Além disso, todo mundo tem o seu jeito de ser, as suas manias. Eu achava que era o jeito dele. Um pouco chato, para o meu gosto. Mas eu também devia ser chata. Chato a gente é. Problema todo mundo tem. Conviver não é fácil. E eu passei a prestar atenção mais no "conjunto da obra" do que nos detalhes: ele era meio metódico com algumas coisas, mas foi um excelente padrasto, não se incomodava tanto com a bagunça dos meus filhos, agradava as crianças. Então, fui adiante.

Mas, de repente, algumas coisas que eram de um jeito passaram a ser de outro. Por exemplo, quando a gente ainda flertava, rolava uma taça de vinho. Agora, a gente não bebia mais nada. Palavrão não podia falar de jeito nenhum. E, na época, eu entendia tudo isso como um aprendizado

para me tornar uma pessoa melhor, mais evoluída, mais elegante, mais estudada. Eu pensava: "Eu quero ser assim". E não enxergava o quanto eu já estava me anulando em prol dessa relação.

Nunca imaginei que, em algum momento, essa balança fosse pesar para o outro lado. Talvez os sinais sempre estiveram ali. Mas é comum a gente não enxergar, chamar de outro nome, mascarar com algum sentimento. Até que chega um dia que acontece uma bobagem qualquer, uma última gota d'água, e a gente começa a entender algumas atitudes "corriqueiras" sob outra ótica. Quando coisas mínimas, sem tanta importância, ganham proporções estratosféricas, algo de muito errado já está rolando.

Um risquinho na bancada que a gente usava todos os dias se transformou em um problema para o ano inteiro. Ele não gritava comigo. Não me xingava. Não me batia. Apenas me olhava. Mas só o olhar dele já me dava uma baita aflição. Comecei a me cobrar internamente para ser a esposa perfeita, minimalista, que não erra. Quando eu ia para o telefone, conversar com as minhas amigas, desabafar, fui percebendo que ele sempre ficava por perto, acho que para escutar a conversa.

Já estava vivendo um relacionamento abusivo. Mas ainda não sabia disso.

#

Quando o Marcos ia terminar o ensino médio, entrou naquela fase terrível para muitos adolescentes de ter que decidir qual caminho seguir. Ele queria ser jogador de futebol. E eu incentivava o esporte, porque ensinava a perder, acalmava o Marcos. Mas morria de medo que ele dependesse desse mercado onde a receita nem sempre é constante. Aí, ele foi atrás, sozinho. O tio da perua escolar tinha um filho que sempre participava de peneiras de futebol. E ele levava meu filho.

Um dia, o Marcos chegou para mim e disse que tinha passado em uma peneira, do Corinthians, e ia para o Japão. Quase cai para trás. Até porque meu filho era são-paulino roxo. O filho do tio da perua escolar também ia. A família deles já estava no Japão. O Marcos teria onde ficar. E aí eu deixei. Dei esse período sabático para ele parar, respirar e pensar no que de fato queria fazer da vida. O Japão foi uma experiência incrível e, ao mesmo tempo, difícil para ele.

Meu filho calça 46. E, no Japão, a média de sapato é 33. Lá, a maioria das pessoas é pequena, enquanto o Marcos passa dos 2 metros. Ele se quebrava muito jogando bola. Chegou uma hora que ele achou melhor voltar. Aí, fez um cursinho excelente, passou em uma faculdade incrível, inclusiva, e agora estuda Economia, em um lugar que valoriza a individualidade das pessoas. Por mais dificuldades que ele tenha passado (e ele passou por todas ao meu lado), meu filho hoje faz parte de uma elite.

Em 2016, começaram a acontecer umas coisas estranhas comigo. Durante o ano sentia umas dores de cabeça constantes. Sentia que eu estava inchada. Via meu rosto com alguns contornos diferentes, meio deformado. Mas meu (ex-)marido dizia que não era nada. Ele não gostava muito desse papo de doença. Falava que eu estava ótima. Ainda assim, fui para o hospital. Me deram uma injeção de corticoide, que salva todo mundo, e eu melhorei um pouco e voltei para casa.

Uma semana depois, passei mal de novo e voltei ao pronto-socorro. Mais uma injeção de corticoide, uma breve melhora. E assim foi. Segui com a minha rotina de trabalho, de casa. Só uma coisa chamava demais a minha atenção: eu não estava mais suportando o calor. Eu era a mulher que amava uma praia, que queria ser a Garota do Fantástico. Mas agora eu passava muito mal em altas temperaturas. Na casa da praia, eu era proibida de ligar o ar condicionado e isso me dava uma baita aflição.

Sempre curti muito preparar e comemorar as datas festivas do ano: Páscoa, Festa Junina, *Halloween*. E eu fiquei praticamente 12 meses com

dor de cabeça, usando uma farmacinha doméstica para minimizar o meu desconforto. Mulher às vezes acha que a cabeça dói por causa da Tensão Pré-Menstrual ou porque almoçou pouco ou por causa de *stress*. Sem querer parar para me cuidar e ocupada com as atividades das crianças, fui me automedicando (o que foi um grande erro).

No Natal, passei muito mal. Muito mesmo. Nem sai de casa. Já tinha marcado o *Réveillon* no casa da praia com alguns amigos. A minha cozinha era de vidro, recebia sol direto. E eu cozinhei muito também, fiquei bastante tempo perto do fogão. Voltaram as dores, os inchaços, as deformações. Uma das minhas amigas, que era médica, levantou a possibilidade de eu ter desenvolvido algum tipo de alergia ao calor, ao sol. As minhas pernas estavam bem inchadas. De repente, meus joelhos travaram.

À noite, eu não conseguia andar.

CAPÍTULO DEZESSETE

EU ME SENTIA UM MONSTRO

Depois da virada do ano, de volta a São Paulo, retornei ao mesmo hospital de sempre. E, de novo, tomei uma injeção e voltei para casa. Mas queria encerrar esse ciclo de uma vez por todas. Sabia que ia sentir as dores novamente e que essas injeções só estavam tratando os efeitos do meu problema, não a causa. Tínhamos um plano de saúde muito bom, o mais top, executivo, e eu decidi buscar a opinião de outro hospital. Fui. Fiz uma bateria de exames. E fiquei esperando os resultados.

Os médicos não me deixaram nem ir embora. Com o diagnóstico em mãos, falaram que iam me internar imediatamente, porque a minha "taxa de PCR" estava altíssima. A proteína C reativa, também conhecida por PCR, é uma proteína presente no nosso sangue, que tem suas concentrações elevadas principalmente em processos inflamatórios ou infecciosos. Ninguém ainda sabia direito o que eu tinha. Mas diziam que era bem grave. E que era preciso me investigar.

Primeiro, me desligaram, me colocaram na unidade semi-intensiva para conter a infecção. Depois, abriram um lado da minha cabeça. Mas não puderam fazer muito, pois estava tudo necrosado. Voltei para o quarto, acordei da anestesia. E eles já estavam me preparando para uma nova cirurgia, com urgência. Precisavam da minha autorização. Eu queria resolver. Disse, sim, imediatamente. E tudo indicava que, se eu não tivesse ido ao hospital naquele dia, teria morrido de infecção generalizada em 24 horas.

A dor dos meus joelhos era insana. Eu não conseguia me movimentar. O sangue percorre o corpo todo, passa pelas juntas. Mas eles não achavam a causa do problema. Começaram a me mapear, me estudar. Achavam que era uma coisa. Tiravam um pedaço de um troço, mandavam para bióp-

sia. Os resultados não eram conclusivos. Nove médicos maravilhosos se debruçaram sobre o meu problema. Mas ninguém conseguia descobrir o que eu tinha. E os dias foram passando.

Eu estava mais preocupada em voltar para casa, para saber se a empregada estava fazendo tudo certinho. Se as compras estavam sendo feitas, se a casa da praia estava abastecida. Pensava em produtos de limpeza, verduras. Morria de medo que as crianças estivessem sem bisnaguinhas com requeijão. Comecei a ficar louca. Ficava 10 dias no hospital e 3 em casa. Voltava 15 dias para o hospital e depois passava mais 2 em casa. Mesmo sem poder dirigir, eu pegava o carro e ia resolver a vida.

Aí, um dos médicos, que tinha acabado de fazer alguns estudos na Alemanha, cogitou a possibilidade do meu problema ter sido causado por um dente. Mas era improvável, porque não havia nada aparente. Eu não tinha dor de dente, nenhum indicativo na gengiva, nenhum pus, nenhum sinal de infecção. E havia passado o ano inteiro me tratando com os meus dentistas, que são maravilhosos. Ainda assim, foram investigar. E fizeram uma grande descoberta.

O nosso rosto tem várias cavidades, buracos, espaços. E o meu dente, o meu próprio organismo, produziu uma espécie de gás, que inflamou os meus seios da face. Essa inflamação casou com uma sinusite do tamanho de um limão, uma bola de líquido venenoso, que acabou se rompendo e irrigando toda minha cabeça. Como eu demorei muito para identificar esse processo, esse líquido já estava necrosado. E se uma bactéria microscópica já pode acabar com a sua vida, imagina uma bola de veneno!

Eu estava com meus dias contados.

#

Os médicos estavam fazendo o possível e o impossível por mim. Eu estava internada em um dos melhores hospitais do planeta. E rezava para

que eles encontrassem uma solução para o meu problema. Eles saíam do quarto e eu chorava. Eu me apoiei muito na fé. Tinha o contato da Cristiane Cardoso, filha do Edir Macedo, e expliquei o que estava acontecendo comigo, mandei algumas fotos. Ela me acolheu. Acompanhou todo esse processo com muita paciência, carinho e atenção.

Enquanto muitas "amigas" me bloquearam nos seus telefones e nas suas redes sociais, porque, segundo elas, eu estava com uma "energia ruim", a Cris me mandava mensagens positivas, músicas e palavras de fé. Ela me trazia esperança e não me deixava desistir de lutar pela minha própria vida. Dizia que o maior desafio de todos ali era eu comigo mesmo. E eu agradecia. Ela pedia para não agradecer. E me explicava que essa era a missão dela: amparar e cuidar de quem precisava.

Nessas horas, eu me perguntava: "Cadê a minha família? Aquele monte de gente que aparecia quando eu estava em um bom momento, dizendo que era meu parente?". Sumiram todos nessas horas de aperto. Não tinha ninguém para ficar com meus filhos, para me levar ao hospital, para me trazer uma troca de roupa. Meu (ex-)marido mesmo apareceu poucas vezes. E eu ficava esperando. Não usava roupa do hospital. Vestia um pijama diferente todo dia, arrumava meu cabelo, enfeitava o quarto. Mas ele não aparecia.

Eu já havia sido jogada fora, "no lixo". Não tinha quem me levasse uma bolacha, uma escova de dentes nova, uma calcinha limpa. Então, liguei para uma empresa de *motoboy* e combinei que eles me levariam o que eu precisasse. Eram 4 meninos, que ficaram com dó de mim e passaram a se identificar na recepção como meus convidados. Só eles tinham autorização para subir e me ver. Mais ninguém. Eu proibi a entrada de qualquer outra pessoa. Nem meus filhos podiam me ver.

Liguei para o Frank e expliquei que as chances de eu morrer eram grandes. Perguntei se o Breno podia passar uma temporada com ele. O Marcos já era mais mocinho, se virava. Havia um caixa eletrônico 24 horas

no hospital e eu depositava dinheiro para ele. Se saía alguma notícia na internet, ele tirava um *print* e me mandava, desesperado. E eu mentia, dizia que era *fake news*, que eu só tinha feito mais uma plástica. E ele brigava comigo, falando que eu ainda ia morrer de tanta plástica.

Eu não queria que ninguém, além dos médicos, me visse. Então, eu vivia com uma toalhinha bordada com o meu nome, cobrindo o meu rosto. O único que conseguiu furar esse bloqueio foi o jornalista Marcelo Rezende. Um dia, ele apareceu no meu quarto e eu perguntei como é que ele tinha conseguido entrar ali. Descobri que ele se consultava com um médico naquele mesmo hospital. E a gente tinha uma amizade fora das câmeras, já havia sido vizinho por duas vezes.

Ele sempre foi um querido comigo. Em várias ocasiões. Uma vez, depois das minhas separações, a gente se encontrou no supermercado, porque morava perto. Eu estava no caixa do supermercado, passando minhas compras, quando ele apareceu de repente e disse que eu não tinha todo aquele dinheiro para fraldas. Aí, se ofereceu para pagar as minhas compras. E não adiantou eu dizer "não". Ele passou o cartão de crédito e ainda pegou um azeite, uns queijos, para incrementar a minha compra.

Mesmo assim, eu queria ele fora do meu quarto no hospital. Ele respondeu que não ia sair. Eu falei que estava morrendo, que tinha direito de escolher o que eu quisesse e quem mandava ali era eu. Fiz alguma brincadeira nesse sentido. Aí, o Marcelo olhou bem nos meus olhos e disse que não era eu que ia morrer. Era ele! Foi um choque. Ele me contou, antes de todo mundo, o diagnóstico que ele tinha recebido dos médicos. Não queria mais que ele saísse do quarto. A gente ficou conversando.

E, poucos meses depois, ele faleceu.

#

O meu afastamento total de tudo e de todos, mais uma vez, teve efeito contrário. As pessoas queriam saber o que tinha acontecido exatamente comigo, me ligavam, me procuravam. E eu fugia. As emissoras de televisão começaram a fazer um tumulto na porta do hospital. A maioria das pessoas que trabalhavam lá, que até então nunca tinha ouvido falar da Renata Banhara, descobriu quem eu era, tinha visto uma notícia minha no programa da Sônia Abrão, falando da minha internação ali.

A Sônia fez uma verdadeira corrente do bem comigo, uma força-tarefa, recrutando o Brasil inteiro para orar por mim. E não foi só ela. Vários apresentadores fizeram a mesma coisa, inclusive nas suas redes sociais: Celso Portiolli, Raul Gil, Leão Lobo, Mamma Bruschetta, Fabíola Reipert, Reinaldo Gottino, Catia Fonseca, Daniela Albulquerque, Nelson Rubens, Flávia Noronha, Felipeh Campos, Thiago Rocha, Vladimir Alves (e me desculpe se eu esqueci alguém).

A apresentadora Eliana fez uma matéria lindíssima no meio do meu tratamento. Ela estava começando uma gravidez delicada e eu me lembro de falar para ela que torcia para estar no fim do meu sofrimento. Infelizmente, 24 horas depois da gravação, eu já estava internada de novo. Isso foi uma constante. Quando eu me sentia melhor e conseguia falar com a imprensa, comemorando alguma vitória, logo acaba voltando para o hospital, com alguma complicação do meu quadro.

O hospital virou meu mundo. O meu quarto virou a minha casa. Era a mais "perua" do corredor. Decorava as paredes com os temas das festividades de cada mês, coloquei uma bomboniere com doces na entrada. Não queria que parecesse um hospital. E eu não sabia quando – e se – ia sair dali. Só no hospital eu me sentia segura. Fora daquelas quatro paredes, a dor era insuportável. Uma parte de mim já tinha morrido. A Renata, aquela mulher colorida, agitada, que fazia as coisas, não existia mais.

Cheguei a pensar que o melhor fosse morrer mesmo e acabar com todo aquele sofrimento. Chamaram a psiquiatra do hospital. Eu nem tinha

vontade de conversar. Aí, ela me explicou que existe um "cordão" nas costas que leva informações para o cérebro. Mas, depois de uma dor muito forte por mais de 3 meses, esse "cordão" é "cortado", como um botão que é desligado para interromper o registro dessa dor. Só que aí, todo o resto para de ser sentido também. E sobra um vazio, uma tristeza, a depressão.

Eu não conseguia olhar meu próprio reflexo no espelho. Cobria tudo para não me ver. Cheguei a ficar 15 dias no hospital sem abrir as janelas, porque eu só aguentava ficar no escuro, no breu total. O meu quadro era bastante irregular, melhorava e piorava. E os efeitos da minha doença nunca eram estáticos. Meu rosto desinchava e inchava. Igual uma bexiga. Queimava e derretia. E ainda derretia de formas estranhas. Não parecia humano. Parecia algo demoníaco. Eu me sentia um monstro.

Entraram com uma medicação mais pesada, tarja preta. Cheguei a tomar mais de 60 remédios diferentes por dia. Sem falar que eu vomitava muito por causa deles. Deixava um baldinho sempre ao lado da minha cama. Os corticoides me destruíram. É verdade que eles salvam vidas, mas tem um preço. Adquiri diabetes medicamentosa. Precisei operar o estômago mais de 1 vez. Fiz cirurgia nos joelhos umas 2. E na cabeça, foram umas 4. Sofri até com paralisia parcial do rosto e do corpo.

Eu carregaria os efeitos colaterais dessa doença para a minha vida inteira.

CAPÍTULO DEZOITO

EU NÃO AGUENTEI

Em um dos meus retornos para casa, durante o tratamento, eu pensei em fugir. Apesar de a recomendação médica ser repouso em casa, eu fiz as compras da semana, arrumei uma mochila e pensei em partir para Nova York, como se lá eu fosse resolver os meus problemas. Claro que logo depois eu desisti. Mas eu deixava uma mala pronta, sempre, no *closet*, e outra perto da porta de saída, caso eu passasse mal e precisasse ir de repente ao hospital.

Sorte que eu tinha o plano de saúde. O hospital foi maravilhoso comigo. Todo mundo me tratava como uma rainha, me trazia paz. O meu quarto ficava no andar mais importante do hospital, onde somente as pessoas importantes ficavam. O saquinho do antibiótico que eu tomava 3 ou 4 vezes por dia custava mais de 3 mil reais. Quando a medicação chegava, as enfermeiras traziam como se fosse uma joia. Eu até tirei uma foto daquele remédio caríssimo.

O meu maior objetivo era resolver o problema. Custasse o que custasse. Para mim, o corpo é uma matéria. Quebrou, tem de arrumar. E a gente tem de fazer tudo o que estiver ao nosso alcance para se consertar. Eu falava "sim" para tudo. Fazia muitos exames para acompanhar a evolução do meu quarto. E chegou um momento que eu fazia mais exames de sangue do que ia ao banheiro. O meu recorde em um desses exames foi retirar 102 tubinhos de sangue.

Diminui drasticamente a minha agenda profissional. E acabou o meu dinheiro. Comecei a depender financeiramente do meu (ex-)marido, uma novidade na minha vida. Eu sempre me virei, sempre fui atrás do meu. Aceitei presentes, compartilhei. Mas eu nunca fiquei zerada a ponto de ter

de pedir um trocado para tomar um café. Eu não tinha dinheiro, inclusive, para cuidar do Marcos (o Breno, nessa época, estava morando com o pai). E isso foi um agravante na nossa dinâmica.

Um dia, eu fiz algumas compras pela internet e o saldo apareceu na fatura do cartão de crédito. Meu (ex-)marido se incomodou com os gastos. Eu estava deitada, na cama de casa, e ele veio com uma fatura impressa, destacando as minhas compras com uma caneta colorida. Ele queria explicações. Queria saber onde eu havia gasto aquele dinheiro. Eu estava passando muito mal. Muito. E precisei ficar me lembrando onde é que tinha gastado aqueles míseros 26 reais.

O que eram 26 reais para uma pessoa que está doente, que perdeu tudo? Não seria mais bacana se preocupar em dar algo gostoso para essa pessoa comer, procurar algo legal para assistir na televisão, juntos? Mas, ao contrário disso, eu fiquei sendo chamada de "mentirosa", porque não me lembrava onde tinha gastado o dinheiro. Liguei até para um amigo para ver se ele lembrava e ele deu a resposta que eu devia ter dado: "Não sei. Não importa. Que porcaria é essa?".

O Marcos já não parava tanto em casa. Os pais dos amiguinhos dele, sabendo da minha situação, viviam convidando o Marcos para dormir em casa ou dar uma volta. Eu tinha uma empregada na casa de praia e outra no apartamento de São Paulo. De repente, recebi uma mensagem, pelo celular, da empregada da praia, que sempre foi muito carinhosa comigo. Ela achou por bem me avisar que meu (ex-)marido estava levando uma jovem para dormir com ele lá.

Na hora congelei.

#

Enquanto eu ficava internada no hospital, meu (ex-)marido continuou indo para a praia no fim de semana. Primeiro, ele levava as compras,

que eu fazia, mandava guardar tudo e pedia para limpar o carro. Aí, voltava para São Paulo. E, depois, aparecia lá com a moça. Não sei qual era a estratégia dele com isso e nem se a menina sabia que ali era a casa de uma família, que havia uma mulher que cuidava de tudo. Talvez ele dizia que eu era uma "ex". Não sei.

O que eu sei é que aquela empregada gostava muito de mim e disse que varria muito cabelo da moça, ao lado da cama, depois que eles iam embora. A única coisa que eu consegui perguntar foi se ela tinha achado alguma camisinha. E ela havia procurado, porque ficou preocupada com o fato de eu estar doente e tudo mais. Mas nenhum preservativo foi encontrado. Não sei se eles tinham jogado na privada ou se isso era um indicativo de que eles não tinham usado proteção.

Eu também não quis saber de mais nada. Para mim, estava claro que ele já tinha outra pessoa. E eu só não sabia ainda o que ia fazer com essa informação. Comentei a situação com a minha empregada de São Paulo, que estava comigo havia menos tempo. Ela só olhou para mim e disse: "A senhora não percebeu nada?". Resumindo, ele também estava levando uma jovem no apartamento de São Paulo, enquanto eu ficava no hospital. Eu não sabia a quem recorrer.

Chamei o Marcos para desabafar em casa um dia. Perguntei o que eu deveria fazer. E ele me aconselhou a conversar com a psiquiatra do hospital, que me ajudou a sair da depressão. Marquei a consulta, através do plano de saúde, e fui até lá. Relatei tudo o que estava acontecendo e pedi uma orientação. Eu estava perdida. Foi aí que ela chamou a atenção para o quão distante o meu (ex-)marido já estava de mim. Ele ia pouco ao hospital, participava pouco do meu tratamento. Ela já tinha sacado.

As peças do quebra-cabeça começaram a se formar diante de mim. De modo geral, meu (ex-)marido já vinha me tratando com bastante indiferença, poucas palavras. Tudo ele bufava. E ele não era assim. Um gasto de 26 reais não era nada perto de todos os momentos bons que vivemos,

de todas as alegrias que um proporcionou ao outro. Comecei a me lembrar do olhar dele, que antes me dava aflição. Agora estava distante, seco, frio... Era como se eu estivesse sempre o incomodando.

Apesar de todos os sinais que já existiam, só aí entendi que fui abandonada na doença, como um brinquedo que havia quebrado. E mais, entendi também que todos os homens se casaram com a "Renata Banhara" e não com a Renata, que pode adoecer, ficar feia, envelhecer. Conversei mais um pouco com a psiquiatra e achamos melhor não falar nada sobre a traição naquele momento. Já estava feito. Não ia mudar. Eu ainda tinha uma cirurgia para fazer. Precisava primeiro cuidar de mim. Só que eu não aguentei!

Fiquei na minha uns 4 dias. Era véspera do aniversário de São Paulo, começo de um feriado prolongado, em janeiro de 2018. Meu (ex-)marido estava na parte de cima do apartamento, trabalhando, e perguntei se eu podia subir para a gente conversar. Ele respondeu que "não". Insisti. Levei outra negativa. Mas, mesmo assim, com bastante dificuldade e dor, fui até lá. Fazia praticamente um ano que eu não subia aquelas escadas porque sempre me dava falta de ar, não tinha oxigênio.

Quando eu cheguei no andar de cima...

#

A minha esperança era que ele me pedisse perdão. Imaginei que meu (ex)-marido fosse inventar uma desculpa que "justificasse" a traição, dizer que eu estava feia, doente, gorda, destruída, e que foi por tudo isso que ele perdeu a cabeça. Alguns maridos das minhas amigas faziam isso. Uns até choravam. Eu achei que ia ficar tudo bem. Juro! Coloquei na minha "conta" uma culpa que nem era minha. Só para tentar encontrar algum sentido para aquela história.

No andar de cima, ele estava de costas, sentado em uma cadeira de escritório, que ele punha para baixo e ficava trabalhando. Eu me apro-

ximei, agachei, botei a mão na cadeira e falei: “Eu sei da jovem”. Foi a última coisa que eu me lembro. Não sei se foi murro, não sei se foi chute. Eu só sei que eu desci a escada rolando com ele. E, chegando lá embaixo, a gente deu de cara com o Marcos, que ouviu o barulho e saiu do quarto para ver o que tinha acontecido.

Ele não entendeu nada. Estava entrando no banho quando ouviu o estrondo. As chances de aquilo acontecer em casa, até então, eram nulas. O Marcos apareceu de shorts branco, meio transparente, velho, puído, porque foi a primeira coisa que ele encontrou. Ficou de frente para mim e me abraçou, para me proteger. E, enquanto isso, meu (ex-)marido me chutava com as pontas dos pés. Ele não colocou as mãos em mim. Foram os pés. Foram chutes.

A sorte é que o Marcos é uma pessoa bem calma e respeitava muito o padrasto. Os dois tinham uma relação incrível. Se fosse o Breno, ele não aceitaria ver a mãe apanhar daquele jeito. Quando eu percebi, nós estávamos indo em direção à varanda. E a primeira coisa que eu pensei foi no meu filho, que é muito alto e a varanda não tinha tela. Puxei o Marcos com o corpo. E meu (ex-)marido ficava pedindo meu celular. Só queria isso. E, no meio dessa confusão, eu nem sabia onde estava o meu celular.

Até aquele momento, eu nem tinha pensado em ligar para alguém para pedir ajuda. O interfone estava logo ali. A gente não viu. Se eu ligasse para o 180, a polícia baixava lá e prendia meu (ex-)marido em flagrante. Mas na hora nem pensei nisso. E é claro que os vizinhos estavam ouvindo a gritaria. Por muito menos barulho, eu já recebi reclamação e multa do prédio. Mas, naquele dia, ninguém se deu ao trabalho de ligar na portaria e avisar o que estava acontecendo no meu apartamento.

A gente não conseguia sair do apartamento porque as saídas tinham fechaduras eletrônicas e meu (ex-)marido havia mudado as senhas. E, lá dentro, nenhuma porta de quarto tinha chave. Meu (ex-)marido tinha recolhido todas. Mas um pouco antes disso, o Marcos, adolescente, me pediu

para fazer uma chave do quarto dele. Eu achei o molho e fiz. Escondido. Ele usava essa chave quando o padrasto ia viajar. E, depois, guardava embaixo de uma bandeja em uma bancada perto da sala.

Em um dos momentos em que o Marcos me largou para tentar abrir a fechadura eletrônica, eu corri para o quarto. Meu (ex-)marido foi atrás. Como ele tinha as chaves, se trancou comigo lá dentro e se aproximou da janela. Abriu as cortinas, a escotilha de ferro, os vidros e "me convidou" para pular. Não encostou em mim. Disse que eu estava feia, velha, sem dinheiro, sem ter como sobreviver. Disse que não me amava mais, que ninguém gostava de mim, que nem os meus filhos me amavam.

Disse ainda que era a melhor coisa que eu poderia fazer. E eu queria pular.

CAPITULO DEZENOVE

A MINHA MAIOR INIMIGA

Uma parte de mim queria ir. Queria pular aquela janela e acabar com tudo. Eu me transformaria em uma borboleta, que voaria e resolveria o problema. Meu (ex-)marido tinha tocado no meu ponto fraco. Em todos os meus embates com homens, ao longo da minha vida, sempre fui chamada de louca, mentirosa. E sempre jogaram na minha cara que eu não tinha família e que ninguém me amava. Sempre. E era isso que eu estava ouvindo ali, diante daquela janela escancarada.

Do lado de fora do quarto, meu filho ouviu todo esse absurdo e começou a bater na porta trancada. Ele gritava: "Mãe, eu tô aqui. Eu te amo! Eu te amo! Meu irmão também te ama. É mentira que seus filhos não te amam!". De repente, ele se lembrou da cópia da chave que ficava embaixo da bandeja e decidiu arriscar. Conseguiu de alguma forma destrancar a porta do quarto e entrar. Aí, ele me encostou na parede, seguro de que eu não ia pular pela janela. Só então, relaxou. E começou a chorar.

Vendo a situação do meu filho, passou um filme na minha cabeça. Eu vi que precisava me defender, defender o Marcos. Encontrei meu celular. Meu (ex-)marido tinha fechado tudo e já estava saindo quando eu comecei a gravar. Meu filho ainda estava com as mãos no rosto, chorando, e não viu quando o meu (ex-)marido passou por trás dele, veio em minha direção, pegou o meu iPhone e quebrou na minha cabeça, bem em um lugar onde havia feito uma das cirurgias. Foi um caos.

O Marcos tinha conseguido descobrir uma das senhas da fechadura eletrônica e a gente conseguiu fugir do apartamento. Paramos na portaria do prédio, conseguimos um Uber e fomos para a Delegacia da Mulher. Meu filho estava sem cueca, vestiu uma camiseta qualquer, um chinelo

qualquer. Eu estava de pijama, toda suada, fedida, em estado de choque. Na hora de registrar o Boletim de Ocorrência, eu preenchi o que foi possível, o que meu emocional me permitiu. E fiz o exame de corpo de delito.

Dali, eu não tinha para onde ir. Então, liguei para uma amiga que também havia passado por uma situação similar, e fomos para a casa dela. Ficamos lá alguns dias. E, nesse meio tempo, busquei uma advogada para me defender. Também arrumei dinheiro para comprar trocas de roupa para a gente. E depois fomos para a casa de outro amigo. A Dra. Adriana Cury, a advogada, me ouviu, me acolheu e me garantiu que eu não estava sozinha nessa luta. Mas me avisou que não seria fácil.

No meio disso tudo, um dos parentes do meu (ex-)marido me ligou e eu achei que era para entender o que houve, me confortar. Mas não foi exatamente isso que aconteceu. Quando eu comecei a contar o que havia ocorrido no apartamento, a pessoa do outro lado da linha passou a pormenorizar a minha fala, como se eu estivesse exagerando, aumentado a importância do que houve. Percebi o rumo da conversa, pedi para a pessoa nunca mais me ligar e desliguei.

A minha vida precisava recomeçar. Mais uma vez. Mas por onde?

#

A Lei Maria da Penha tirava meu (ex-)marido de casa na segunda-feira depois do feriado prolongado. Retornei ao prédio com meus advogados e um oficial de Justiça, mas esperei na recepção enquanto eles subiram até o apartamento. Fiquei com medo de encontrar meu ex. Esperei um tempão. Depois entendi o motivo. Antes de sair de casa, ele deu um jeito de tirar tudo o que tinha lá dentro: os eletrônicos, as minhas roupas, até o meu carro.

Consegui uma medida protetiva na Justiça, para mantê-lo afastado de mim. Nem correspondência dele eu poderia receber. De repente, o por-

teiro avisou que um oficial de Justiça veio entregar um envelope para mim e para o meu filho. Precisava que eu assinasse alguns documentos. Fiquei pensando se eu devia descer ou não. Desci. Mas achei tudo muito esquisito. O cara parecia um *motoboy*, todo encapuzado. Não o deixei entrar. Peguei o envelope pela grade mesmo.

Quando eu vi que era do escritório de advocacia do meu (ex-)marido, nem abri. Anotei os contatos da minha advogada e devolvi o envelope. Aproveitei para tirar uma foto também, senão depois iam dizer que eu tinha inventado tudo. Coloquei o Marcos atrás de mim. E aí o cara levantou a blusa, mostrando que estava armado. Senti que eu estava correndo risco de vida. Temia algum tipo de retaliação. Registrei um Boletim de Ocorrência relatando o episódio. E achei melhor sair daquele endereço.

Voltei para o apartamento em que eu morava e perdi a liberdade. Comecei a pensar que mais alguém ia aparecer. Então, passei a evitar sair do apartamento. Nem na academia do prédio, nem na piscina eu ia mais. Não me sentia à vontade. Era como se eu estivesse em um cativeiro. E quando eu precisava sair de casa, porque uma hora não tinha jeito, eu ia sempre com o celular na mão, gravando tudo. Na ida e na volta. Uma paranoia total. Até hoje.

As dores no corpo apareceram novamente. Voltei ao hospital para me internar. E descobri que estava sem plano de saúde. Havia sido cortado. Como assim? E a cirurgia que ainda faltava eu fazer? Nunca imaginei que chegaria a esse ponto. Mais uma vez, eu só podia contar com a minha fé. Ainda trocava mensagens com a Cris Cardoso. E ela me convidou para ir à igreja. Cheguei lá me arrastando. Minha perna não andava. Eu sentia falta de ar, pouca energia. Estava um lixo.

E ouvir a palavra me fez muito bem! Comecei a frequentar mais vezes, participar das reuniões. Não falava com ninguém. Entrava como anônima e ficava em um canto. Nunca quis chamar a cena para mim. E foi lá que eu ouvi uma coisa muito legal, que foi o primeiro passo para a minha

recuperação, depois de eu ter perdido o plano de saúde. Eles me disseram que não era a religião que ia me salvar. Não era pastor, padre. Não era ninguém. Era uma conversa entre Deus e eu.

Claro que muita gente me criticou. Para algumas pessoas, eu nunca vou estar certa. Já fiz as pazes com isso. Lá na catedral eu me senti respeitada, como há algum tempo eu não vinha sendo. E ninguém me obrigou a levantar bandeira de religião nenhuma. Eu não sou fanática e não gosto de ninguém que é. Lá, encontrei meu espaço, a minha conexão, o meu rumo. A própria Cristiane falava isso para mim. Essa era uma conversa minha com Deus.

E ponto final.

#

Sem dinheiro, fui ficando desesperada. Ninguém tinha trabalho para mim. Minhas reservas haviam ido embora durante a doença. Mesmo enquanto eu ainda tinha plano, algumas coisas, como remédios, eram por fora. E eles eram caríssimos. Agora, meus bens estavam entrando em uma disputa judicial que parecia longe de ter uma conclusão. E eu ainda tinha de somar nessa conta todos os gastos com o processo, os cuidados com o meu filho, comigo mesma, com a minha saúde.

Existe uma máxima das operadoras de plano de saúde, dizendo que se você tem uma doença pré-existente, não pode se inserir em outro plano. Uns até aceitam a sua entrada, mas no futuro pode dar problema. Mas, independentemente disso, eu nem tinha dinheiro para pagar um novo plano. Fiz o orçamento da cirurgia que eu precisava fazer, no particular, que só 3 hospitais top fazem, e quase cai para trás com o preço. Era um valor inacessível. Fiquei desesperada. Aí, fiz um desabafo na internet.

Estava me sentindo desamparada. Não tinha um responsável legal para pagar a minha conta do hospital. Aquele monte de gente que apare-

ceu no meu *Orkut* dizendo que era meu parente, só porque a gente tinha o sobrenome "Banhara" no nome, nessas horas desapareceu. As minhas amigas "de infância", que me davam *like* quando eu estava no auge, também sumiram. Hoje, elas me procuram como se fossem minhas melhores amigas. Não foram. Eu estava sozinha. E em pânico!

A apresentadora Sônia Abrão repercutiu a minha postagem. Sugeriu até fazer uma "vaquinha" para juntar dinheiro para minha cirurgia. E eu disse que não queria isso. Achava que, se alguém me desse alguma coisa, um dia ia voltar para me cobrar. E, mais do que isso, não dava para saber quem era que estava do outro lado, participando dessa vaquinha. Às vezes, podia até ser uma pessoa que estava precisando daquele dinheiro muito mais do que eu. Decidi que só ia operar quando pudesse.

A mídia também estava repercutindo a violência doméstica que eu tinha sofrido. O jornalista Luiz Bacci, por exemplo, mostrou, de forma imparcial, que a violência não era nem uma questão de gênero e que homens e mulheres precisavam aprender a coexistir. Enquanto isso, meu processo judicial não andava na velocidade que eu imaginava que ia andar. A palavra "recurso" virou minha maior inimiga. Acho que foi a maior violência de todas que eu sofri em toda essa jornada.

O recurso, que é aquilo que os advogados da parte contrária usam contra a gente, colocou o meu discurso em dúvida. Tentou (e ainda tem tentado) me arrancar do papel de vítima para me transformar em réu. Seja na violência doméstica, na briga pela guarda dos filhos ou da pensão alimentícia, esses "recursos" continuam violentando a vítima, enquanto, muitas vezes, os agressores ganham o benefício de não ter o seu nome citado ou outro tipo de proteção. Os danos causados nessas situações podem ser minimizados.

Mas nunca param de existir.

Você merece todo o meu respeito. É um amor de pessoa. É uma pessoa fantástica, guerreira. Continue sendo essa mulher lutadora que você é.

Celso Portiolli

(Depoimento concedido durante o Programa Raul Gil, na homenagem do quadro Pra quem você tira o Chapéu)

CAPITULO VINTE

DE TODAS NÓS

Ainda no primeiro semestre de 2018, o Celso Russomanno me procurou novamente, querendo que eu saísse como candidata a Deputada Federal pelo partido dele. Desde 2008, a cada 2 anos, em todas as eleições, ele me chamava. E eu não ia. Não acreditava na minha força política nem achava que estava com saúde para uma candidatura. Mas ele me convenceu a ir a uma reunião. Fui. E concordei com tudo o que eles falavam. Estava esgotada emocionalmente. O "sim" ficou mais bonito de dizer naquele momento.

Comecei a não conseguir pagar o condomínio do meu apartamento e tinha medo de que ele fosse a leilão. Eu ia perder tudo o que eu possuía. Socorro! Decide que eu tinha de entender o sistema e a burocracia de como os processos funcionavam. Por conta própria, percorri as esferas Federal, Estadual e Municipal, colhendo informações dos procedimentos, compreendendo as deficiências e as dificuldades do Judiciário. E havia uma luz no fim desse túnel. Só que esse era um túnel beeeeeem comprido.

Estava fazendo aquilo pelos meus filhos. Mas, na minha cabeça, para eu poder salvar o mundo, como em um avião caindo, a primeira máscara de oxigênio tinha de ser na mãe. E depois nas crianças. Eu precisava entender melhor que Justiça era essa. Não sou formada em Direito. Precisava estudar. Até para cobrar. E descobri que a Lei Maria da Penha era uma das melhores leis do mundo, que acabava sendo desconstruída pela nossa Constituição, que já tem mais de 80 anos. Jurássica.

Também achei bastante controversa a questão da pensão alimentícia. Com bons contadores e advogados, muitos homens conseguem se safar dessa responsabilidade, tirando seus nomes dos bens. No Brasil, só paga

pensão alimentícia quem tem holerite, que é assalariado, que rala para caramba, como o meu pai, que era funcionário púbico, e tinha a pensão descontada todo mês. Sem falar do safado que passa os bens para o nome da mulher, some e deixa um monte de dívidas para trás.

Filhos se criam com dinheiro, com estrutura. Esse papo de que pensão alimentícia é só para alimentos já está mais do que ultrapassado. A conta não é um quilo de arroz, mais um de feijão, outro de açúcar e outro de não sei o quê. A criança precisa de moradia, de remédio, de esporte, de lazer, de segurança. É tudo isso que vai fazer dela um ser humano competitivo, preparado para o futuro. O alimento também é importante, fundamental. Mas não é a única coisa.

Todas essas questões foram me inflamando. Eu vivia isso, havia muitos anos, em várias versões. Percebi que já vinha sendo injustiçada sem nem ter noção dos meus direitos concretos. Eu poderia ter desistido dessa vida havia muito tempo. Eu poderia pegar uma mala, viajar para os Estados Unidos, ilegal, e tentar arrumar um emprego por lá. Mas, de repente, percebi que não podia sair do Brasil, que tinha uma missão aqui que ia muito além de cuidar dos meus processos.

Comecei a participar de frentes femininas. Conheci mulheres incríveis. E muitos Projetos de Lei. Só que, para mim, quem faz projeto é arquiteto. Eu queria ação. E ações efetivas. As leis já existiam e precisavam ser cumpridas. O movimento mais sensato era me basear no que já existe hoje, no que já é real, para fazer uma ação. Já tentaram lançar duas leis com o meu nome e eu barrei. Leis dão prestígio e são muitas vezes apreciadas mais por quem não precisa delas.

Mas se não for para transformar algo efetivo, elas não adiantam de nada.

#

A batalha havia só começado e estava longe de terminar. O caminho era tortuoso e, muitas vezes, cansativo, desestimulante. Quando fui atrás de informação, consegui mais dados, e nem sempre projetava um cenário animador para meu futuro. Tudo era uma grande novidade para mim. E a minha vida ainda estava estagnada. Os processos parados. Eu sem emprego. Se colocasse o meu nome no Google, aparecia um monte de fotos minha deformada, doente. Quem é que ia me dar alguma credibilidade?

Era um domingo à noite. E eu tive uma conversa bem franca com Deus. Falei que eu estava cansada, que a minha vida era uma merda e perguntei se ele me odiava. Pedi perdão para ele, avisei que ia tomar toda a minha medicação de uma vez, ia dormir e queria acordar no céu. Torci para o céu não ser um lugar todo branco, sem cor, sem alegria, sem música, porque eu ia achar muito chato. Fiz uma oração. Tomei os remédios e me preparei para dormir.

Do nada, a Simone, da dupla Simone e Simária, me chamou no celular. E a gente nem tinha esse hábito. Ela perguntou de mim, se eu estava bem. Disse que estava preocupada comigo, com o Marcos. E me aconselhou a fazer um retiro, que ela pagava tudo para mim. Na hora eu concordei com tudo, porque só queria dormir. E no dia seguinte, quando acordei, percebi que não estava no céu. Mais do que isso, naquela segunda-feira era o dia de tirar a foto no partido para a campanha política.

Entendi aquilo como um sinal. Lutar contra a violência doméstica era definitivamente a minha causa. Nenhuma mulher tem de passar por tudo que eu passei. Fui para o partido, enjoada e com dor de cabeça. Fiz as fotos com uma cara horrorosa. E depois fui até para o tal retiro espiritual que a Simone sugeriu. Chegando lá, descobri que era da igreja evangélica batista e, de novo, encontrei acolhimento, conforto, respeito. Senti um pouco mais a minha conexão com Deus e vi como eu estava distante dele.

Na volta do retiro, abracei de vez a campanha política. Mas eu não tinha comitê, nem orçamento. Chamei algumas pessoas para me apoiar. Fiz

a campanha nas redes sociais. Peguei emprestado um computadorzinho e gravei meus vídeos perto do fogão, que era aonde a extensão chegava. O partido me deu *flyer*, adesivo, bandeira e espaço no horário político. Fazia o corpo a corpo nas ruas a pé, já que o carro que eu aluguei não funcionava. Transformei a campanha política na minha fisioterapia.

Ninguém ficou sabendo o que estava se passando nos bastidores da minha vida. A energia elétrica de casa chegou a ser cortada. Eu colava cílios à luz de velas, tomava banho gelado, mas não deixava de sair para trabalhar. Dizia para o Marcos que aquela não era a primeira e talvez nem fosse a última vez que iam cortar a nossa luz. Mas a gente ia em frente, levando a vida do mesmo jeito. E na hora nem doía tanto assim. Dói depois, quando a gente lembra.

Nas eleições, consegui 12.856 votos. Não me elegi, mas recebi tantos "parabéns" que era como se eu tivesse ganhado. Em 2018, as eleições foram atípicas. Tinha gente esperando 2 milhões de votos que só conseguiu 70 mil. Então, eu sai vitoriosa mesmo. Fiz a minha campanha em cima do fogão, sem nem saber o que era estratégia política, e obtive um resultado que foi considerado bastante expressivo. Consegui provar que eu era mais do que uma capa de revista.

Consegui provar que a minha luta era legítima.

#

Imaginei que eu tivesse que me aproximar ainda mais das lideranças femininas. Sempre que possível, eu ia a Brasília. E em uma dessas viagens, já no começo de 2019, eu encontrei uma deputada, que havia acabado de assistir uma reprise minha no programa da Luciana Gimenez e tinha gostado do meu discurso sobre pensão alimentícia. Ela entendeu a minha luta, me pegou pela mão e disse que se esse era mesmo o caminho que eu pretendia seguir, eu chegaria lá.

Eu precisava colocar esse discurso em prática. De alguma forma. Precisava transformar as minhas palavras até então em ações. Mesmo sem dinheiro. Tive uma ideia, o Sentinela do Bem, e postei nas minhas redes sociais durante uma madrugada. Essa minha amiga viu a postagem, entrou em contato comigo e me deu algumas dicas para que eu estruturasse melhor, tecnicamente, essa ideia. Eu nem dormi nessa noite. Ao amanhecer, já estava tudo pronto.

O Sentinela do Bem é um meio de recrutar, pelas redes sociais, pessoas que possam apoiar a mulher que sofreu algum tipo de violência e foi para a delegacia. Sem atrapalhar o serviço do Estado, essas pessoas levam "kits" com tudo o que essa vítima possa estar precisando: uma camiseta, uma caixinha de lenço, álcool gel, uma bolacha. Se as crianças estiverem junto, é só levar uma revistinha, uma caixa de lápis de cor, um brinquedinho, um lanchinho. Parece que não, mas tudo isso é muito importante.

As pessoas que oferecem essa ajuda mantêm o anonimato. Não trocam telefones. Não emitem opiniões. Não filmam nem fotografam dentro da delegacia. Vão sempre sozinhas. Elas estão lá para ajudar a acolher a vítima. Para abraçá-la, beijá-la. Ouvi-la, acarinhá-la, até que ela seja direcionada a uma casa ou serviço de acolhimento. Em geral, eu mesma faço plantão aos fins de semana ou feriados que, segundo os dados, são as datas em que a violência doméstica aumenta.

Também criei o S.O.S Mulher Oficial, que é uma central de informações para toda mulher que precisar de ajuda saber como se localizar, onde buscar. E nada disso exclui ou substitui os programas que já existem do governo. São ações paralelas, complementares, que focam nas vítimas. Comecei a fazer um trabalho também na própria Delegacia da Mulher, acompanhando mais de perto o drama dessas mesmas vítimas e dando voz e projeção para elas.

Descobri que não existem tantas Delegacias da Mulher quanto seria necessário. Uma ocorrência pode demorar de 3 a 5 vezes mais para ser

registrada do que se fosse feita em uma delegacia comum. E, na delegacia normal, essas vítimas são sempre atendidas e amparadas. Mas é preciso ampliar e fortalecer o trabalho desse corpo técnico, do delegado, do investigador, do escrivão, para melhorar ainda mais o atendimento dessas mulheres em todo Brasil.

Essa luta foi e será para sempre minha. É delas. É deles. É de todas nós!

CAPÍTULO VINTE E UM

OI, TUDO BEM?

Eu estou começando a ficar com trauma da frase: "Oi, tudo bem?". Tenho tido a impressão de que a maioria das pessoas que se aproxima de mim e pergunta "Oi, tudo bem?", no fundo, espera que eu responda que não está tudo bem. Elas perguntam e ficam esperando, me analisando, sempre querendo que eu conte uma desgraça, sempre querendo tirar o pior de mim. Vai me dando uma aflição. Parece que a pessoa deseja me ver mal para poder se sentir bem, melhor do que eu.

Nem quando eu tento ser cordial e fugir do assunto, me deixam em paz. Se eu respondo: "Está tudo bem", a pessoa logo rebate, perguntando se eu tenho certeza, porque ela está me sentindo "um pouco tensa", "um pouco triste". As pessoas adoram me analisar, principalmente quem não tem intimidade comigo. E não acho que isso acontece só porque eu sou famosa. Acredito que esse seja um comportamento geral do ser humano atual.

Quem quer o meu bem de verdade não fica perguntando, especialmente nos dias em que está mais do que claro que eu não estou legal. É melhor dizer alguma coisa engraçada, fazer uma brincadeira, falar de algo legal da televisão. Qualquer coisa que me tire daquela vala comum momentânea e me dê apoio. Não é também ficar falando que quer me ajudar. É fazer coisas, tomar atitudes, criar ações que não me façam ficar ainda mais refém de qualquer "ajuda", de qualquer muleta emocional.

Eu sou a Renata Banhara! Às vezes, demora um pouco, mas eu sempre me reconstruo. E agradeço. Sempre. Não me arrependo de nada do que eu fiz e, justamente por isso, não escondo nem mascaro as minhas atitudes. As pessoas deviam parar de ter medo do passado delas. Seja lá o que for,

difícil ou não, os outros vão sempre esfregar na sua cara em algum momento. Mas tudo isso também te trouxe até aqui. Tudo, de certa forma, te favoreceu, não necessariamente te prejudicou.

Fui, sou e ainda serei julgada por tudo o que eu faço. Já foi porque eu posei nua. Depois, porque eu participava da banheira do Gugu. Porque me casei com um sambista e com o rei do forró. Porque briguei pelos meus direitos e dos meus filhos. Porque desfilei em todas as escolas de samba. Porque fiz plástica. Porque fui vítima de violência doméstica. Porque me aproximei da igreja. Porque entrei para a política. Enfim... As pessoas parecem que vão sempre implicar com qualquer coisa que eu faça.

Então, eu não estou nem aí!

#

Outra pergunta que adoram me fazer é onde está o meu dinheiro. Perguntam mais do que a gerente do meu banco. É verdade que eu fiz uma receita boa. Guardei quando deu. E gastei quando precisei. Os meus cachês de televisão viravam mercado, farmácia, loja de brinquedo, loja de roupa. Depois, vieram os *videogames*, cartuchos, celulares. Ao contrário do que muita gente pensa, esse dinheiro nunca ficou na minha mão. Eu sempre vivi em torno e para os meus dois filhos.

Sempre investi nos meus filhos o máximo que eu tinha. Se alguém é rico no Brasil é o supermercado lá perto de casa. Eu ajudei a sustentá-lo. Com certeza! Tudo o que era meu se transformava em comida, fralda ou remédio. As pessoas acham que eu sou muito chique, muito cara. Mas eu não compro nada para mim. Nunca gastei muito com a "Renata Banhara". Aliás, a "Renata Banhara" é a mulher mais barata que existe na face da Terra. Eu ganho tudo. Roupa, mão, cabelo.

E nem sempre as minhas roupas são caríssimas. Eu adoro uma etiqueta de promoção. O vestido mais chique que eu usei até hoje em um

casamento, que todo mundo achou que era de grife, foi uma roupa de grávida, que eu comprei por 16 reais, acrescentei um cinto dourado e uma tiara vagabunda. Mas com um *make* maravilhoso e o cabelo arrumado, eu parecia uma deusa grega. Eu amo roupa de grávida. O tecido é mais gostoso, a roupa é mais larga, confortável.

Meu guarda-roupa veste duas Renatas. A primeira é a da televisão, aquela que se enfia em uma roupa que parece uma salsicha, muito apertada, que me espreme, dói e eu não consigo nem respirar. Na televisão, fica lindíssimo. Na vida real, é inviável, feio e desconfortável. Já a segunda Renata veste roupas mais folgadas, pijamas, peças de grávidas. E muita gente estranha quando me encontra na rua desse jeito. Ficam esperando a "mulher salsicha" e se deparam com a "mulher pijama".

O que eu vendo não é um saco de batatas, é a minha imagem, minha presença. Todo mundo fica falando que artista ganha muito dinheiro, mas se esquece que toda aquela estrutura tem um custo alto. Não é barato. Outras pessoas dependem da gente. As contas se multiplicam. E, muitas vezes, a única coisa estável na nossa vida é o custo fixo. Estabilidade garantida não existe na televisão. Não é um emprego vitalício. E por mais que se façam reservas, uma hora elas acabam.

Dinheiro vem e vai. A felicidade não está aí.

#

A minha casa era toda colorida. Agora está cinza. Meus filhos começaram a viver suas próprias vidas, cresceram. O Breno ainda está morando com o pai. O Marcos sai logo de manhã e só volta de madrugada. E, para mim, sobrou a síndrome do ninho vazio. É terrível. As cores me lembravam as crianças. Eu sinto saudades. A casa vazia me descontrola. É desesperador. Eu não sabia que isso existia. Ninguém me avisou com antecedência. Parece que a minha vida acaba ali.

Passei a odiar fim de semana, feriados. Eu me ofereço para fazer plantão na Delegacia da Mulher nessas datas, com o Sentinela do Bem. Ninguém acredita que eu posso. E eu não só posso como devo. Piro se ficar sozinha. Não gosto de balada, festa, barulho. O meu trabalho foi esse. De muitas cores, de muita gente, de muito tumulto. Mas era só trabalho. Não era eu. Eu gosto de ficar quietinha. Quero a minha família por perto. Mas eles não estão mais lá. As crianças não são mais crianças.

Estou me reconstruindo depois de ter sofrido violência doméstica. Preciso olhar para a frente. De uma nova Renata, de um novo rumo. Como sempre. E muito tempo depois deste livro ter sido escrito, eu acredito que vou continuar vivendo desse jeito. Eu não sei fazer de outro jeito. Não sei ser uma mãe diferente. Não sei ser uma mulher diferente. Eu aprendo. Evoluo. Mas sempre me preparo para uma próxima fase do jogo, que vai exigir de mim uma nova estratégia. Essa é a minha vida.

Para o futuro, para o dia de amanhã, eu queria que meus processos andassem. Em outro ritmo, de outra forma. Eu queria ter dignidade, me sentir respeitada. Mas não nutro grandes esperanças de que isso seja uma coisa que vai acontecer comigo. Acho que um dia ainda vou assistir à televisão, de cabelinho branco, e vou ver uma menina passar exatamente pelas mesmas coisas que estou passando hoje, só que com uma grande diferença: ela vai estar feliz porque as soluções já existem.

Do lado de cá, eu também vou ficar feliz, lembrando que eu não consegui na minha época, mas aquela moça conseguiu. E outra. E mais tantas. E eu fiz parte desse movimento, ajudei de alguma maneira. Todos os meus sonhos eram completamente diferentes disso. Mas as variáveis da vida são tantas que, às vezes, fica difícil se planejar. Só queria que meus filhos tivessem saúde, se formassem em coisas que eles gostassem e que fossem felizes. E para mim? Eu só queria me sentir em paz.

Bandeira branca, por favor!

MINHA VIDA EM IMAGENS

#FAMÍLIA

Os Banhara - Minha avó e meu avô com a minha mãe no colo

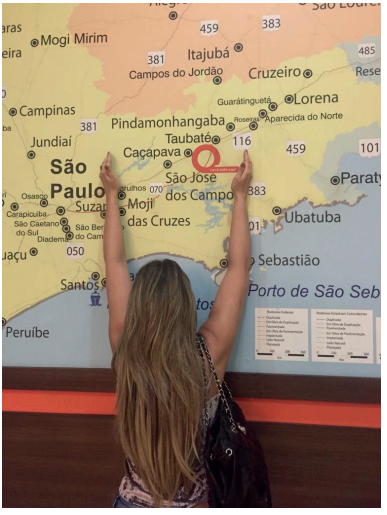
Meu pai, minha mãe e eu

Essa sou eu

Essa pose...

Esse sorriso...

O casarão dos Banhara



As distâncias da minha vida

Ninguém com a minha idade tinha a minha vida

Concursos de Miss

Adolescência

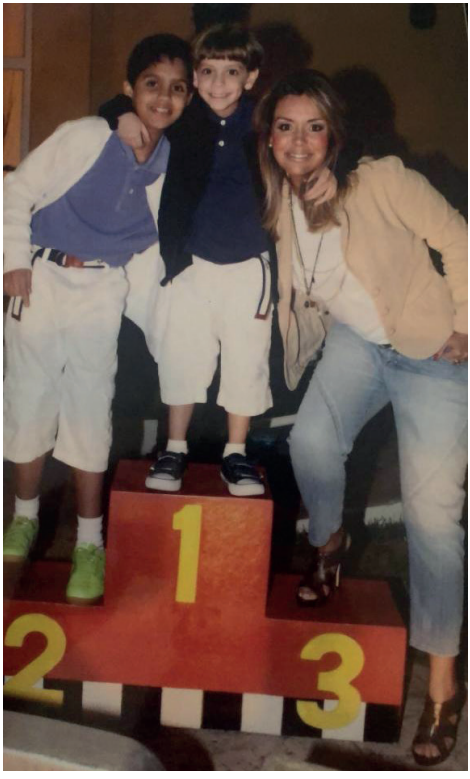
Minha Adolescência

Grávida do Marcos

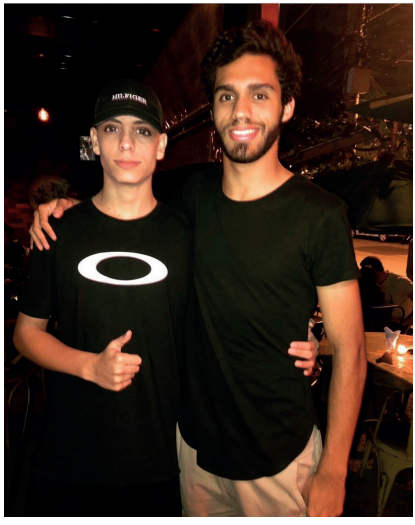
Eu e o Marcos

A gravidez do Breno

Eu e o Breno



Tudo pelos meus filhos



Tudo por eles

Filhos

Frank Aguiar, Breno e Renata

Mãe e filhos

Frank, Breno e Renata

#CARNAVAL

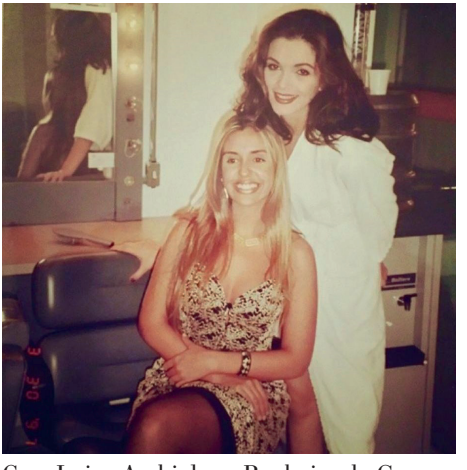
Sempre gostei de Carnaval

Para entrar no Guiness Book

Carnaval de 2016 - créditos Renato Cipriano

#FAMA

Quadro Taquicardia, também no Gugu



Com Luiza Ambiel, na Banheira do Gugu

Meu primeiro autógrafo

Jurada no Raul Gil

Daniela Albuquerque e Renata Banhara - créditos Andrea Dallevo

Nelson Rubens e Renata

Antonia Fontenelle e Renata Banhara - créditos Reprodução Youtube

Celso Russomano e Renata

Luciana Gimenez e Renata Banhara - créditos Renato Cipriano

Gilberto Barros e Renata

Leão Lobo e Renata.png

Celso Portioli e Renata - créditos Renato Cipriano

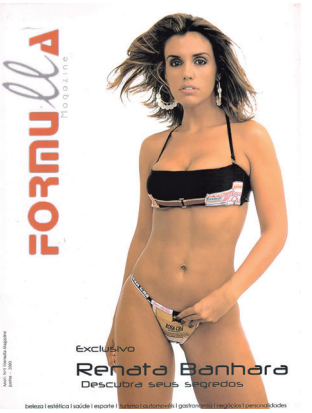
Raul Gil e Renata - crédito Renato Cipriano

Sonia Abrão e Renata Banhara - créditos Renato Cipriano

#CAPA DE REVISTA

ESPECIAL MELHORES DO ANO
PREMIUM
EDIÇÃO DE COLECIONADOR
RENATA BANHARA
MILENA SILVA
DANA E NADIA
ANGRA REIS
ANNA CAROLINA
LUANA, VANESSA E JULIANA
DJ NEOUM
NAIANA GOMES
GRACY KELLY
LEILA LOPES
ÂNGELA BISMARCHI
JÚLIA PAES
15 GATAS DELICIOSAS
MAIS DE 30 FOTOS INÉDITAS !!!

HAIR DESIGNER
Roger
MAGAZINE


FORMULA
Magazine
Exclusivo
Renata Banhara
Descubra seus segredos

elé ela
Renata Banhara
para o seu prazer
Troca de casais
ELEELA conta como é
Caia na folia com
Lu Andrade
Alexandre Frota
solta o bicho e detona Celulari, Mary Alexandre, Ronaldinha...
o melhor do fórum

corpo & estilo
O poder das agulhas
Conheça os benefícios da acupuntura nos tratamentos estéticos faciais e corporais
Sem flacidez!
Vale o sacrifício submeter-se às últimas novidades do mercado
Bye, bye celulite!
Dieta de 1 semana ajuda a exterminar os buraquinhos
Costas, ombros e tríceps
3 treinos para você fazer em casa e depois abusar dos decotes
Cabelo, estilo e maquiagem
O que vai estar em alta na meia estação
Renata Banhara
Muita energia e determinação fazem desta musa uma verdadeira
MULHER MARAVILHA

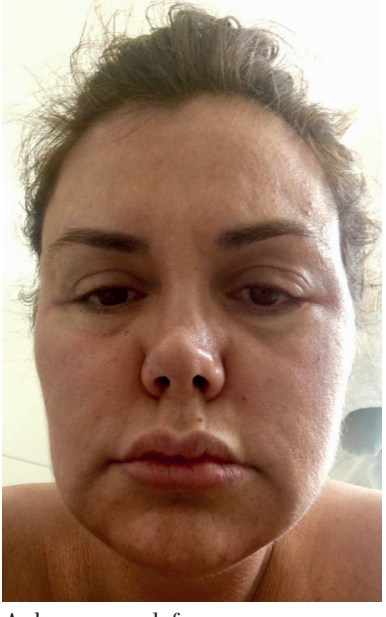
MUNDO DA FAMA
GORDO EVENTOS REALIZA O 1º BEACH PARTY SUMMER 2008
UMA DAS MULHERES MAIS LINDAS DO BRASIL CONTA OS DETALHES DO SEU DIA-A-DIA DE ARTISTA, EMPRESÁRIA, MODELO E MÃE
O FURACÃO RENATA BANHARA
CASAMENTO A ROMÂNTICA CERIMÔNIA DA CANTORA MARGARETH MENEZES
WALTER ZAGARI, EXECUTIVO DA TV
RECORD PRESTIGIA O SHOW DE ALINE MUNIZ

ESTILO DE VIDA
SEXY
Mariana Bóscoli
musa do Rio, e ponto final
Camila Pitanga
Virginia Nowick
Patrícia de Sabrit...
O CHEIRO DELAS
PELADA DE MULHER
mais que bola na rede
KARMMITA MEDEIROS
e a polaroid indiscreta
DOUTOR TULLII
você é ejaculador precoce?
TAUBATÉ, URGENTE!
Renata Banhara
a doce vingança

CARTAS
elé
DO FORUM
PRESENTE DEMADRINHO
NO MAR VIRTUAL
NO COLINHO DO CABELUDO
TODO MUNDO PASSOU A MÃO
ESTRELA NADA SOLITÁRIA
A GATINHA GENEROSA
TRANSAS NO SHOPPING
LINGUADA TERAPÊUTICA
CLASSIFICADOS
PROPOSTAS DE SEXO PARA TODOS

#HOSPITAL

O pós-operatório



A doença me deformou

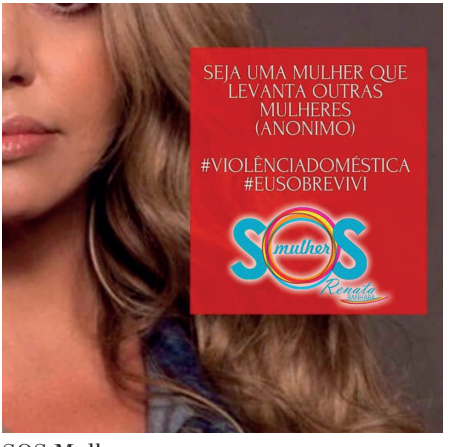
O hospital virou a minha casa

#TRABALHO

Minha campanha política em 2018

Minha quantidade de votos em 2018

Na Assembléia Legislativa



SOS Mulher

Na Delegacia da Mulher

Minha temporada em Nova York

Filiação partidária

Atuando em defesa da mulher